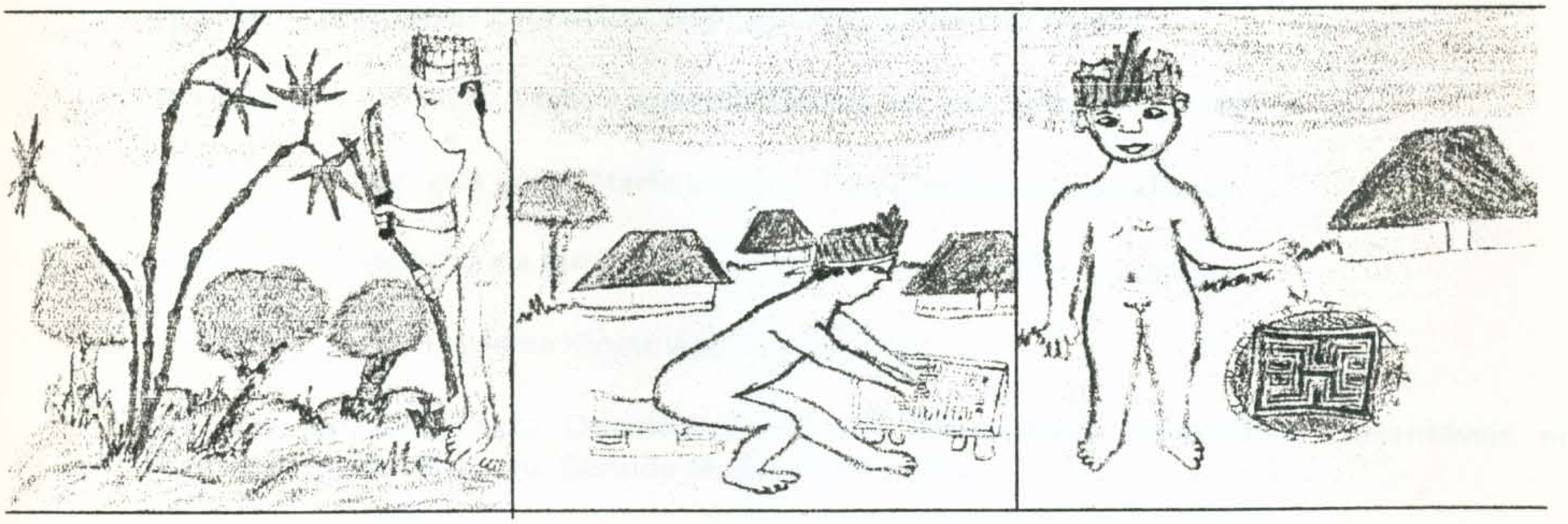
O LIVRO DAS PENEIRAS KAIABI

YRUPEMA RE JE MU´E

(VERSÃO PRELIMINAR)



ISA/ATIX/RFN
1999

MDI 287

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

http:\\ www.socioambiental.org

Av. Higienópolis, 901
01238-001 São Paulo - SP
tel: 55 11 825-5544
internet:socioamb@ax.apc.org

SCLN 210, bloco C, sala 112
70862-530 Brasília - DF
fax: 55 61 274-7608
internet:isadf@tba.com.br

O LIVRO DAS PENEIRAS KAIABI
YRUPEMA RE JE MU'E

Direitos Autorais- Professores Kaiabi do Parque Indígena do Xingu: *Aturi Kaiabi, Matari Kaiabi, Sirawan Kaiabi, Moreajup Kaiabi, Jamanary Kaiabi, Jemy Kaiabi, Awaoni Kaiabi, Araci Kaiabi, Tarupi Kaiabi, Awatat Kaiabi, Maure Kaiabi, Arupajup Kaiabi, Takapeju'i Kaiabi, Jywatu Kaiabi.*

Comunidades Kaiabi das Aldeias: Kapivara, Kururu, Maraka, Tuiarare e Kwaruja.

Coordenação indígena: Professor Aturi Kaiabi

Pesquisa nas aldeias junto às comunidades: Simone Ferreira de Athayde e Geraldo Mosimann da Silva - "*Programa Educativo Ecologia, Economia e Cultura*".

Organização, digitação e editoração eletrônica: Simone Ferreira de Athayde

Assessoria pedagógica geral: Maria Cristina Troncarelli e Estela Würker

Assessoria pedagógica na disciplina de matemática: Jackeline R. Mendes

Coordenação do Programa Xingu: André Villas-Bôas

Coordenação do Projeto Desenvolvimento de Alternativas Econômicas Sustentáveis no Parque Indígena do Xingu: Geraldo Mosimann da Silva

Coordenação do Projeto Formação de Professores Indígenas: Maria Cristina Troncarelli

Parceria: Associação Terra Indígena Xingu - ATIX
Av. Mato Grosso, 688, 78640-000.
Canarana - MT. Fone/Fax: (65)478-1948.

Apoio: The Norwegian Rainforest Foundation
Coordenação de Apoio às Escolas Indígenas/Ministério da Educação
Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso
Fundação Abrinq

São Paulo, setembro/99

APRESENTAÇÃO

O povo Kaiabi manifestou a idéia de organizar um livro sobre as suas peneiras, para que fique registrado no papel este conhecimento tão antigo e tão importante da arte de fazer peneiras desenhadas. Além disso, deixar os vários desenhos de peneira que o povo conhece documentados no papel, é uma ajuda para que este conhecimento não vá sendo esquecido com o tempo, para as novas gerações que vêm por aí. Novos desenhos e combinações vão continuar a ser criados, porque a arte é uma manifestação da cultura de um povo que nunca para de mudar. Cada pessoa cria outras combinações e até outros desenhos. É assim que o conhecimento vai aumentando e ficando mais rico. Por exemplo, os desenhos das peneiras Kaiabi passaram a ser usados nas redes e agora também a ser pintados nos bancos de madeira que estão sendo vendidos para os não índios.

Esta primeira versão do Livro das Peneiras Kaiabi é uma coletânea de todos os textos e desenhos existentes sobre o assunto. Uma parte do material apresentado foi feita na Aldeia Kururu, onde começamos um trabalho sobre as peneiras Kaiabi, com a orientação do Professor Tarupi Kaiabi. Outros textos e desenhos foram feitos pelos professores Kaiabi do Parque Indígena do Xingu, durante os Cursos de Formação de Professores Indígenas. Também foram incluídos textos, desenhos e fotografias feitos pelos não índios que já pesquisaram o povo Kaiabi e a sua cultura, como os antropólogos Georg Grünberg, que esteve com os Kaiabi no Rio Tatuy, e a Dra. Berta Ribeiro, que trabalhou com o grupo no Xingu. Colocamos também, fotografias com padrões de desenhos de peneira, tiradas de peças de museu e de peneiras feitas por pessoas no Parque.

Agora, corrigir, completar e terminar este livro é uma tarefa para os professores indígenas e o povo Kaiabi unidos, com o apoio de nós, professores e assessores não índios, que trabalhamos para ajudar vocês a deixar registrado este importante conhecimento.

ÍNDICE

HISTÓRIAS SOBRE AS PENEIRAS KAIABI 01

História do homem que foi buscar cana-brava 01

Wuy'wa Piarera nga Porongyta

Pequena história de Wuy'wa Piaret, como é que os desenhos das peneiras Kaiabi foram descobertos 10

PARTES DA PENEIRA 12

Yrupema pit

DESENHOS DE PENEIRA 15

Araa

MATERIAIS DO MATO USADOS PARA FAZER AS PENEIRAS 90

Estudo do Uruyp 90

Textos sobre o Uruyp feitos pelos Professores Indígenas 94

HISTÓRIA DOS ANTROPÓLOGOS QUE TRABALHARAM COM AS PENEIRAS KAIABI 99

SUGESTÃO DE PESQUISAS PARA COMPLETAR O LIVRO 105

PAPEL QUADRICULADO PARA REGISTRO DE DESENHOS 106

HISTÓRIA DO HOMEM QUE FOI BUSCAR CANA BRAVA WUY'WA PIARERA NGA PORONGYTA

Narrador: Tarumani Kaiabi. História contada no dia 25/06/1999, na Aldeia Kururu.

Tradutor e escritor : Professor Tarupi Kaiabi. A história também está sendo escrita na língua Kaiabi.

Um certo dia, muitas pessoas saíram do Rio Peixoto de Azevedo para outros lugares, procurar os inimigos para guerrear. Durante a viagem no mato, as pessoas foram morrendo, porque em outros lugares dos matos existiam muitos bichos bravos como: muriçocão, cobra-facão e outros. Então, primeiro o pessoal foi atacado pelo muriçocão; no outro acampamento o pessoal foi cortado pela cobra-facão e sobrou só uma pessoa. Essa pessoa era um homem muito sabido, ele era prevenido. Onde ele dormia, ele fazia uma cerca com muitas varas para se proteger do bicho barbo.

Quando o pessoal dele acabou, ele ficou sozinho caminhando no mato. Ele ficou muito tempo no mato, a mulher dele já ficou com outro homem, já tinha casado com outro marido. Ela tinha filha e filho, todos os filhos e filhas cresceram, casaram também. Porque o primeiro marido ficou muitos meses no mato.

Esse homem continuou caminhando até que ele chegou no rio da canabrava, que é o Rio Xingu, porque só neste rio existe muita canabrava até hoje. Quando ele chegou neste riozão, ele começou a procurar transporte para atravessar para o outro lado do rio e ele começou a andar na beira do rio até chegar no jaó, era bem de tardezinha. Aí ele falou para a jaó:

___ Oi, vovó, como é que está, tudo bem?

___ Oi, meu sobrinho, comigo está bom, e você, sobrinho, tudo bem com você?

___ Tudo bem comigo, vovó.

Quando foi às oito horas da noite, ele falou para a jaó assim:

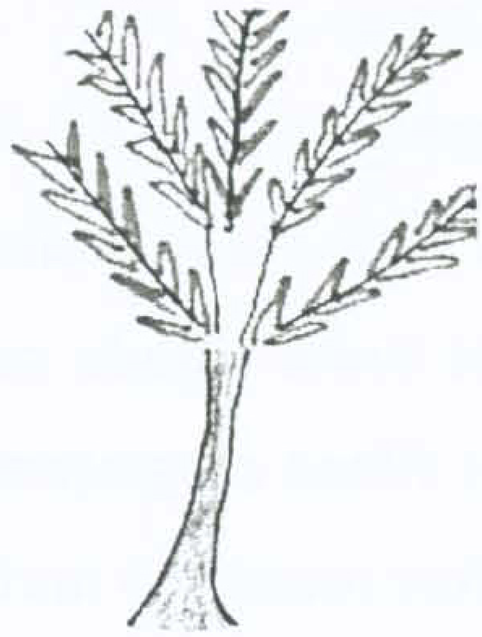
___ Vovó, eu vou deitar com você, tá?

___ Não, sobrinho; minha rede é muito pequena e a corda da rede também é muito fina; senão, vai arrebentar para nós.

___ Vovó, eu fiquei muitos meses no mato sem deitar numa rede, porisso eu quero me deitar com você, vovó.

___ Não, sobrinho, deita aí na beira do fogo para esquentar seu corpo, tá sobrinho?

___ Não, vovó, lá vou eu deitar.



Desenho: Kamilita Kaiabi

Essa pessoa tentou, tentou, mas a jaó também negou, negou, até que ele foi para perto da jaó e começou a deitar com ela. Quando ele deitou a rede arrebentou, caiu tudo no chão e a jaó voou com tudo: fogo, rede e a casinha também ela levou. A jaó atravessou para o outro lado do rio e lá ela ficou assobiando para ele de novo, mas o homem não foi lá porque estava muito escuro e ele amanheceu lá mesmo. Bem cedo ele começou a gritar de novo. Ele gritou, gritou, aí veio um urubu, sentou perto dele e falou assim:

--- O que é que você quer?

--- Eu estou procurando alguém para me atravessar.

--- Ah! Eu levo você para o outro lado do rio.

--- É, então vai pousar naquele barranco limpo, tá?

Aí o urubu voou, mas o vôo dele era muito doido. O urubu voltou, sentou perto dele e falou para ele:

--- E aí, você vem comigo?

--- Não, eu não vou, seu vôo é muito doido.

Aí o urubu foi embora. Ele gritou de novo, gritou, gritou, aí veio o mutum, sentou perto dele, falou assim para ele:

Desenho: Jawutari Kaiabi

--- Oi, companheiro, o que você manda?

--- Eu estou gritando para vocês, para vocês me atravessarem para o outro lado do rio.

--- Ah! Eu levo você, tá bom?

--- Então você vai primeiro, eu quero ver você.

Aí o mutum voou e foi sentar na boca do camarão enorme, que comeu o mutum. Aí ele ficou olhando o mutum que foi comido pelo bicho da água. Depois disso ele gritou de novo: gritou, gritou e o jacaré borbulhou a água, junto com o borbulho, um jacaré muito grande boiou. O jacaré respondeu assim:

--- O que foi, meu amigo?

--- Não, eu estou procurando uma pessoa para me atravessar para o outro lado do rio.

--- Muito bem pode vir, eu vou levar você, tá bom?

--- Então vai sozinho primeiro, eu vou colocar pau seco em cima de você, tá?

--- Tá bom.

Aí o jacaré saiu com pau seco nas costas, até chegar na beira do outro lado. O jacaré voltou com esse pau seco de novo e falou para ele:

--- Pode vir, eu vou atravessar com você tranqüilo.

--- Tá bom, eu vou sim.

Ele foi e sentou encima do pau seco. Aí, o jacaré perguntou para ele:

--- E aí, você já sentou?

--- Sim, já está pronto, pode ir.

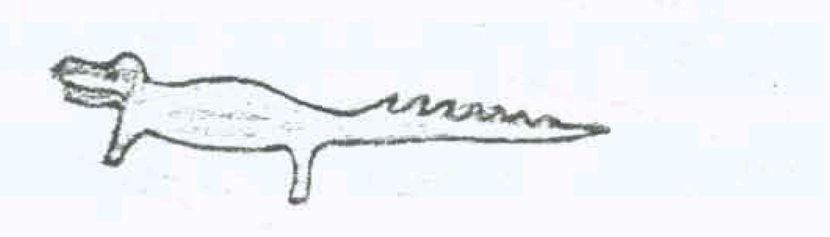
O jacaré começou a andar com ele, quando foi bem no meio do rio, o jacaré falou para ele assim:

--- Oi, eu quero que você me xingue, pode falar do meu olho, do meu corpo, tá?

--- Olhe, eu não vou xingar o senhor, você é gente boa. O jacaré ouviu tudo o que ele falou, andou com ele de novo e repetiu a mesma coisa:

--- Oi, companheiro, eu quero que você me xingue, tá?

--- Oi, gente boa, eu não vou xingar você não, tá? Porque é que eu vou falar mal de você?



Desenho: Jawutari Kaiabi

Não, pode me xingar, pode falar do meu nariz, do meu rabo feio, pode falar do meu olho, pode falar do meu corpo feio, tá?

--- Não, eu agrado você, você é gente legal, só você que está me salvando, me atravessando para o outro lado do rio, então eu não posso falar mal de gente boa.

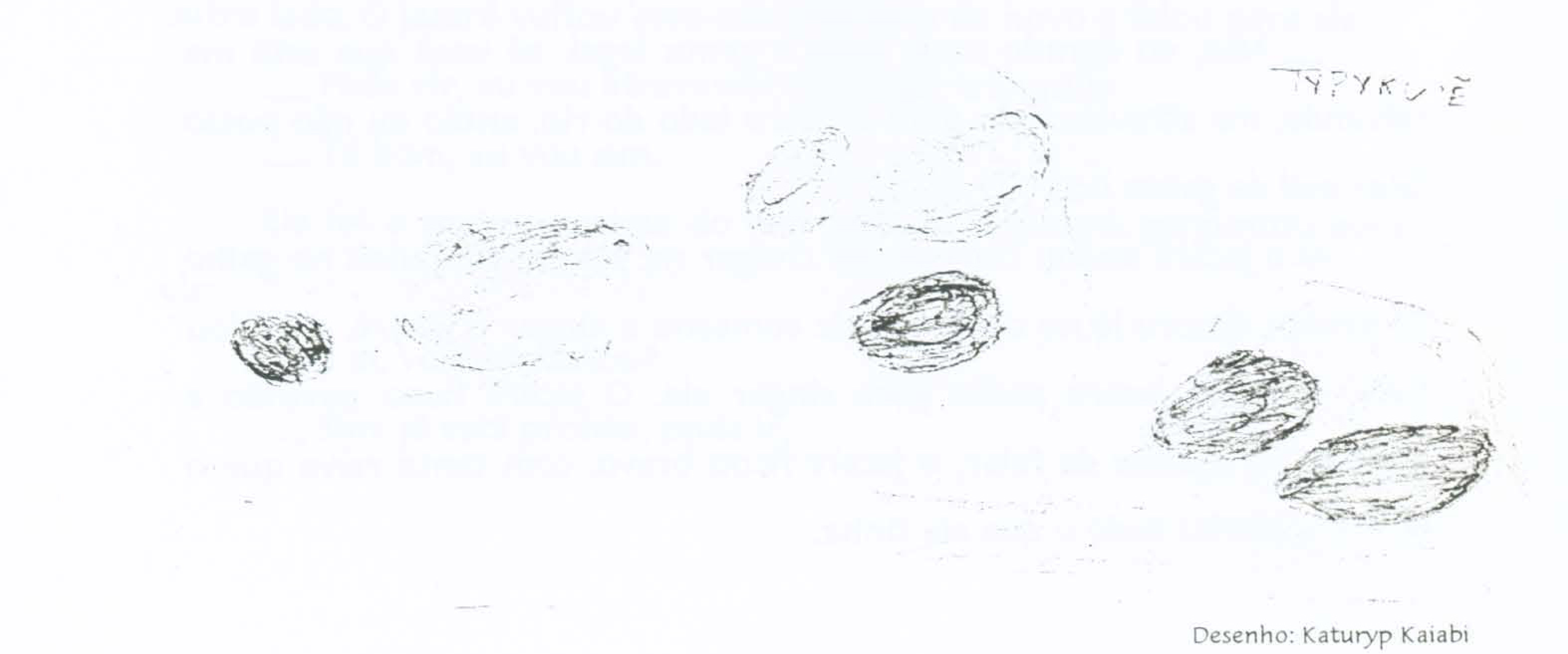
Aí o jacaré andou com ele até chagar na beira e ele pulou no galho da árvore, desceu lá no chão e aí ele começou a xingar o jacaré, ele falou tudo o que o jacaré pediu para xingar ele. O jacaré ficou ouvindo e quando ele acabou de falar, o jacaré ficou bravo, com tanta raiva que o jacaré quebrou tudo o que ele tinha.

Pronto, ele atravessou para o outro lado do rio e ficou tranqüilo, ficou contente. Aí ele ficou só caminhando e quando foi escurecendo, ele chegou no sapão. Ele ficou embaixo dele, quando foi meia noite, o sapão virou a cara para o rumo da aldeia dele. O sapão, quando virou para o rumo do lugar dele, falou o nome do rio que ele mora. Aí ele começou a perguntar para o sapão, mas o sapão não respondeu mais.

Quando foi de madrugada, o sapão se afastou dele e ele ficou sozinho até amanhecer. Bem cedo ele partiu no rumo que o sapão falou, caminhou, caminhou e escureceu novamente. Ele fez acampamento e deitou. Quando foi sete horas, o cupinzeiro começou a falar e deu medo nele, o cupinzeiro ficou falando até amanhecer o dia. Bem cedo, ele foi lá e avistou só cupinzeiro.

Aí ele caminhou de novo, até escurecer. Aí ele fez acampamento e deitou. Quando estava bem escuro, a taquara começou a falar de novo até amanhecer. Bem cedo, ele foi lá de novo e avistou só taquara, aí ele cortou dois metros de taquara e caminhou de novo para o rumo da aldeia dele.

CUPINZEIRO - TYPYKU'E

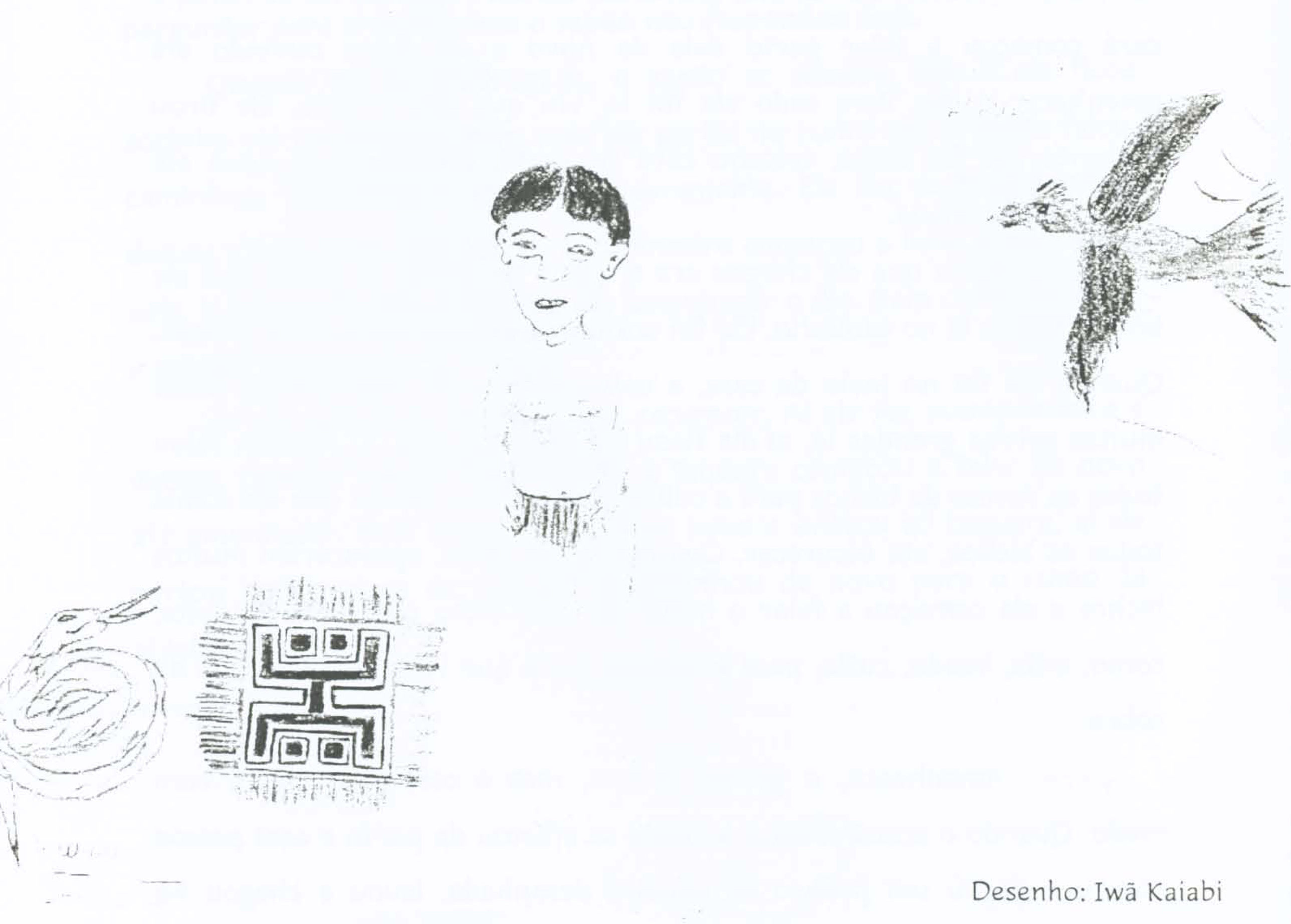


Desenho: Katuryp Kaiabi

Escureceu novamente, ele fez acampamento, deitou e quando foi sete hortas, a madeira começou a falar de novo. Essa madeira se chama *araity* na língua Kaiabi, esse araity ficou falando até amanhecer o dia, para tirar a ramela do olho dele. Bem cedo, ele foi lá e viu que era cera que o povo Kaiabi usa para colar flecha. Aí ele tirou cera e caminhou de novo até escurecer, ele fez acampamento, deitou e quando foi de noite, o cará começou a falar perto dele de novo e ele ficou ouvindo até amanhecer o dia. Bem cedo ele foi lá, viu que era o cará. Ele tirou bastante, ele fez cesto, colocou cará na cesta, caminhou de novo até chegar numa aldeia.

Essa aldeia que ele chegou era a aldeia da cobra, as coisas que ele levou, deixou lá no caminho. Ele foi sozinho e entrou numa casa grande. Quando ele foi no meio da casa, a cobra fechou as duas portas, tinha muitas cobras grandes lá, aí ele ficou no meio da casa. O homem falou todos os nomes de bichos para a cobra, mas a cobra falava que ela comia todos os bichos, até escurecer. Quando foi de noite, apareceram muitos bichos e ele começou a falar o nome de cada bicho que anda de noite, como: anta, veado, cutia, paca e outros, para que viessem salvar ele da cobra.

Amanheceu, o gavião cantou, mas a cobra não ficou com medo. Quando o acauã cantou, a cobra se afastou da porta e essa pessoa correu e pegou um pedaço de peneira desenhada, levou e chegou na aldeia com essa peneira.

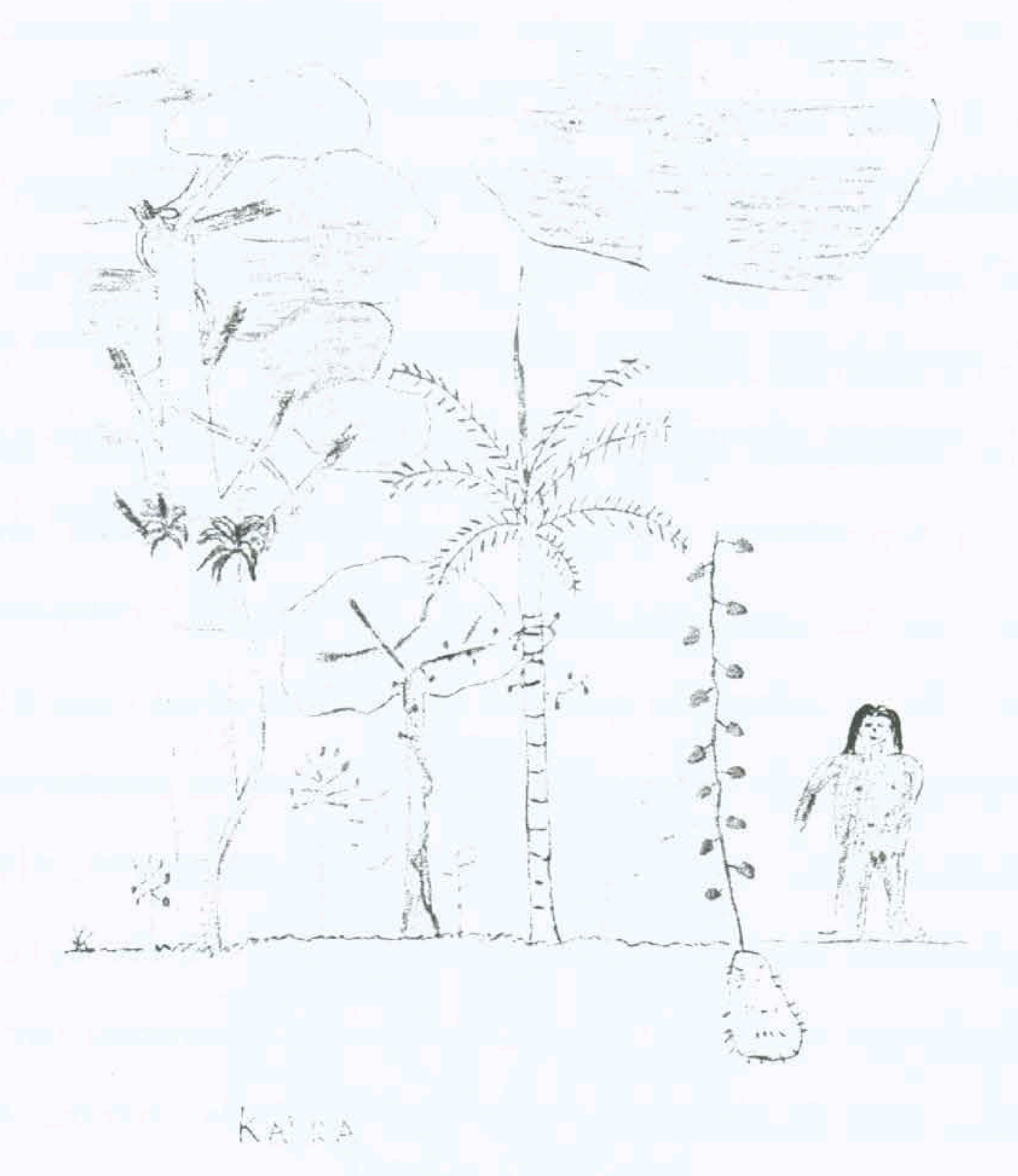


Desenho: Iwã Kaiabi

Quando o acauã canta, Wuy'wa Piaret pega um pedaço de peneira desenhada da casa das cobras jararacas.

Quando ele chegou lá na aldeia dele, ele deu taquara para o homem que casou com a esposa dele. Na hora que a esposa dele o viu, largou do outro e ficou com ele. Esse homem que tinha casado com a esposa dele ficou xingando ele com a flauta, mas o dono da mulher não sentiu nada. Ele só falou para o outro que quem não anda é assim mesmo, fica engordando dentro da casa.

Foi assim que o povo Kaiabi descobriu os desenhos das peneiras, que até hoje eles fazem. Além disso, esse homem descobriu a cana brava usada para fazer flecha, a cera para colar os enfeites na flecha, a taquara e o cará. Assim termina essa história.



Desenho: Geraldo Silva

PEQUENA HISTÓRIA DE WUY'WA PIARET, COMO É QUE OS DESENHOS DAS PENEIRAS KAIABI FORAM DESCOBERTOS

Autoria desta versão: Iwã Kaiabi, baseado na história contada por Tarumani Kaiabi.

Orientação: Professor Tarupi Kaiabi.

O Wuy'wa Piaret era um homem muito esperto e sabia para onde ele iria caminhar. Também ele era um pajé muito grande, porisso ele entendia de tudo. Ele começou a andar primeiro no Rio Peixoto , que nós chamamos na língua Kaiabi *Mayey*. Foi naquele rio que ele andou primeiro e começou a conhecer as coisas. Os animais, os pássaros, tudo o que existe no mato e também ele foi conhecendo vários tipos de materiais que nós usamos até hoje.

Depois de conhecer vários animais e materiais ele pensou em caminhar para a Amazônia. Foi lá que ele conheceu mais animais que não existem aqui nesta terra. Da Amazônia, ele voltou e caminhou para o Rio Araguaia. Foi lá no Araguaia que ele encontrou uma casa que não era da gente, era uma casa da cobra. De longe ele estava avistando, até que ele pensou de chegar lá. Aí ele andou e chegou na porta, ele entrou e olhou para o canto da casa mas não tinha ninguém. Aí ele parou no meio da casa, encostado no esteio da casa. De repente, apareceu um monte de cobras jararaca, e elas fecharam a porta por onde ele entrou. Aí ele ficou

preso no meio da casa e uma cobra grande ficou na outra porta para não deixar ele sair. Aí a cobra disse para ele:

--- Você está preso.

Logo que a cobra falou ele olhou para a porta e viu que a porta estava cheia de cobras. Quando ele estava preso dentro da casa da cobra, ele começou a falar o nome de cada um dos pássaros. Aí ele disse para a cobra:

--- Esses pássaros são a minha defesa.

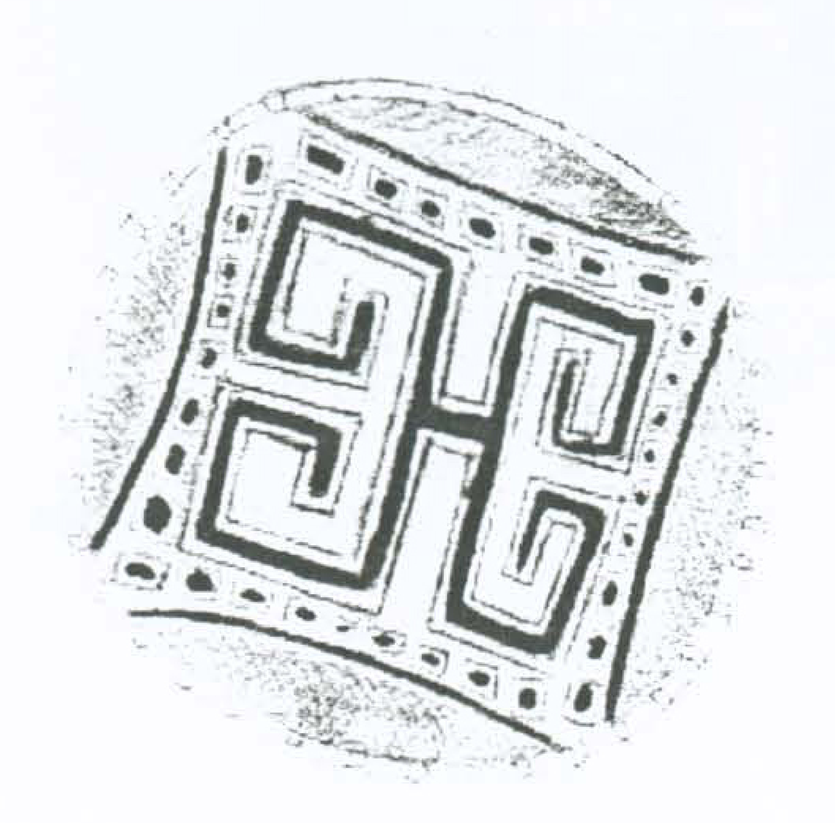
Aí, a cobra respondeu:

--- Eles são a minha comida.

Logo que a cobra falou isso, o gavião acauã cantou e ele disse para a cobra:

--- Isso que é minha defesa de verdade.

Assim que as cobras ouviram a fala do acauã, elas saíram da porta e fugiram para o mato, deixando todas as coisas para trás. Aí que o homem pegou da cobra um pedaço de peneira desenhada. Esse desenho foi pego da cobra. Foi assim que o homem Kaiabi aprendeu os desenhos da peneira. Finalizo por aqui.

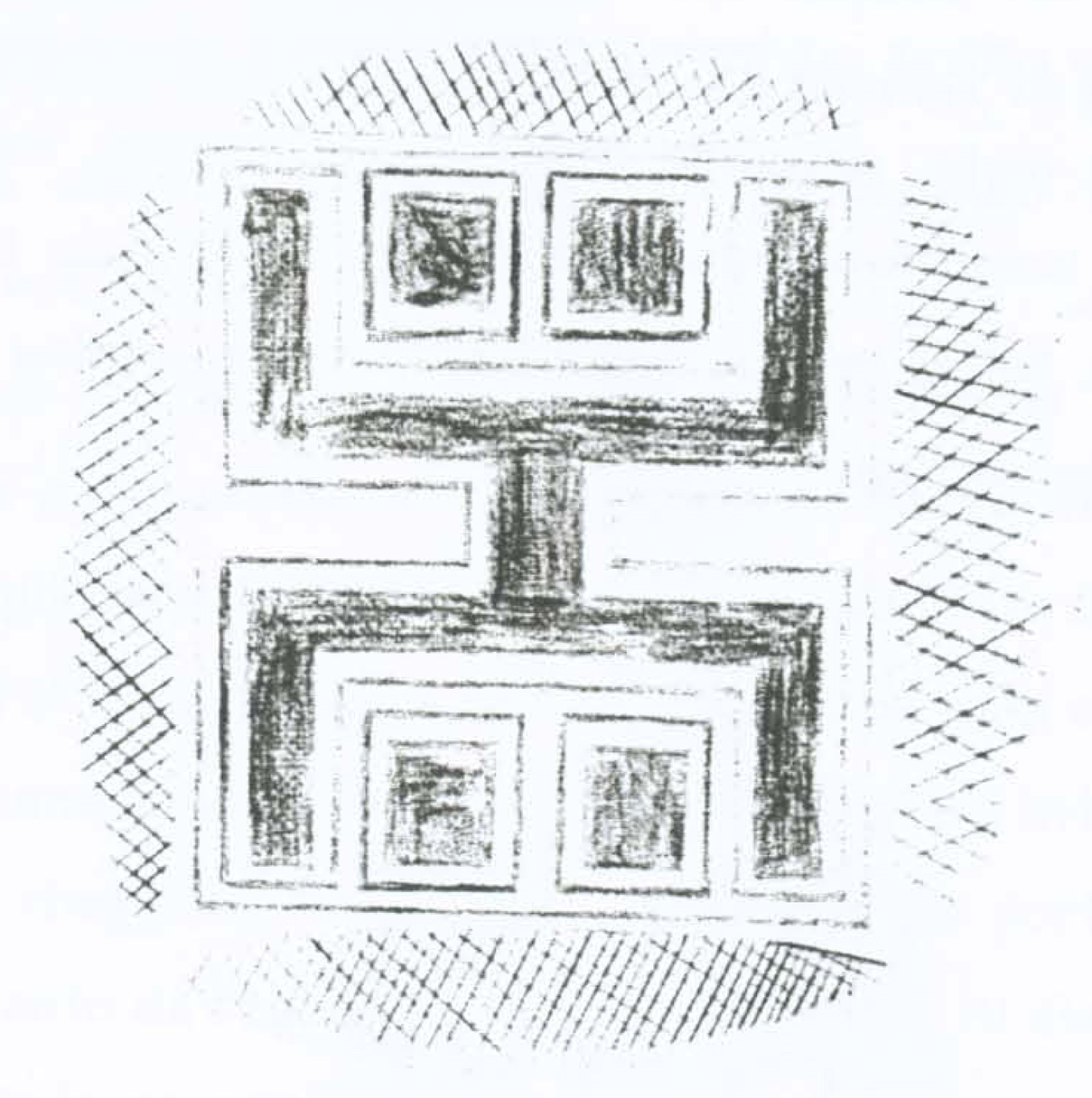


Desenho: Myaojup Kaiabi

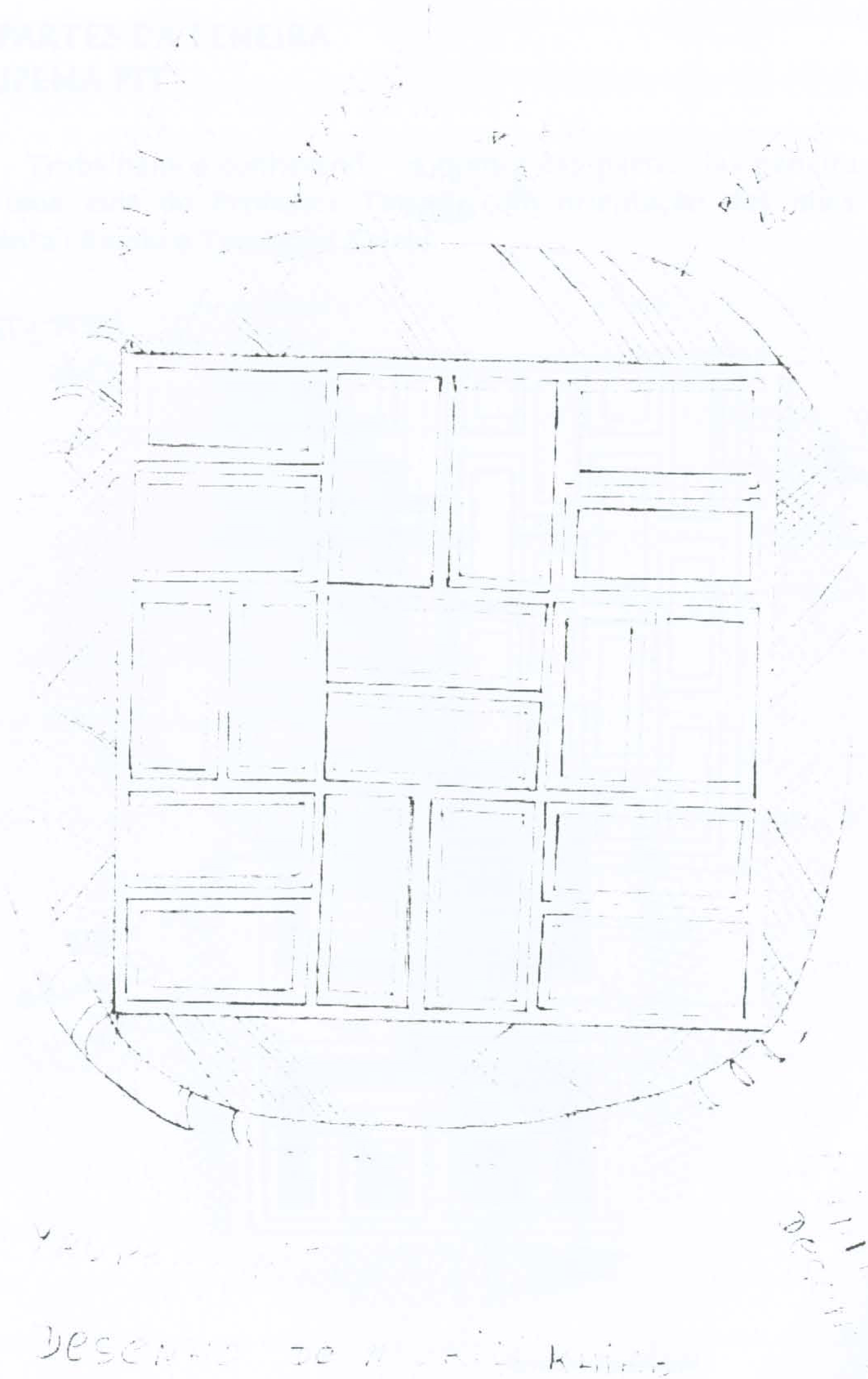
AS PARTES DA PENEIRA
YRUPEMA PIT

Trabalhamos conhecendo os nomes das partes das peneiras Kaiabi em uma aula do Professor Tarupi, com orientação dos mais velhos: Kawinta'i Kaiabi e Tarumani Kaiabi.

Alça: jam
Borda: jatyp
Desenho: araa
Amarração: jfaap
Cabo: jpepoyta



Desenho: Tere Kaiabi



OS DESENHOS DAS PENEIRAS KAIABI ARAA

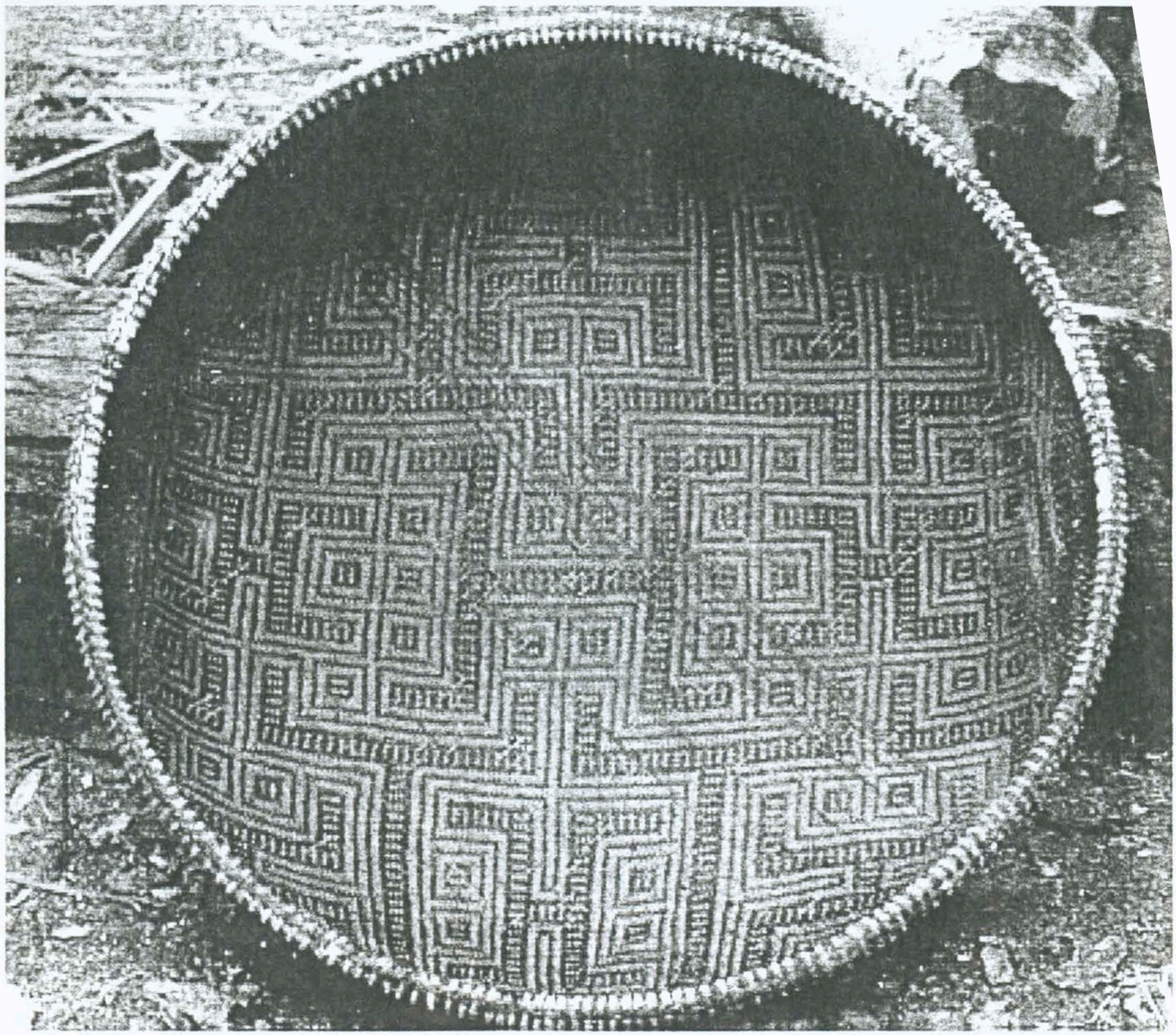
Os desenhos que são feitos nas peneiras, bancos e em outros artesanatos e as pinturas do corpo feitas pelos povos indígenas, também podem ser chamados de **padrões gráficos**. A palavra "gráficos" vem da escrita (grafia=escrita), significando que os desenhos que os povos indígenas fazem são um tipo de escrita, representam uma maneira de comunicação e de identificação de um povo.

Como as sociedades índias e não índias tem a linguagem falada e escrita, o conjunto de padrões gráficos que um povo utiliza também é um tipo de linguagem, só que representada por meio de desenhos. Muitas vezes, um desenho que é usado na pintura corporal (pintura do corpo) também é passado para outros materiais, como a cerâmica, os bancos, a cestaria, e outros tipos de artesanato.

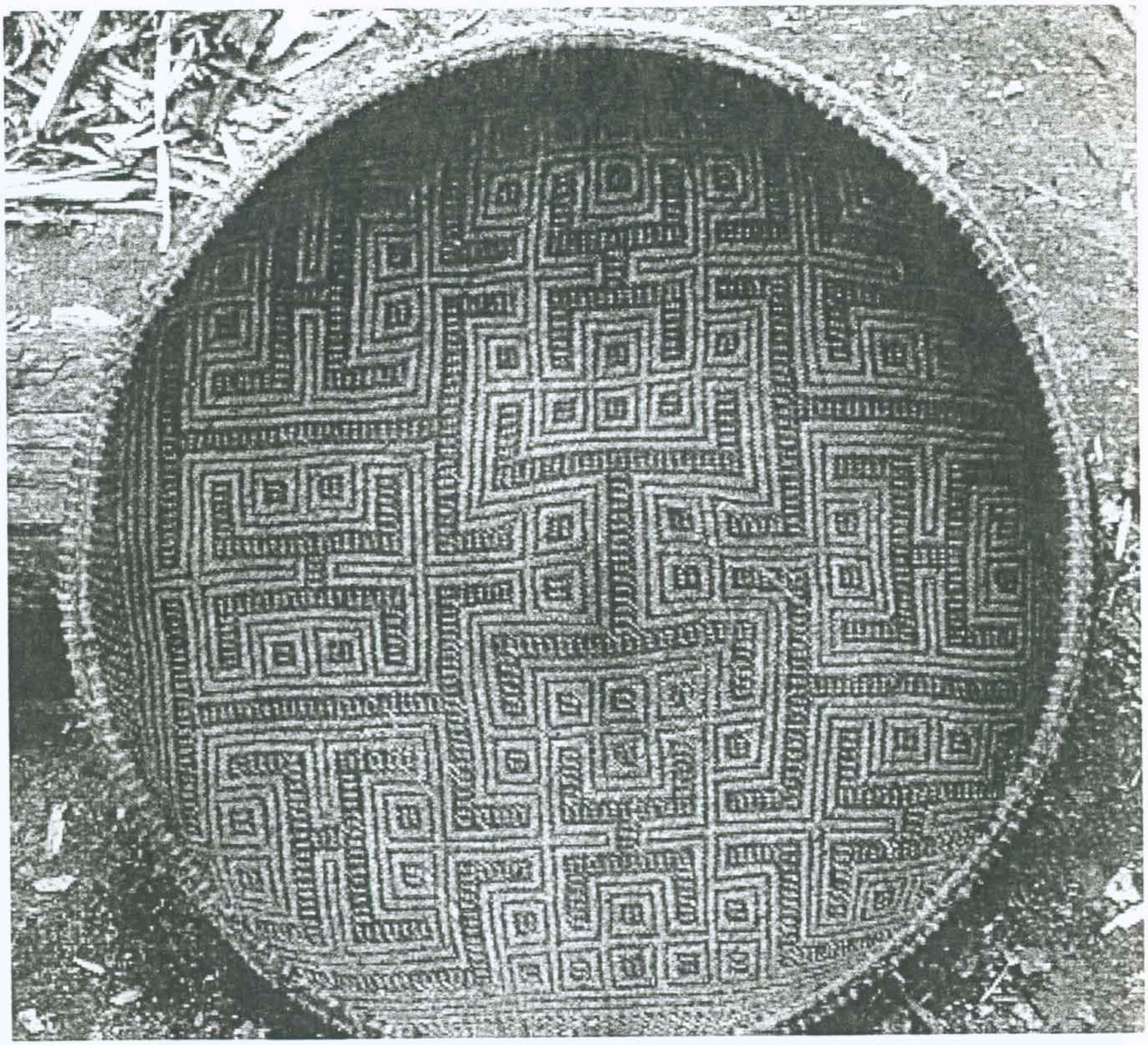
Alguns antropólogos se interessam pelo estudo desta maneira de comunicação, esta linguagem "desenhada", que é única para cada povo indígena. Eles estudam o que estes desenhos podem significar para os povos que os fazem. Ou seja, como estes desenhos estão ligados com os costumes, a religião, a natureza e a vida em grupo destes povos.

A seguir, estamos colocando todos os padrões de desenho de peneiras existentes em livros e fotografias. Deixamos um espaço para que vocês, professores e comunidades, completem as informações sobre cada tipo de desenho. Vocês podem colocar o nome do desenho na língua, ver se tem tradução para o português, escrever o nome das partes daquele desenho, pesquisar alguma história relacionada com o desenho, dizer se é fácil ou difícil, se bastante pessoas sabem fazer ou só poucas. Depois, vocês podem fazer um exercício de tentar colocar os desenhos na ordem em que são aprendidos pelos homens Kaiabi. Enfim, tem várias coisas que podem ser completadas sobre os desenhos e como eles são aprendidos.

Foto tirada por Georg Grünberg no Rio dos Peixes, em 1966. Mulher Kaiabi indo para a roça, levando uma peneira.



Número 1- Foto de Georg Grünberg, Rio dos Peixes, 1966.

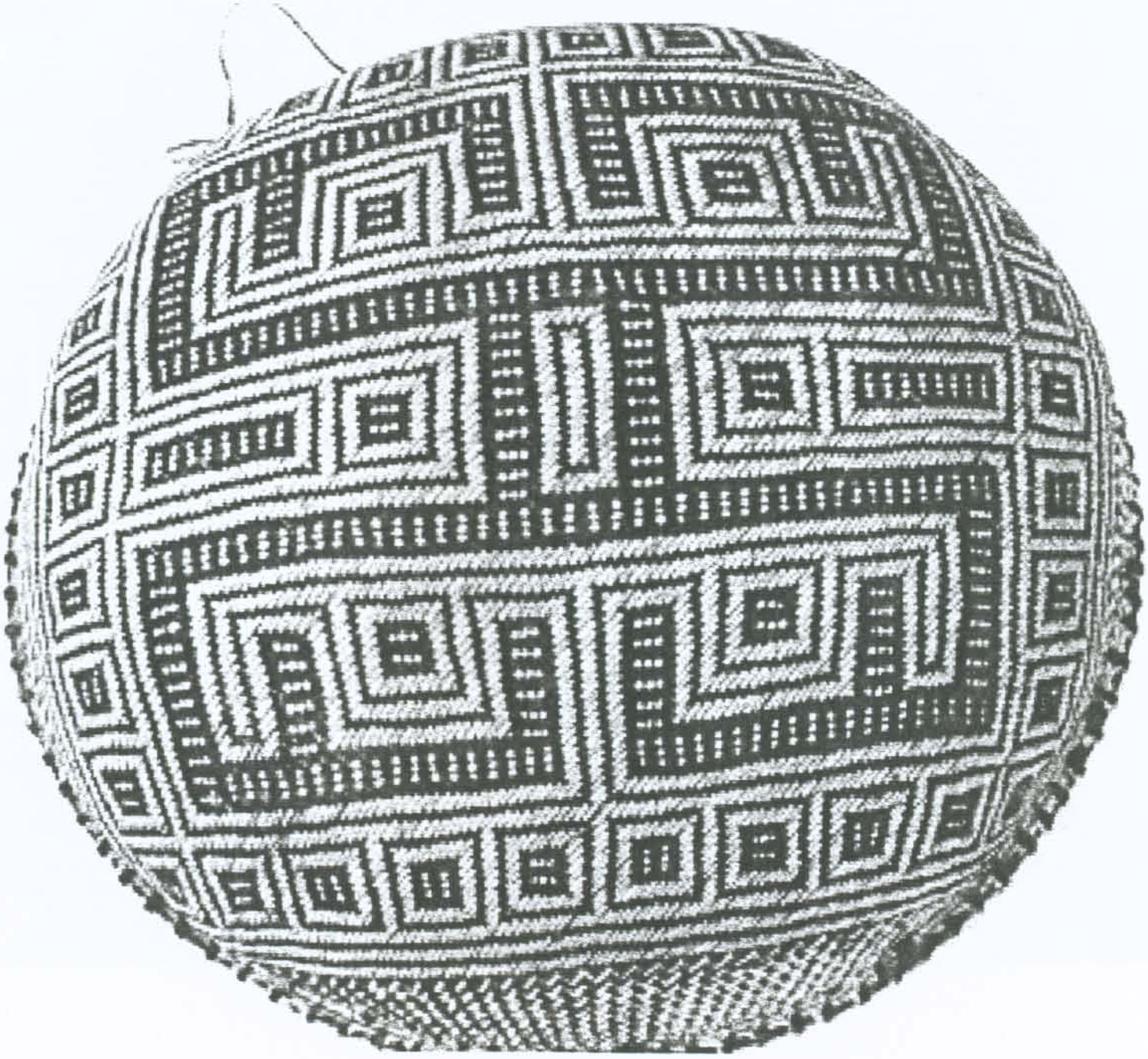


Número 1a- Foto de Georg Grünberg, Rio dos Peixes, 1966.

Escreva neste espaço, informações sobre os desenhos número 1 e 1a:

Número 2- Foto de Georg Grünberg, Rio dos Peixes, 1966.

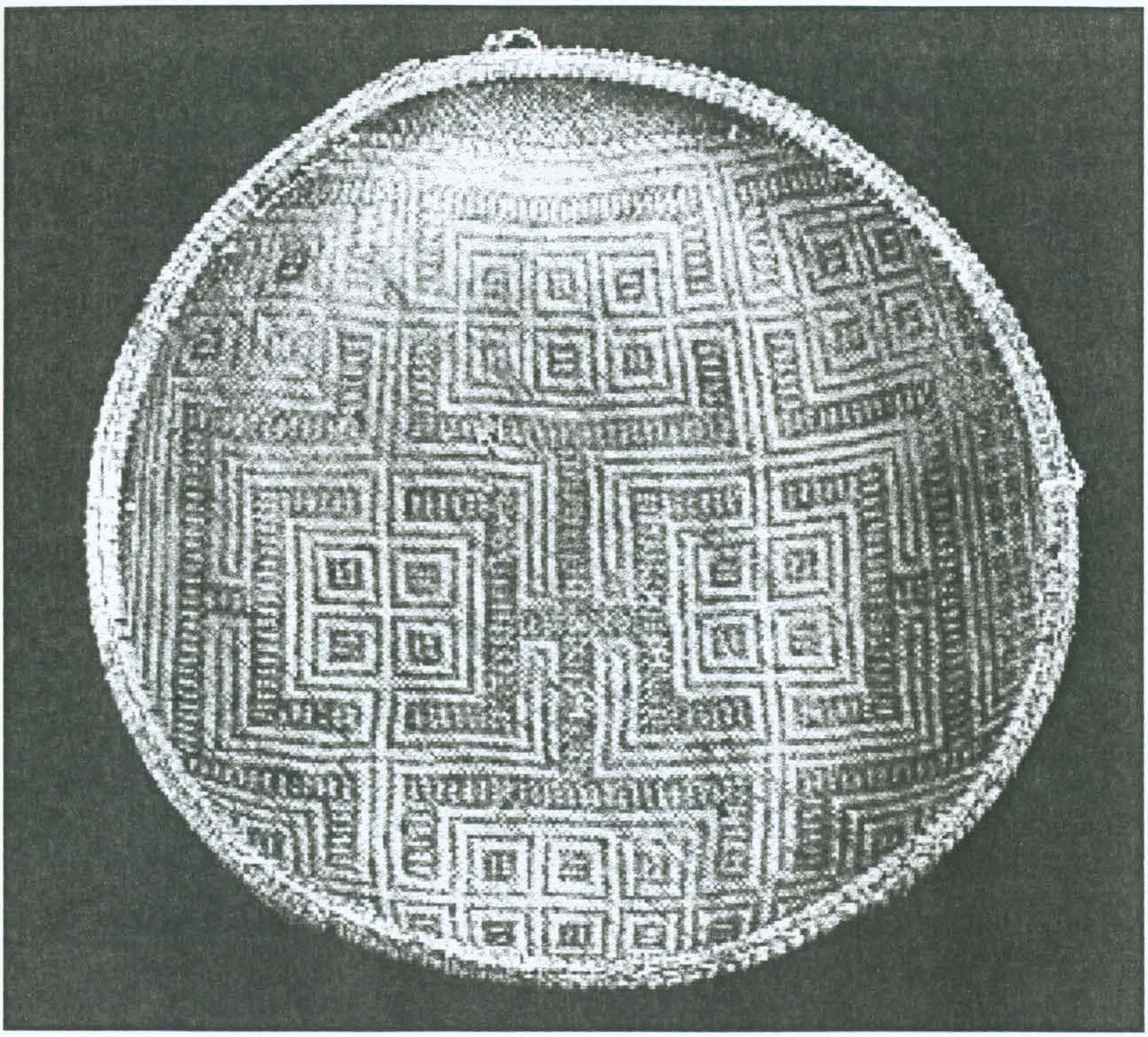
Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 2:



Número 3 - Foto recente tirada na Aldeia Kururu. Peneira feita por Preajup Kaiabi. Foto: Simone Athayde.

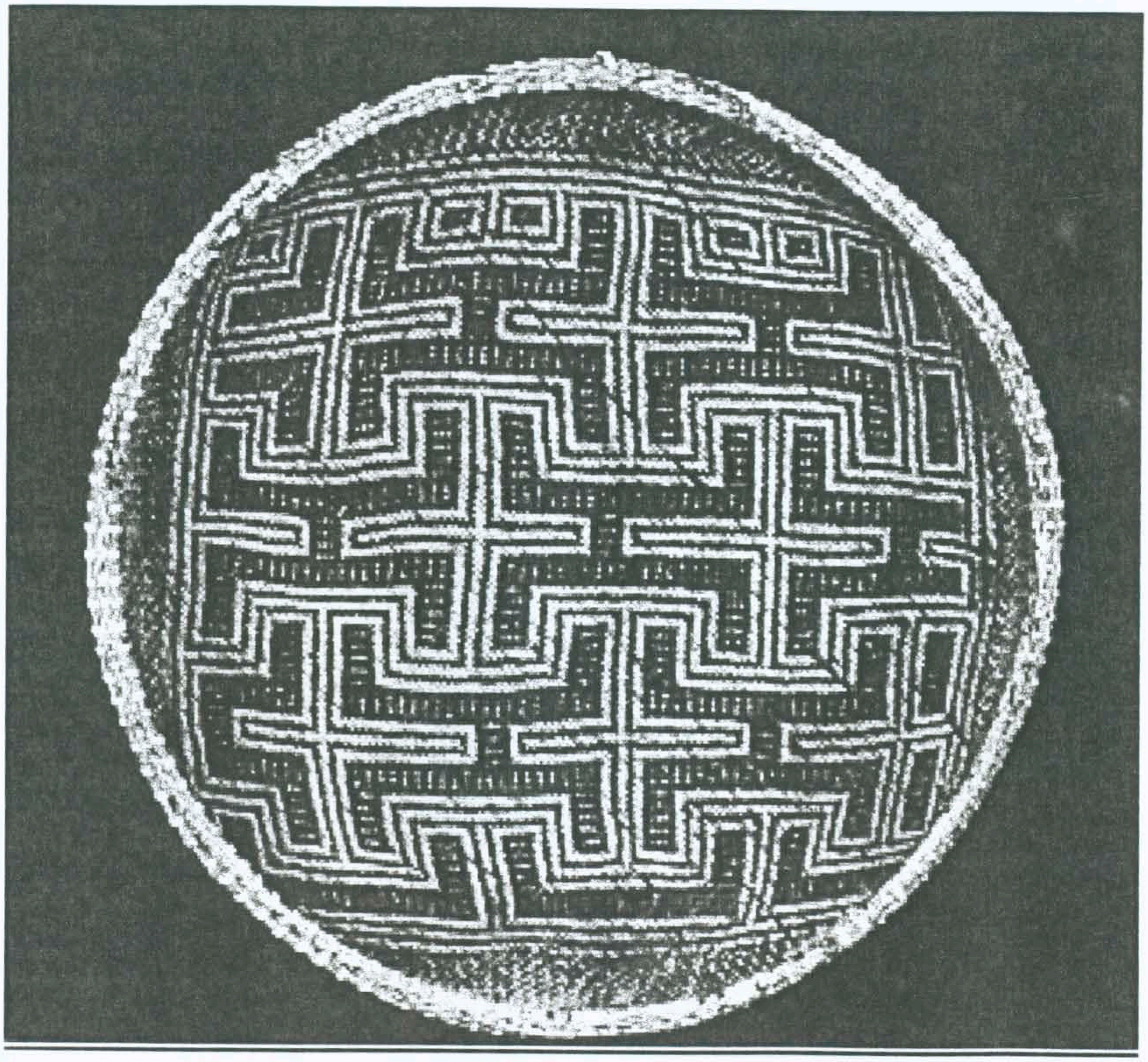
Escreva neste espaço, informações sobre os desenhos números 3 e 3a:

Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 4:



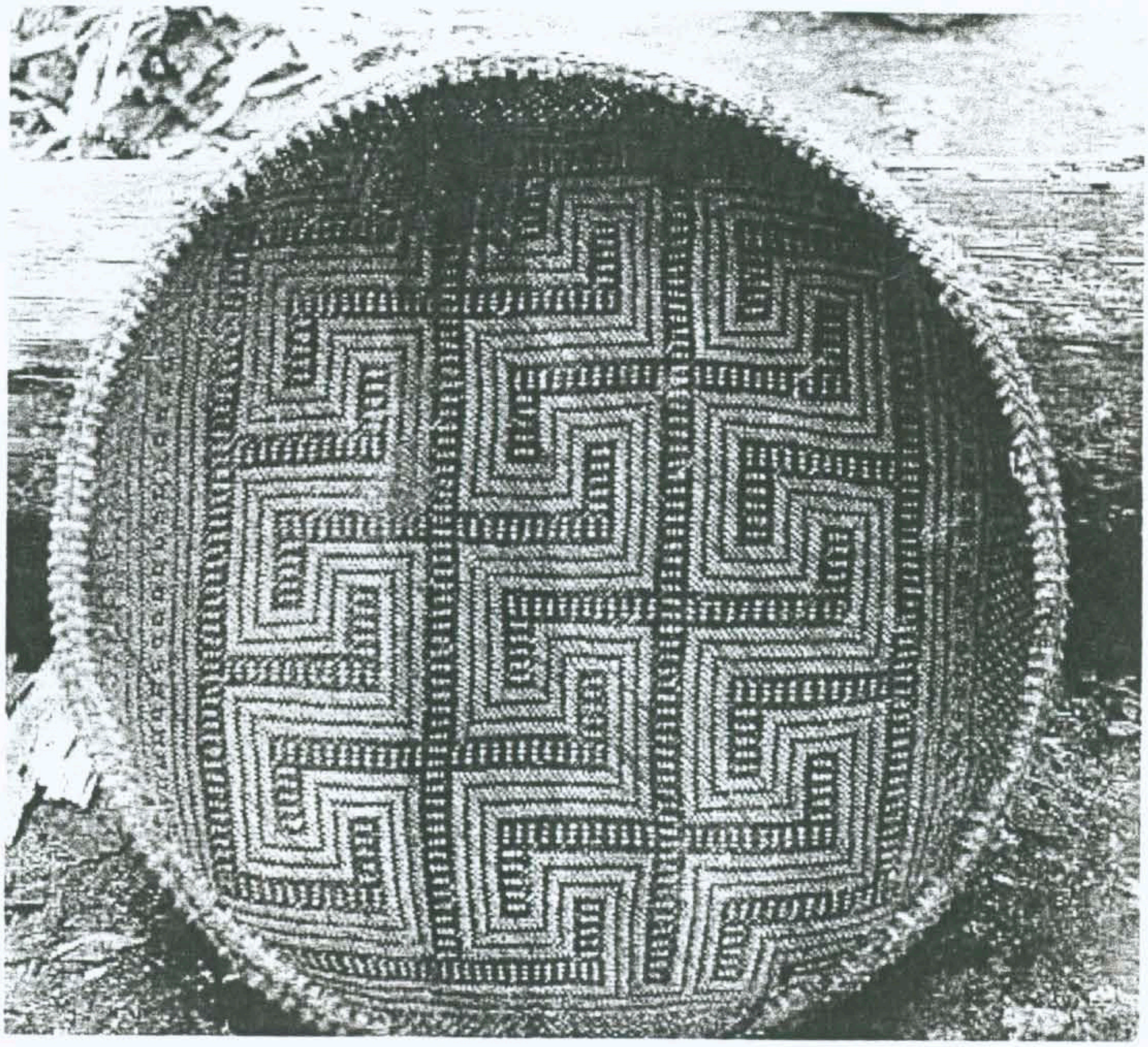
Número 5 - Peneira da coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - USP. Coletada por Georg Grünberg, no Rio dos Peixes, 1966. Foto: Patrícia Di Filippi.

Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 5:



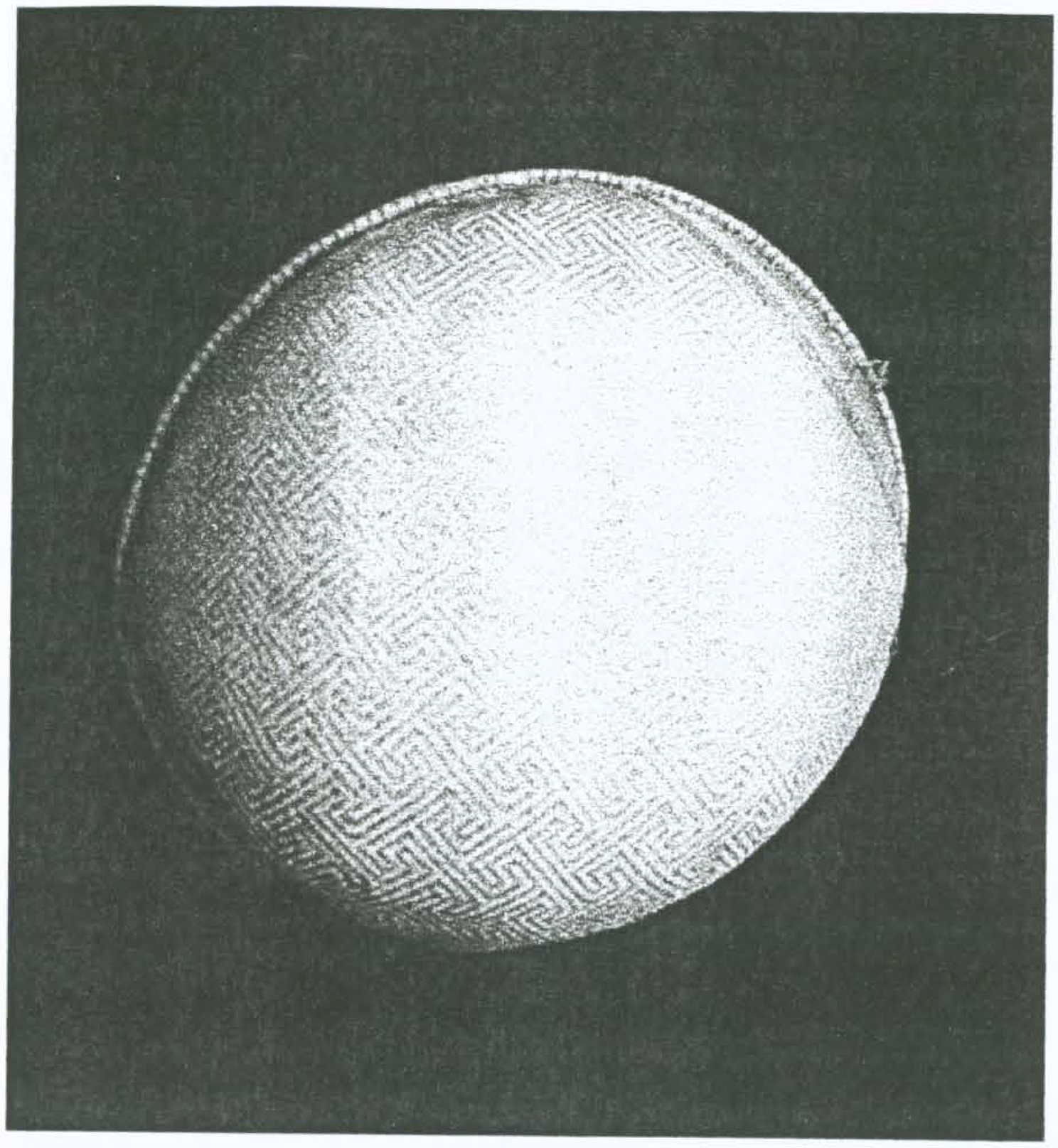
Número 6 - Peneira da coleção particular de Simone Athayde e Geraldo Silva, 1998. Foto: Patrícia Di Filippi.

Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 6:

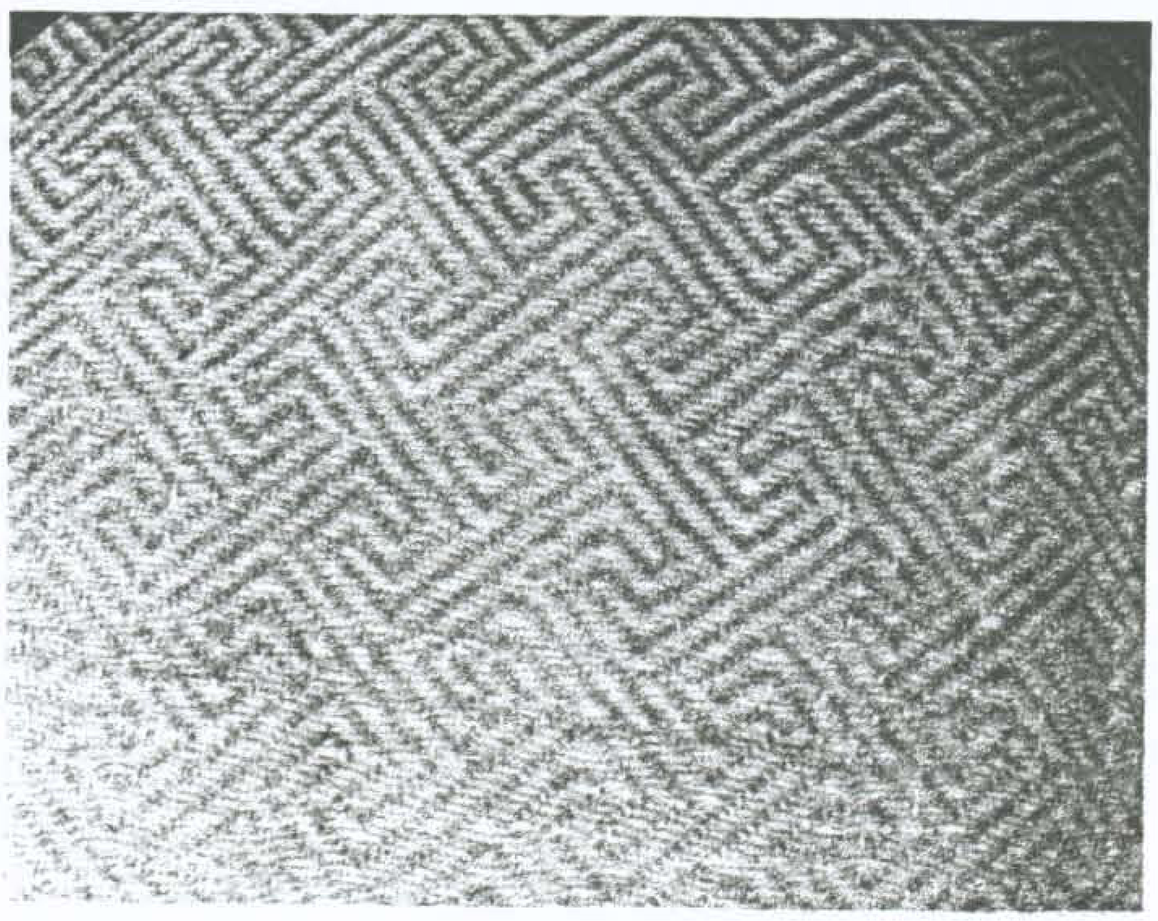


Número 7- Foto de Georg Grünberg, Rio dos Peixes, 1966.

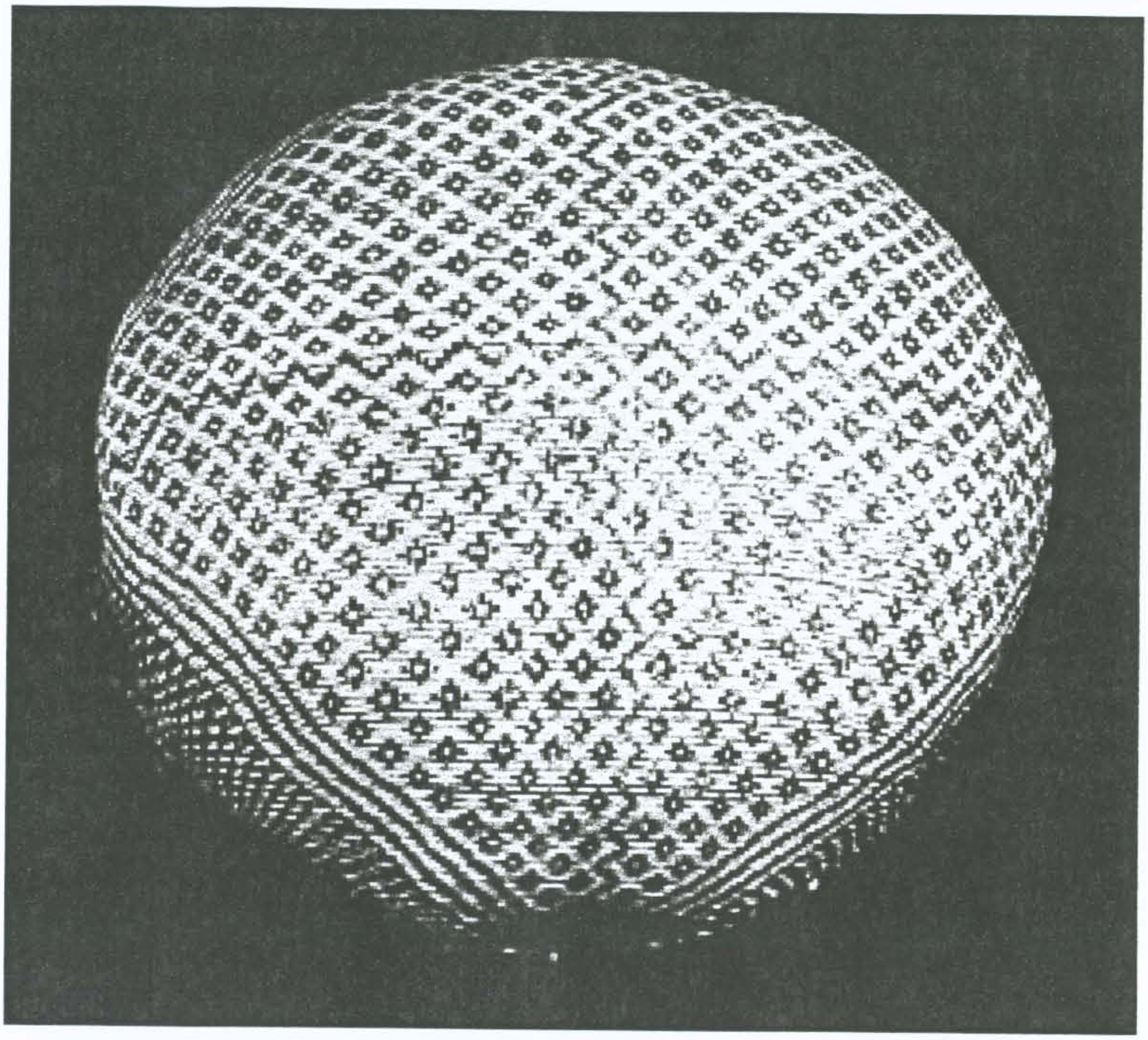
Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 7:



Número 8 - Peneira coletada por Berta Ribeiro, no Parque Indígena do Xingu, em 1977. Registro MN 39642. Foto: Klinton Senra.

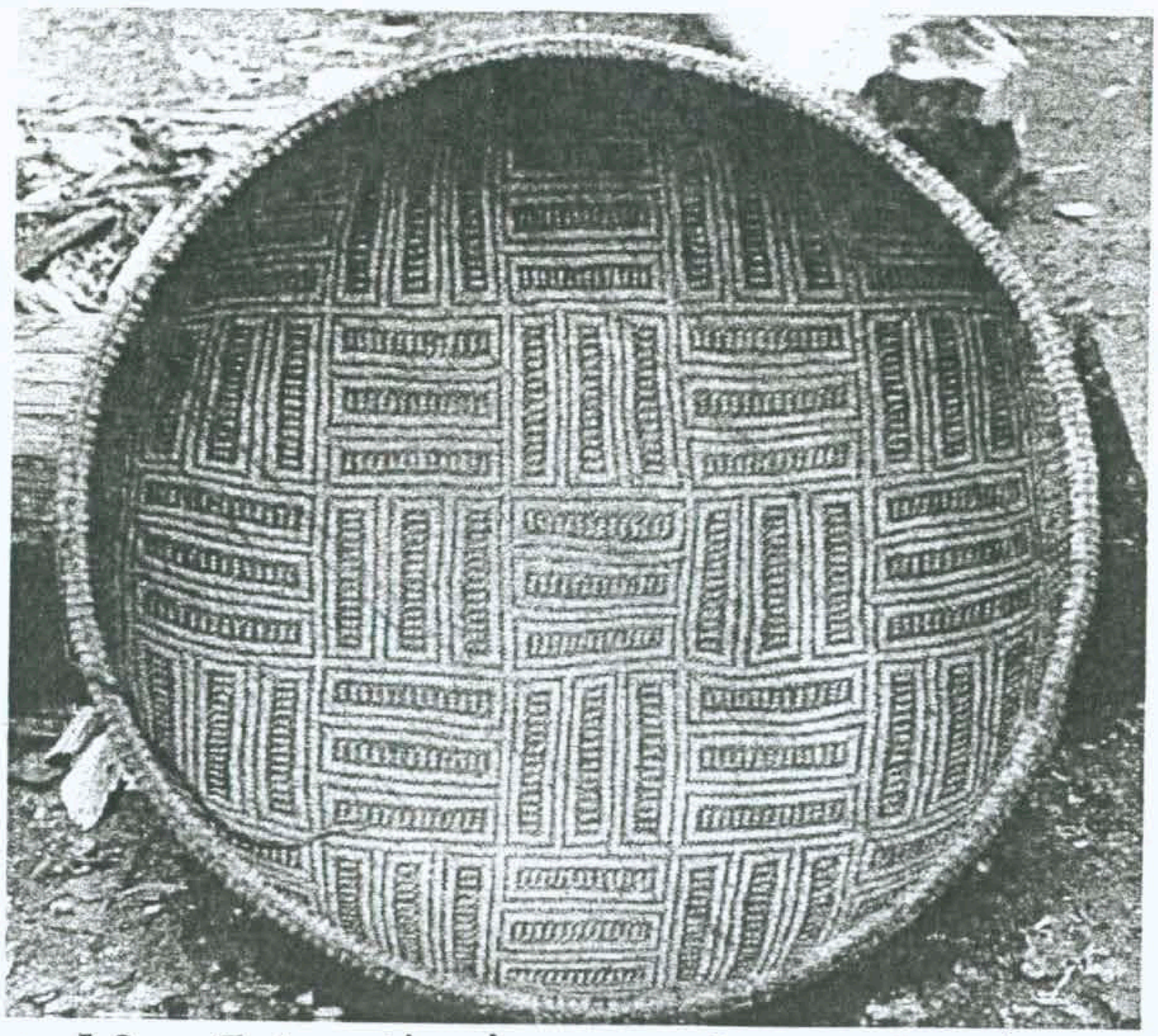


Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 8:



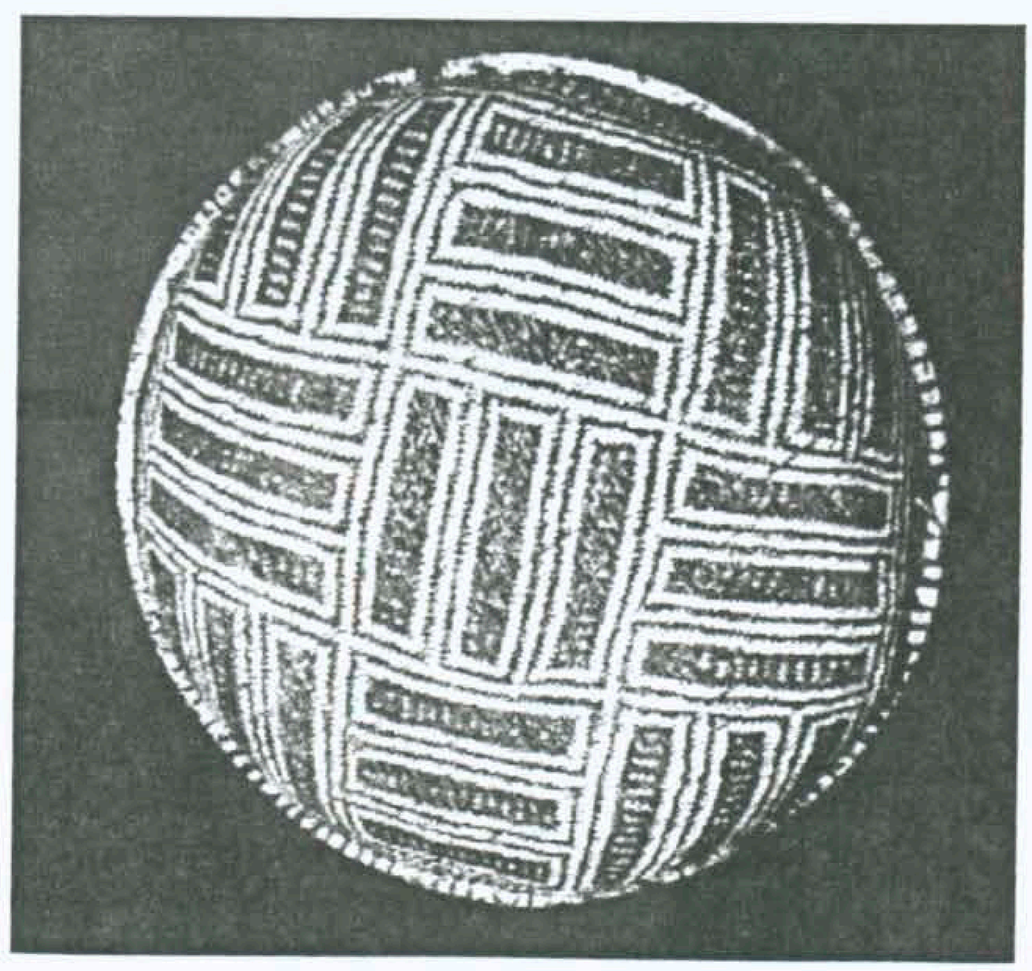
Número 9 - Peneira da coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - USP. Coletada por Georg Grünberg, no Rio dos Peixes, 1966. Foto: Patrícia Di Filippi.

Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 9:

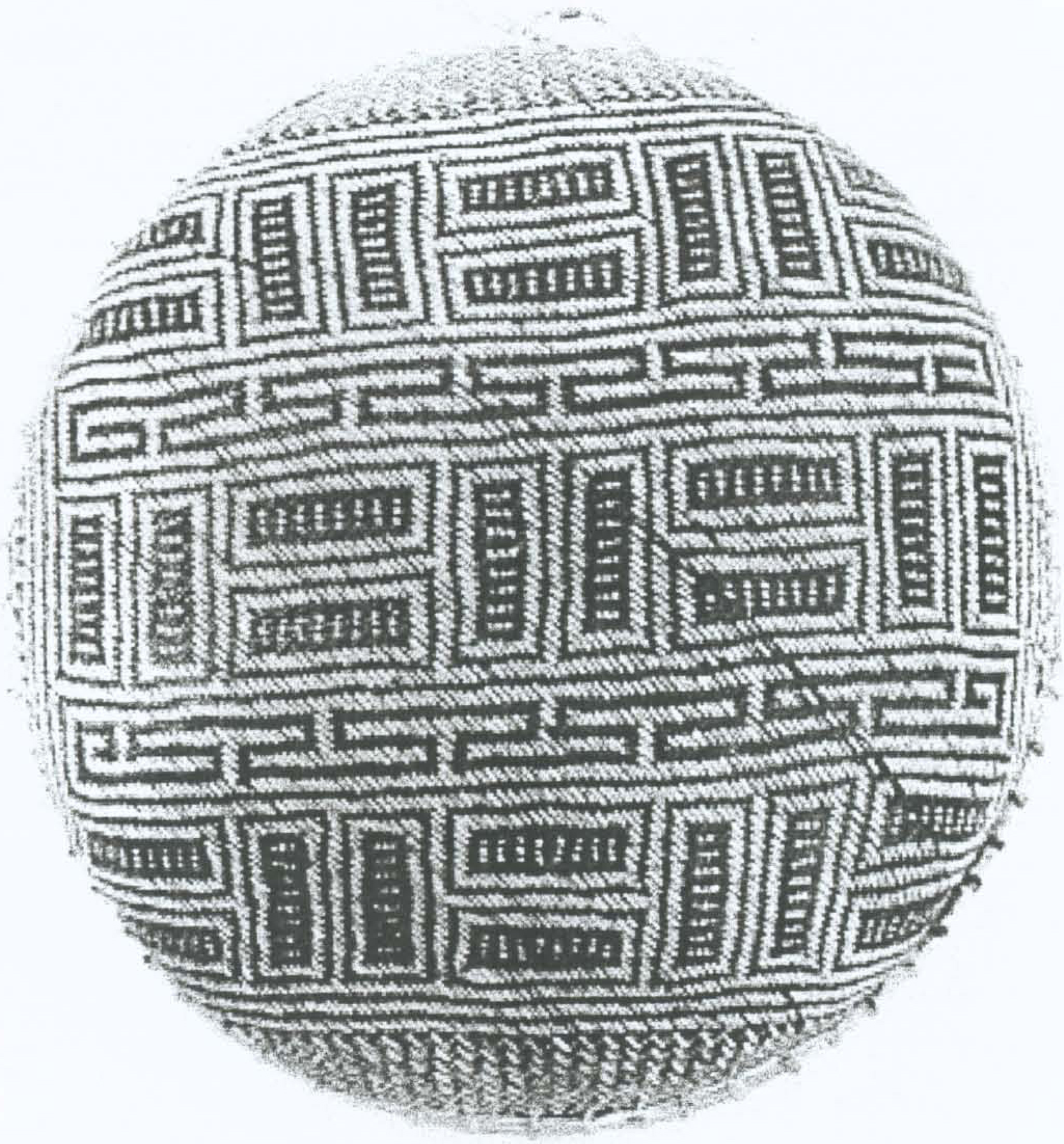


Número 10 - Fotos tiradas por Georg Grünberg no Rio dos Peixes, em 1966.

Número 10 a - Foto recente de peneira feita por Kupeap Kaiabi, da Aldeia Capvara, coleção particular de Simone Athayde e Geraldo Silva. Foto: Patrícia Di Filippi.

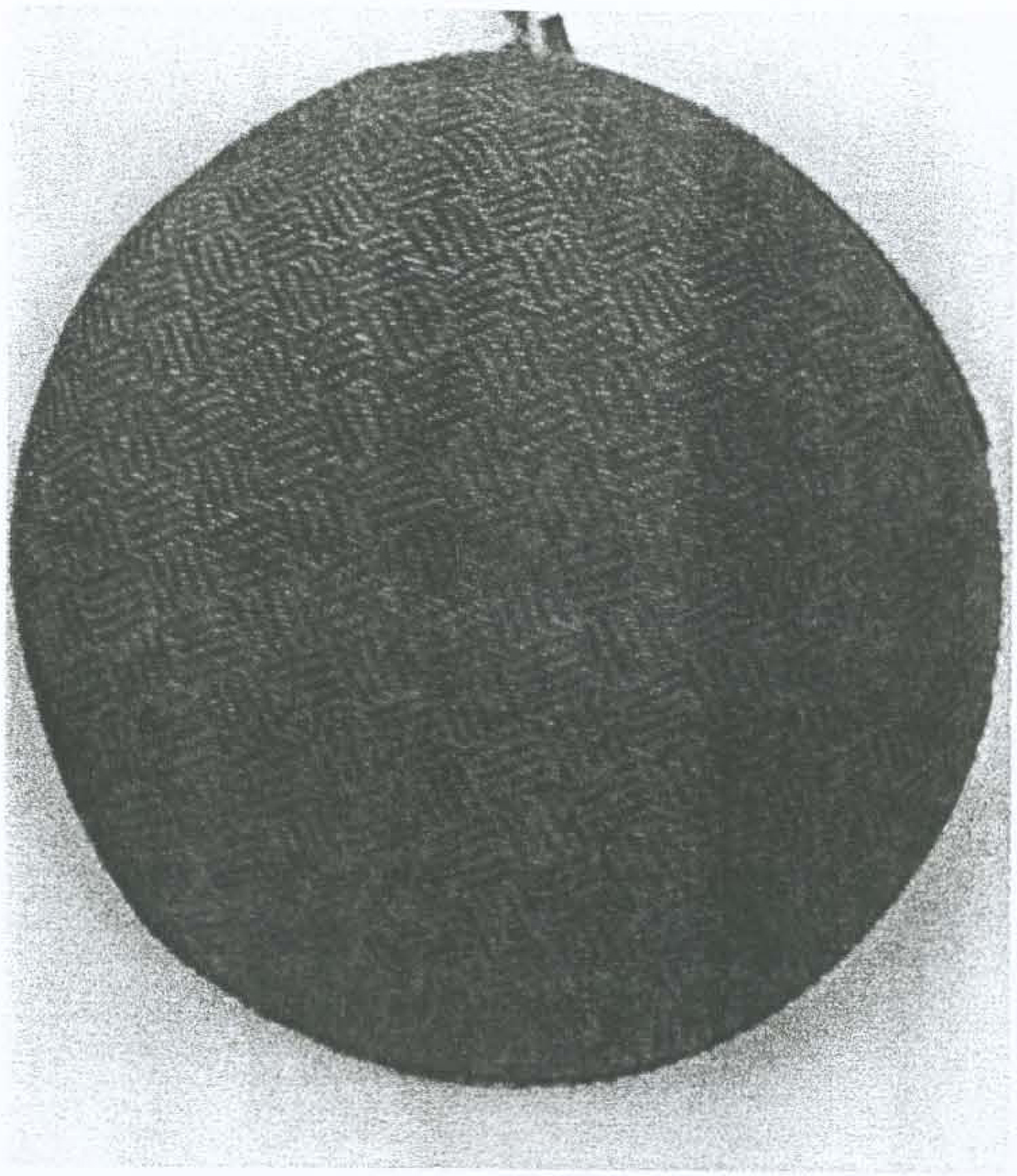


Escreva neste espaço, informações sobre os desenhos números 10 e 10a:

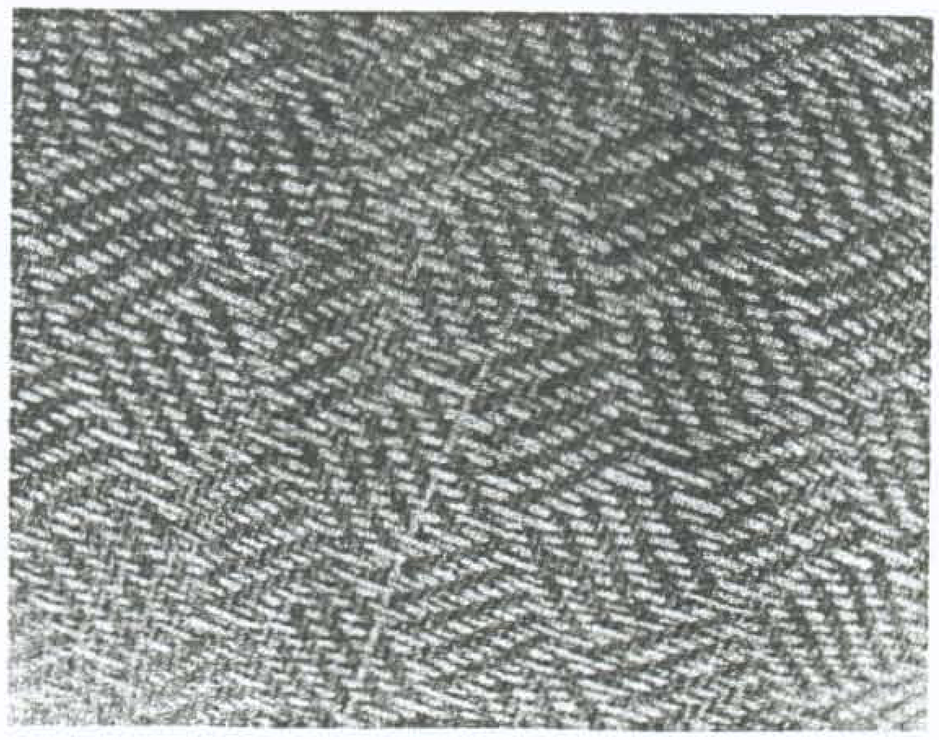


Número 12 a - Foto recente tirada na Aldeia Maraka, peneira feita por Ywit Kaiabi. Foto: Simone Athayde.

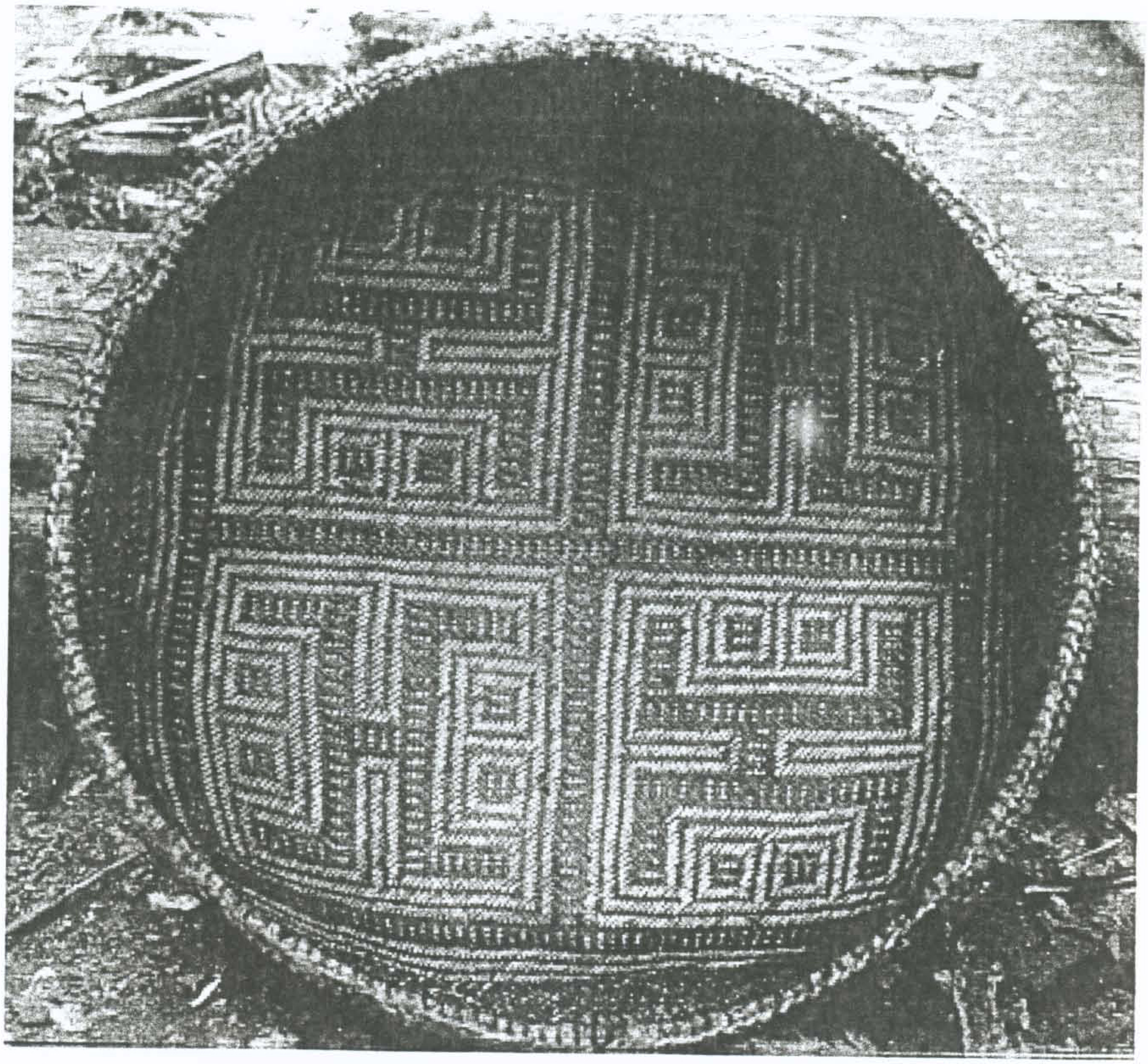
Escreva neste espaço, informações sobre os desenhos números 12 e 12 a:



Número 13 - Peneira da coleção do Museu Nacional - Rio de Janeiro, coletada no Rio Teles Pires, em 1957. Registro MN 6310. Foto: Klinton Senra.

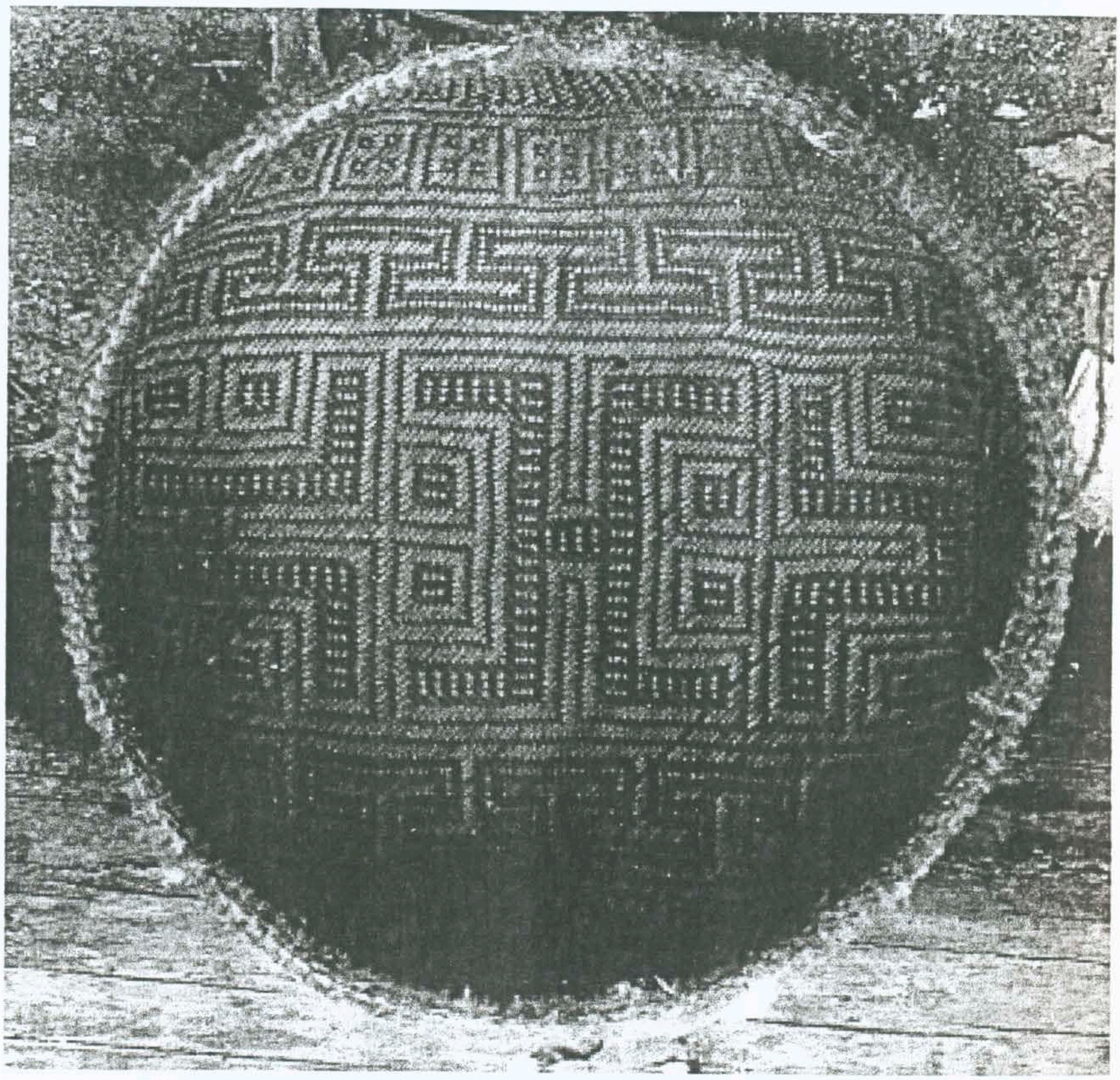


Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 13:



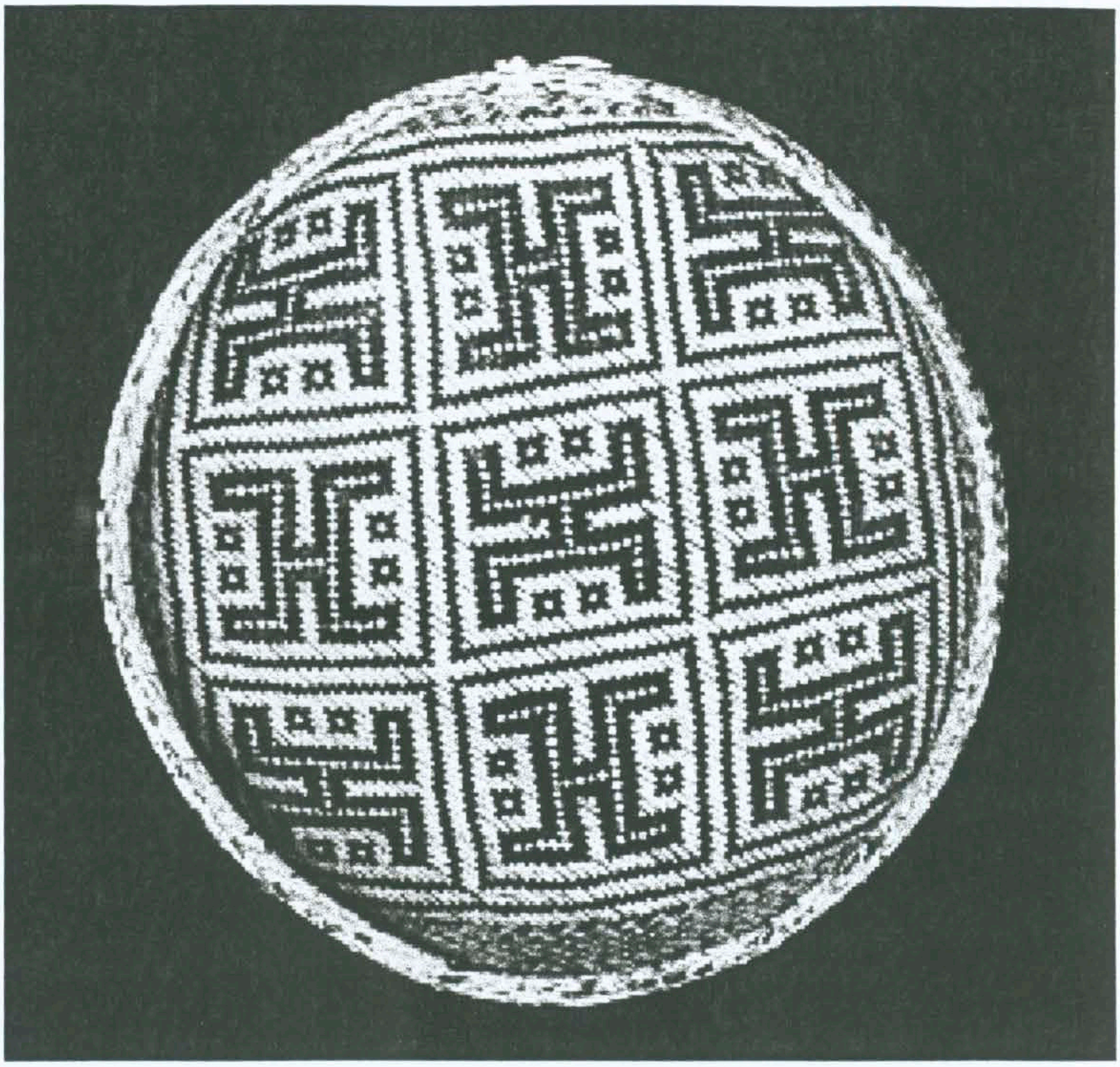
Número 14- Foto de Georg Grünberg, Rio dos Peixes, 1966.

Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 14:



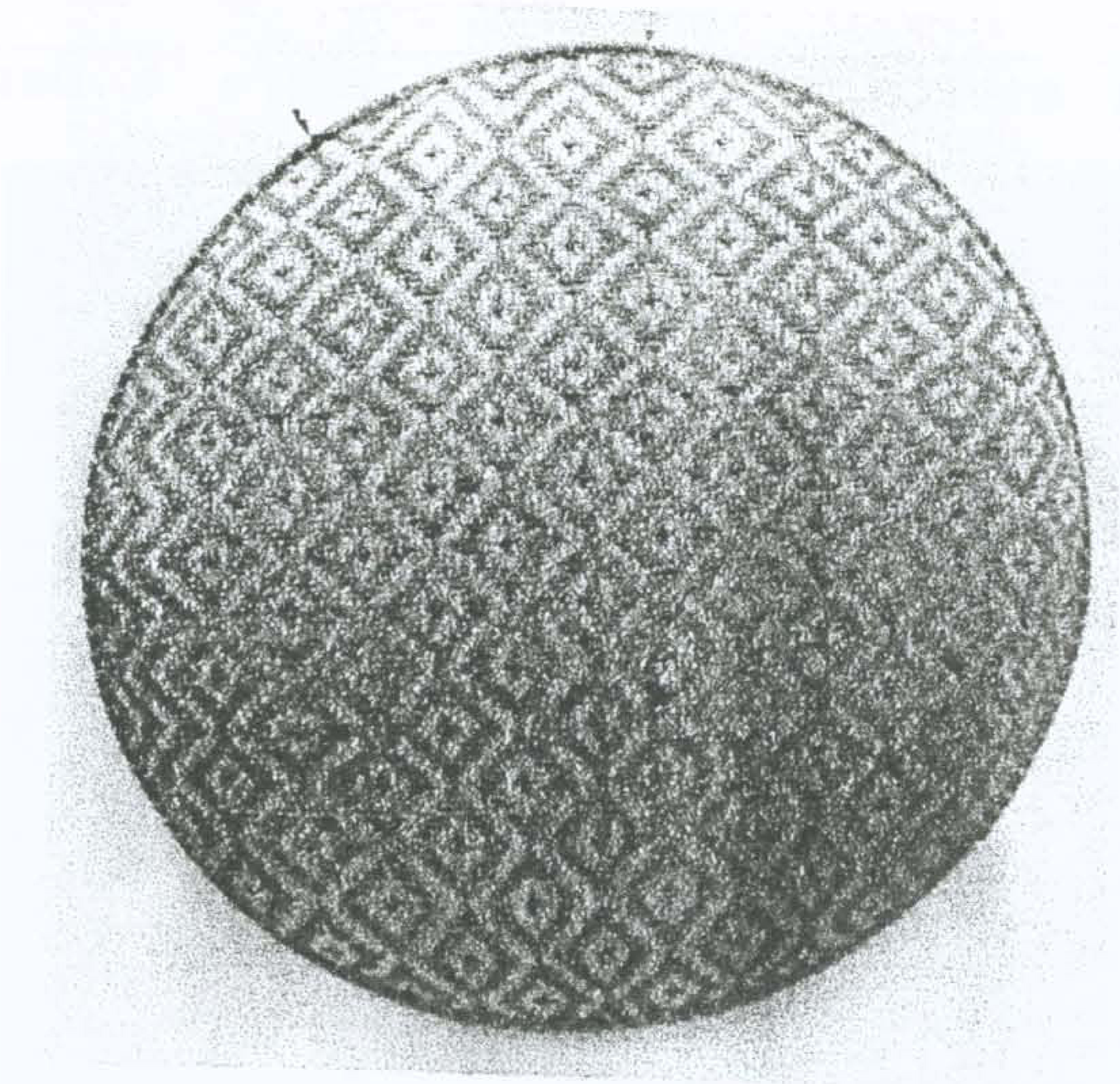
Número 15- Foto de Georg Grünberg, Rio dos Peixes, 1966.

Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 15:

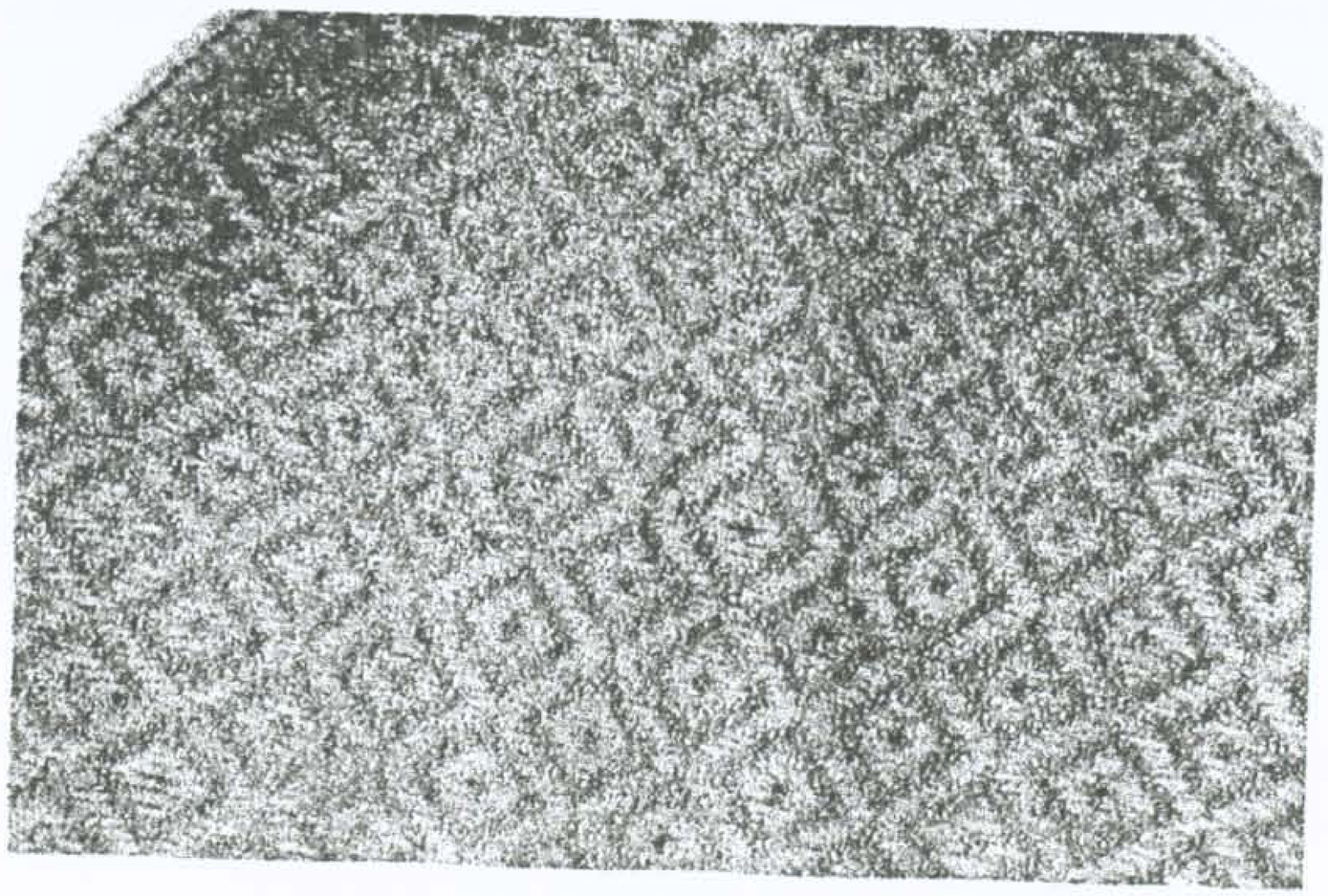


Número 16- Foto recente de peneira de buriti feita por Tari Kaiabi, da Aldeia Kururu, 1998. Foto: Patrícia Di Filippi.

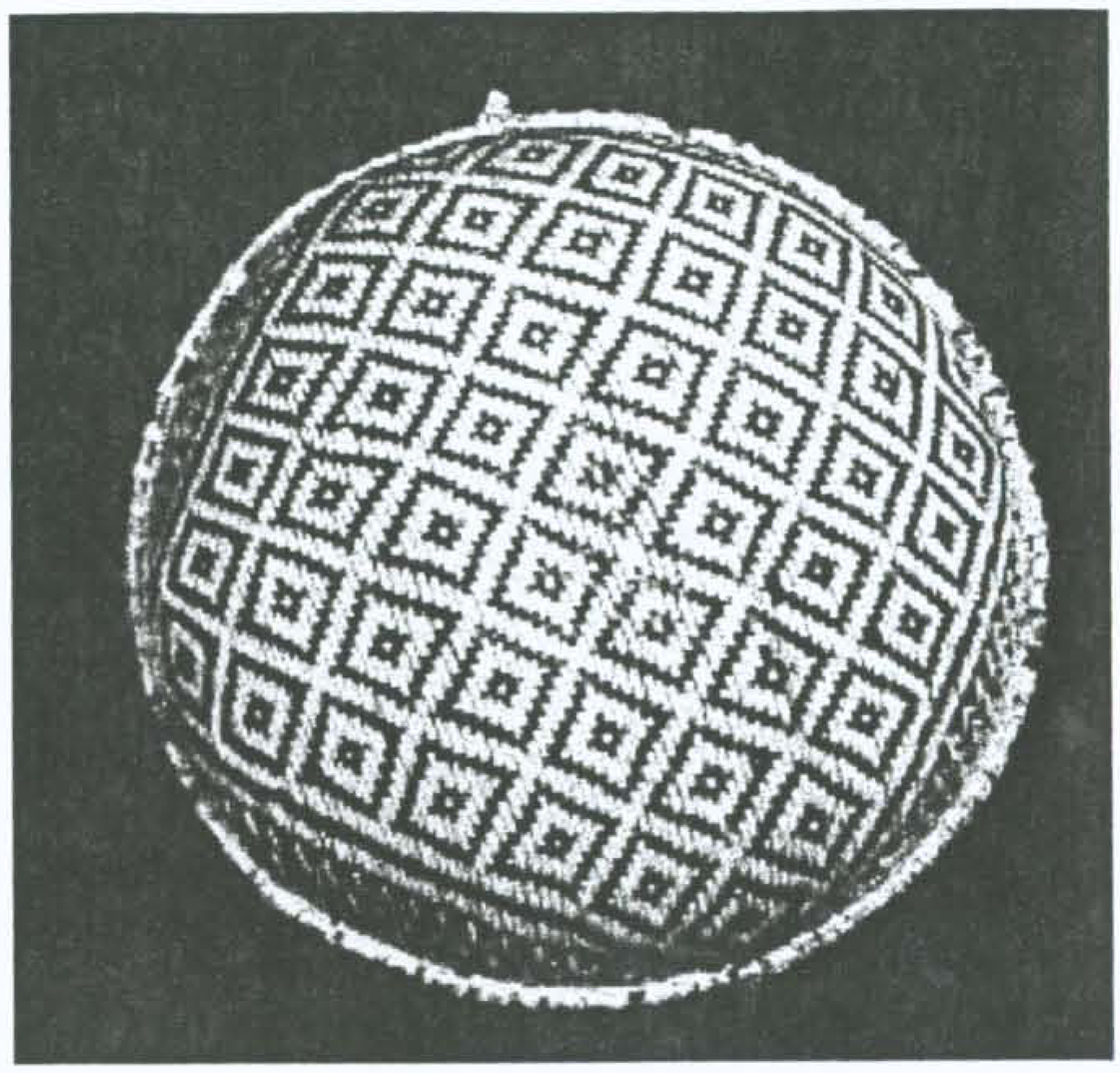
Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 16:



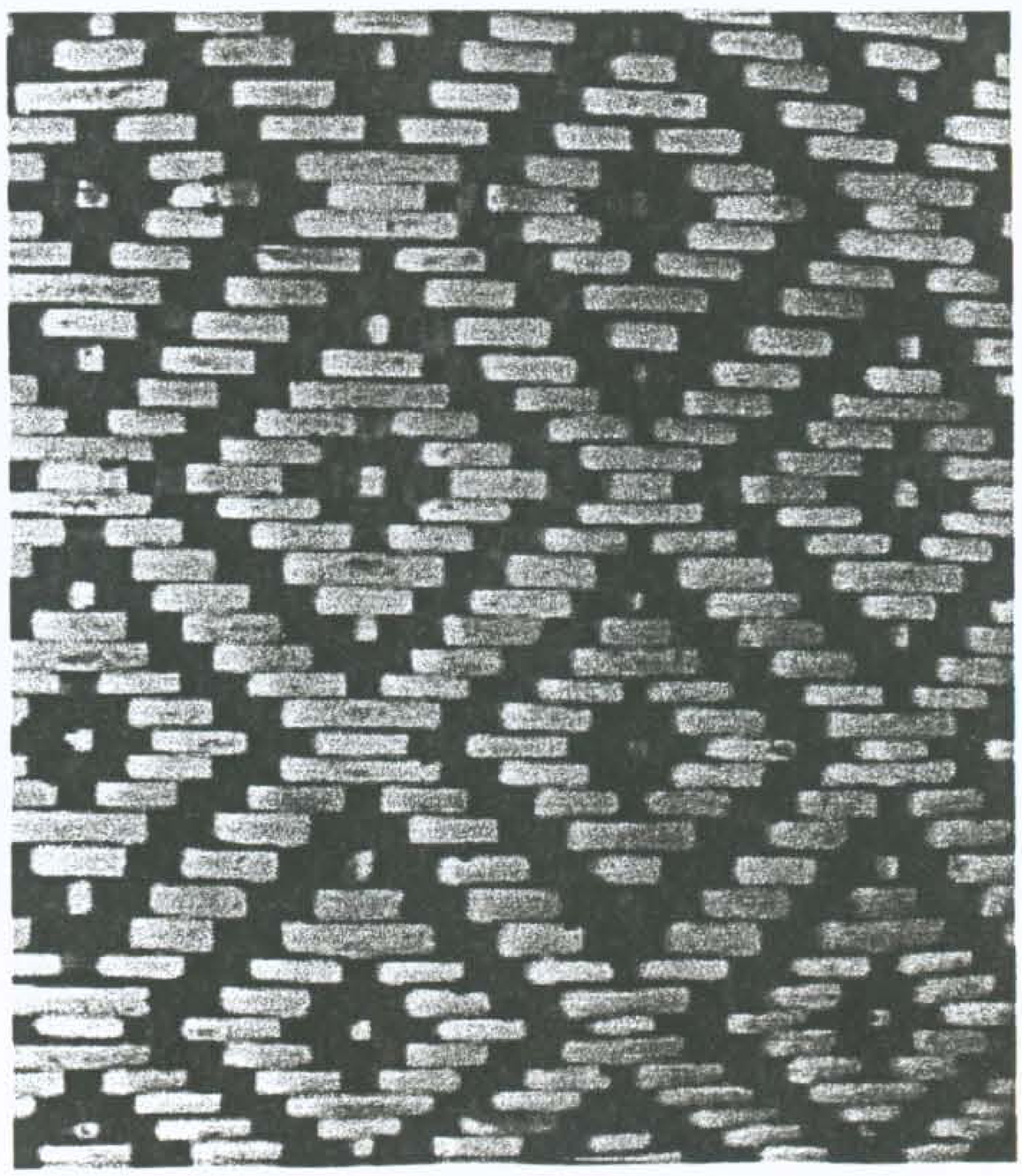
Número 17 - Peneira da coleção do Museu Nacional - Rio de Janeiro, coletada no Rio Teles Pires, em 1955. Registro MN 6309. Foto: Klinton Senra.



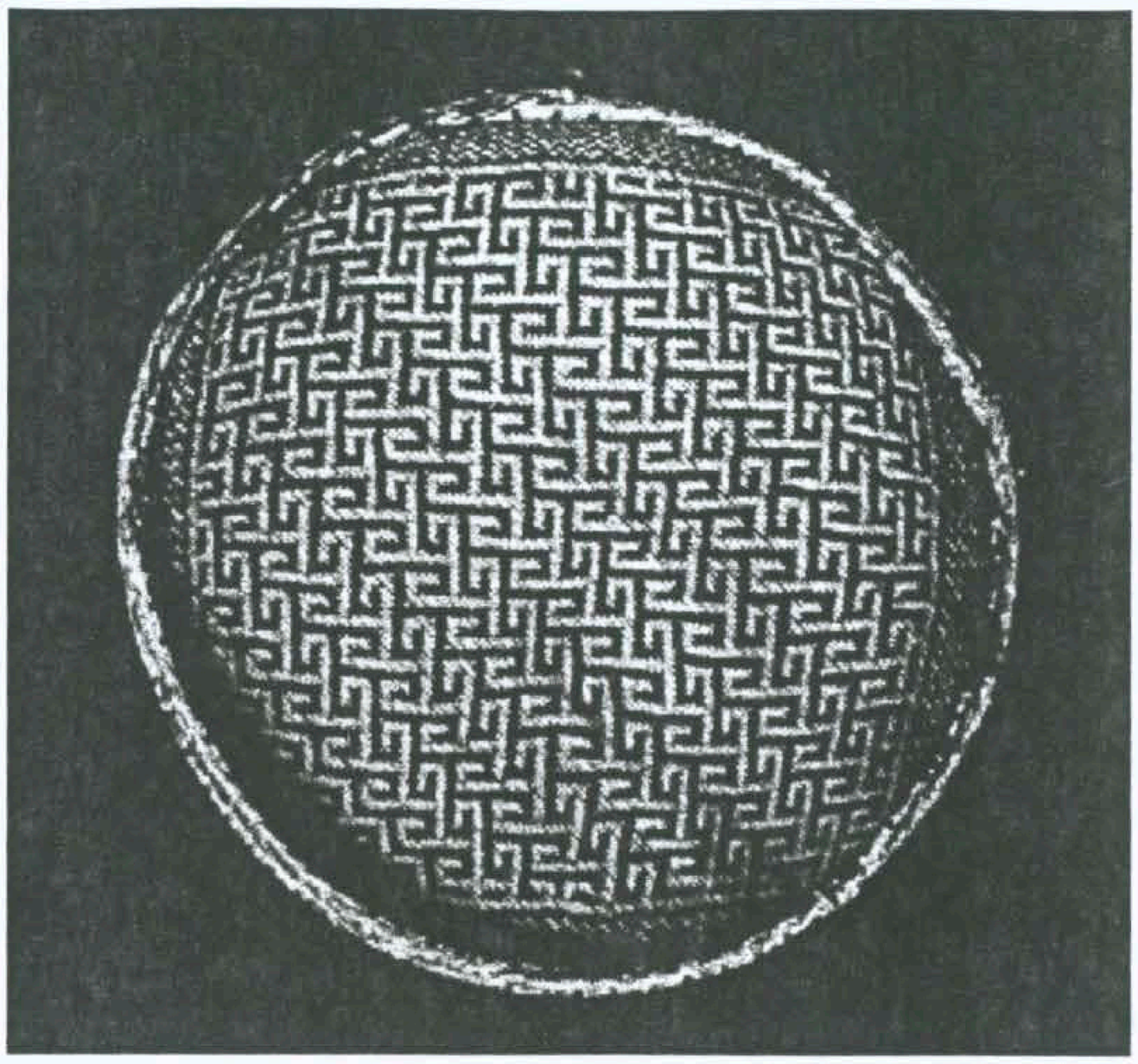
Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 17:



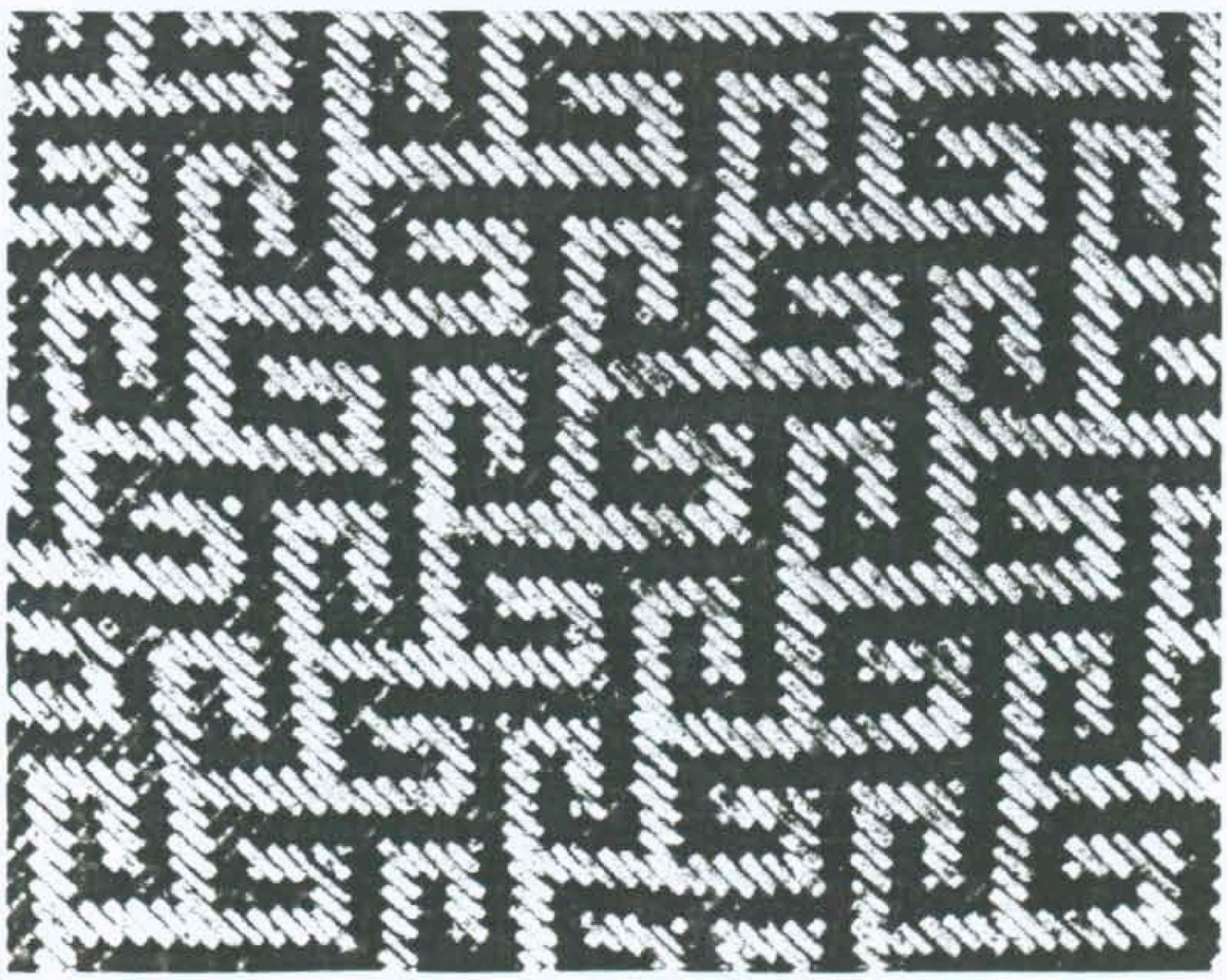
Número 18 - Peneira feita de buriti, por Tymari Kaiabi, da Aldeia Kururu, 1998. Foto: Patrícia Di Filippi.

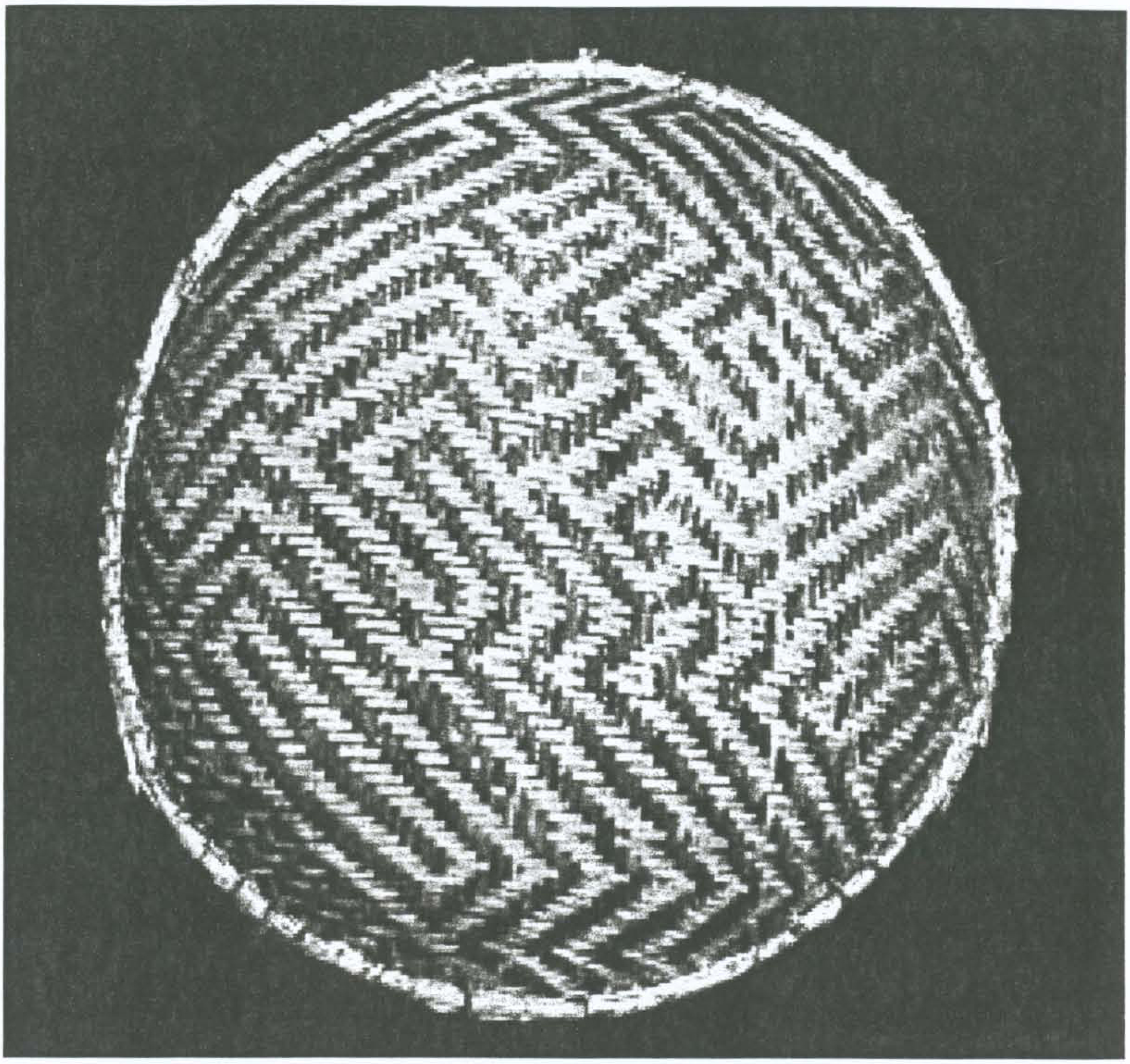


Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 18:



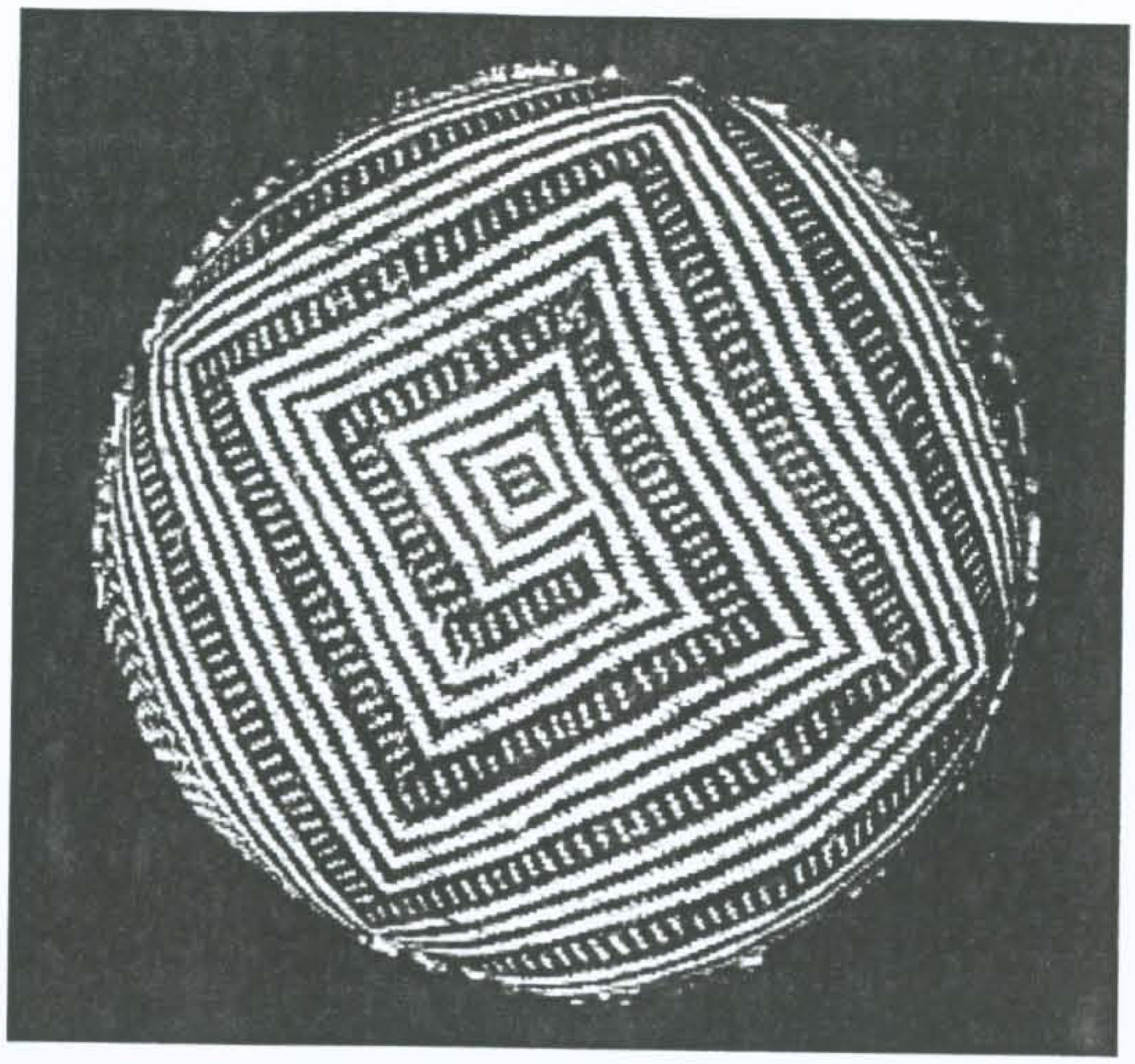
Número 19 - Peneira feita por Miaracaja Kaiabi, da Aldeia Tuiarare, 1997. Coleção particular de Simone Athayde e Geraldo Silva. Foto: Patrícia Di Filippi.



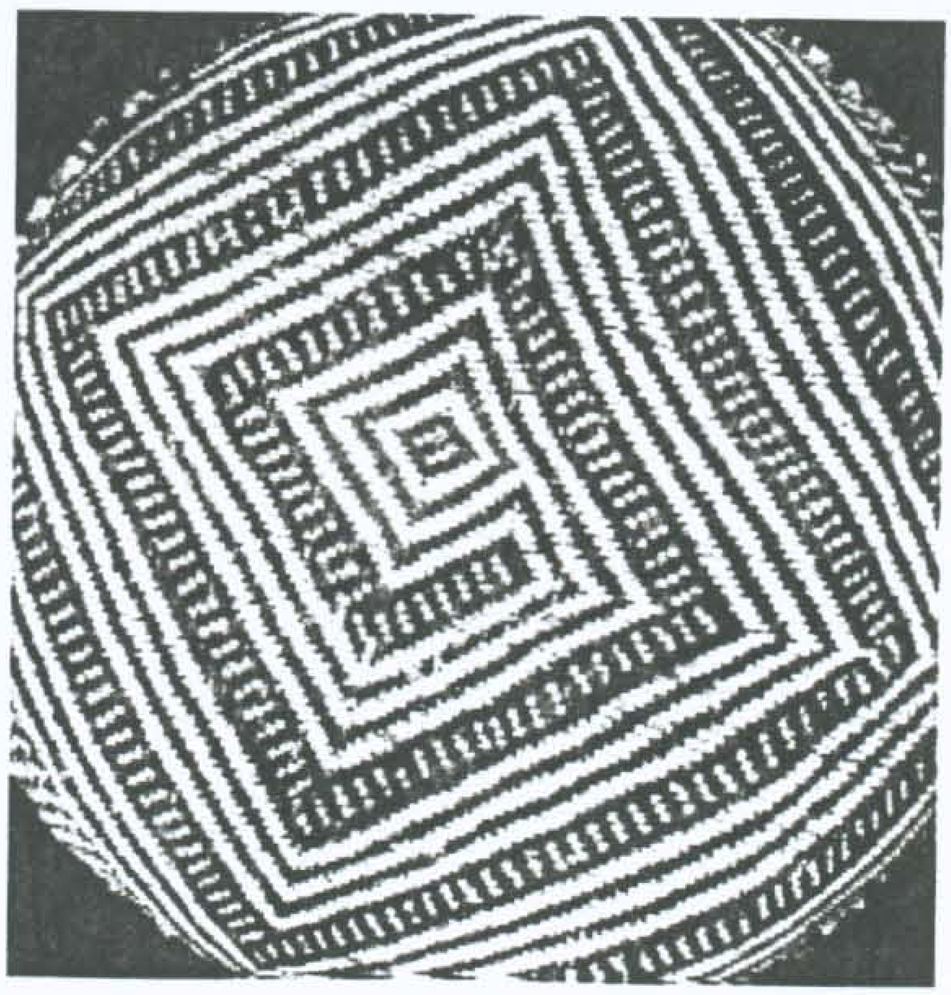


Número 20 - Peneira de buriti feita por Kainã Kaiabi, da Aldeia Capivara, 1998. Coleção particular de Simone Athayde e Geraldo Silva. Foto: Patrícia Di Filippi.

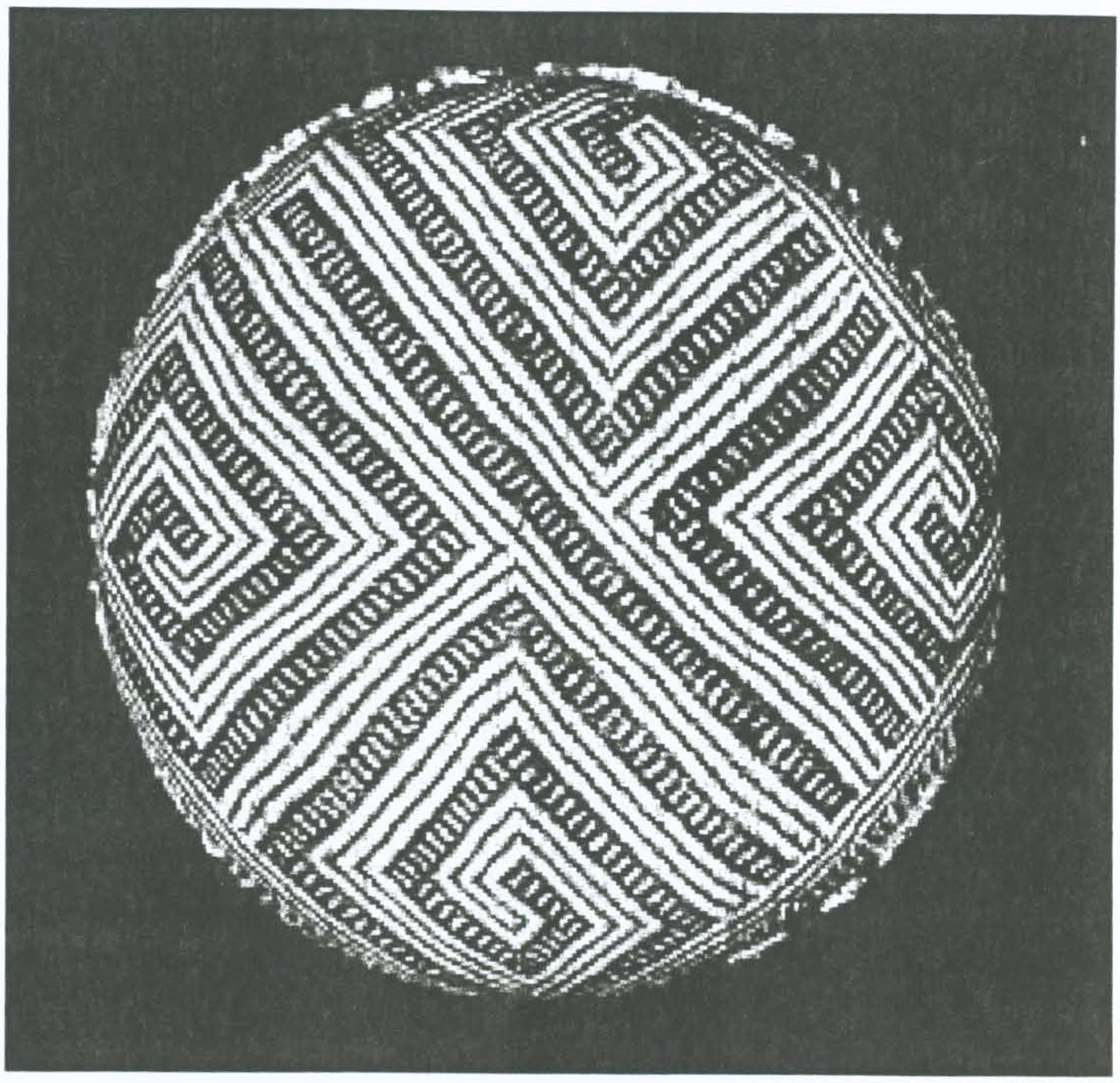
Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 20:



Número 21 - Peneira feita por Kawe Kaiabi, da Aldeia Arraias, 1998. Coleção particular de Simone Athayde e Geraldo Silva. Foto: Patrícia Di Filippi.

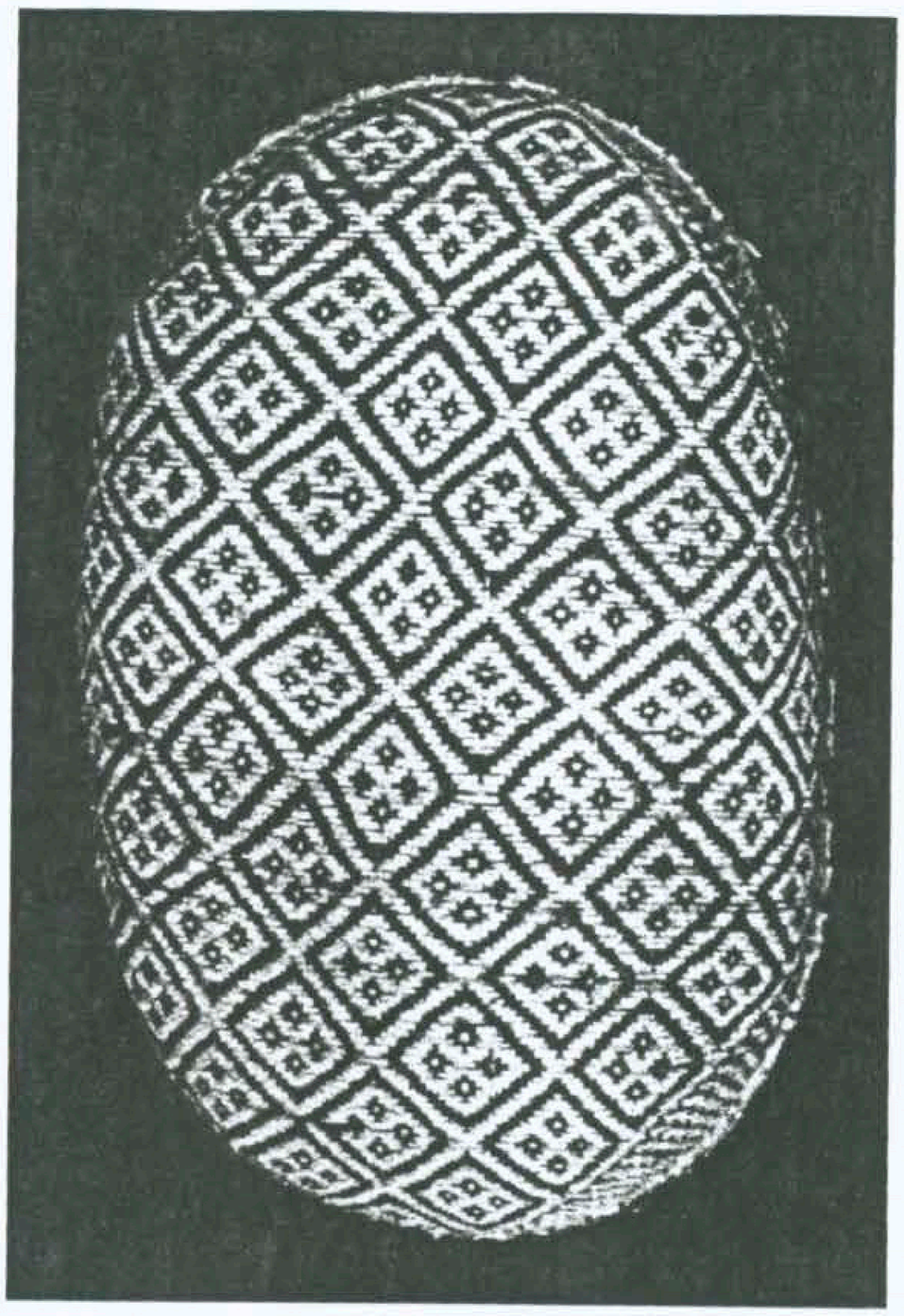


Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 21:



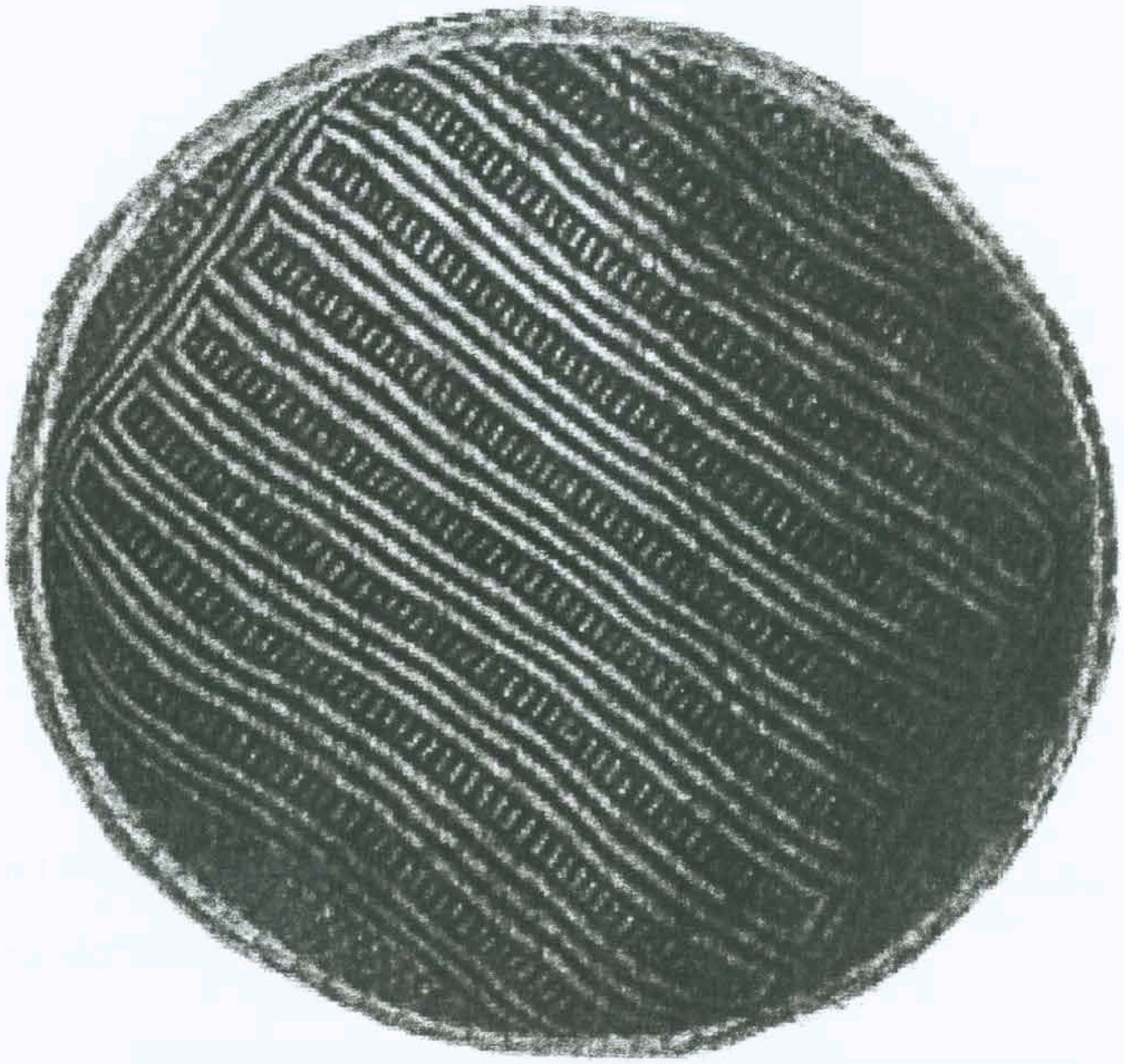
Número 22 - Peneira feita por Kawe Kaiabi, da Aldeia Arraias, 1998. Coleção particular de Simone Athayde e Geraldo Silva. Foto: Patrícia Di Filippi.

Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 22:



Número 23 - Peneira da coleção particular de Simone Athayde e Geraldo Silva, 1998. Foto: Patrícia Di Filippi.

Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 23:

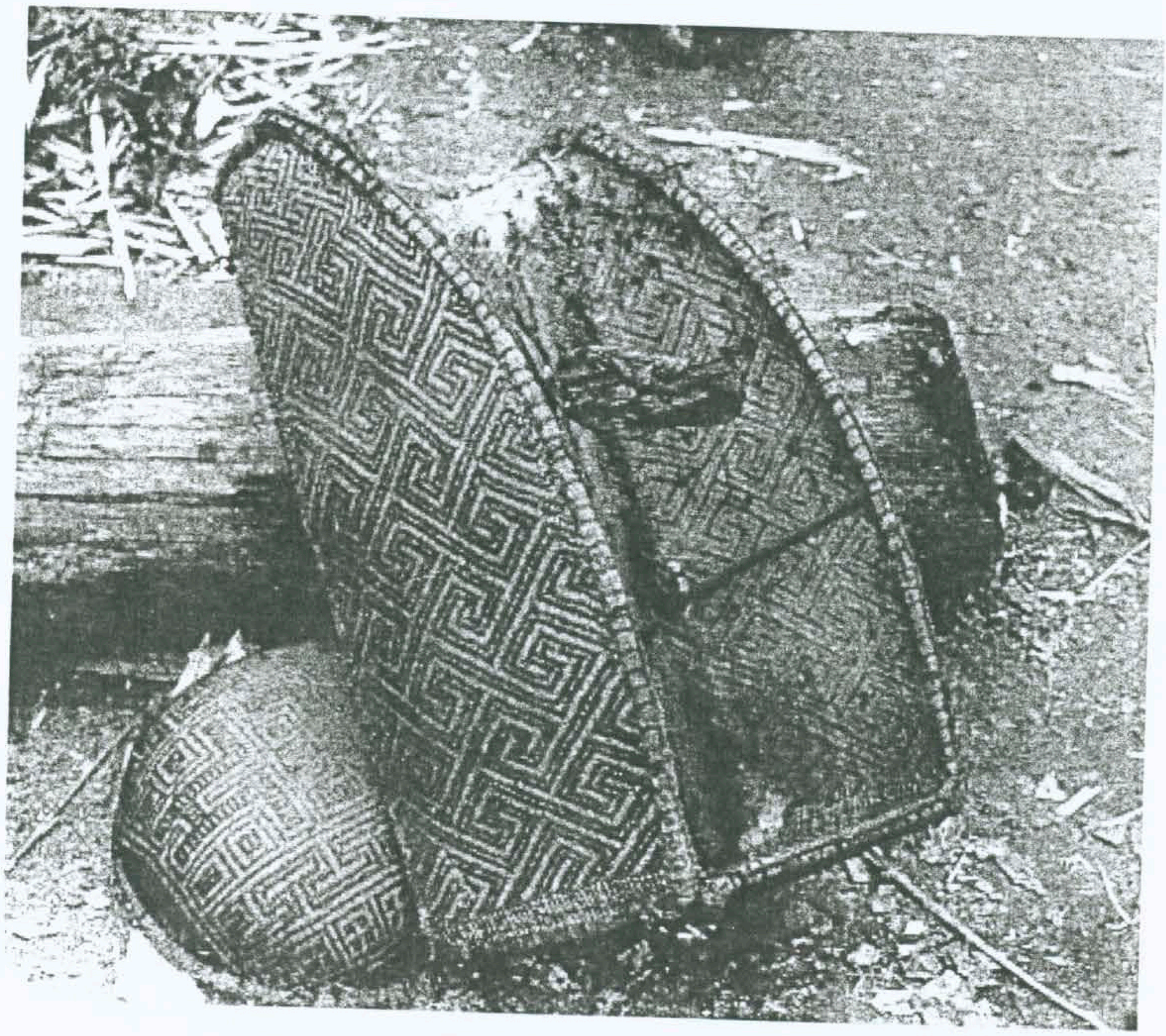


Número 24 - Peneira feita por Kawe Kaiabi, da Aldeia Maraka, da coleção particular de Simone Athayde e Geraldo Silva, 1998. Foto: Patrícia Di Filippi.

Escreva neste espaço, informações sobre o desenho número 24:

Peneiras da coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Foto tirada do catálogo do Museu.

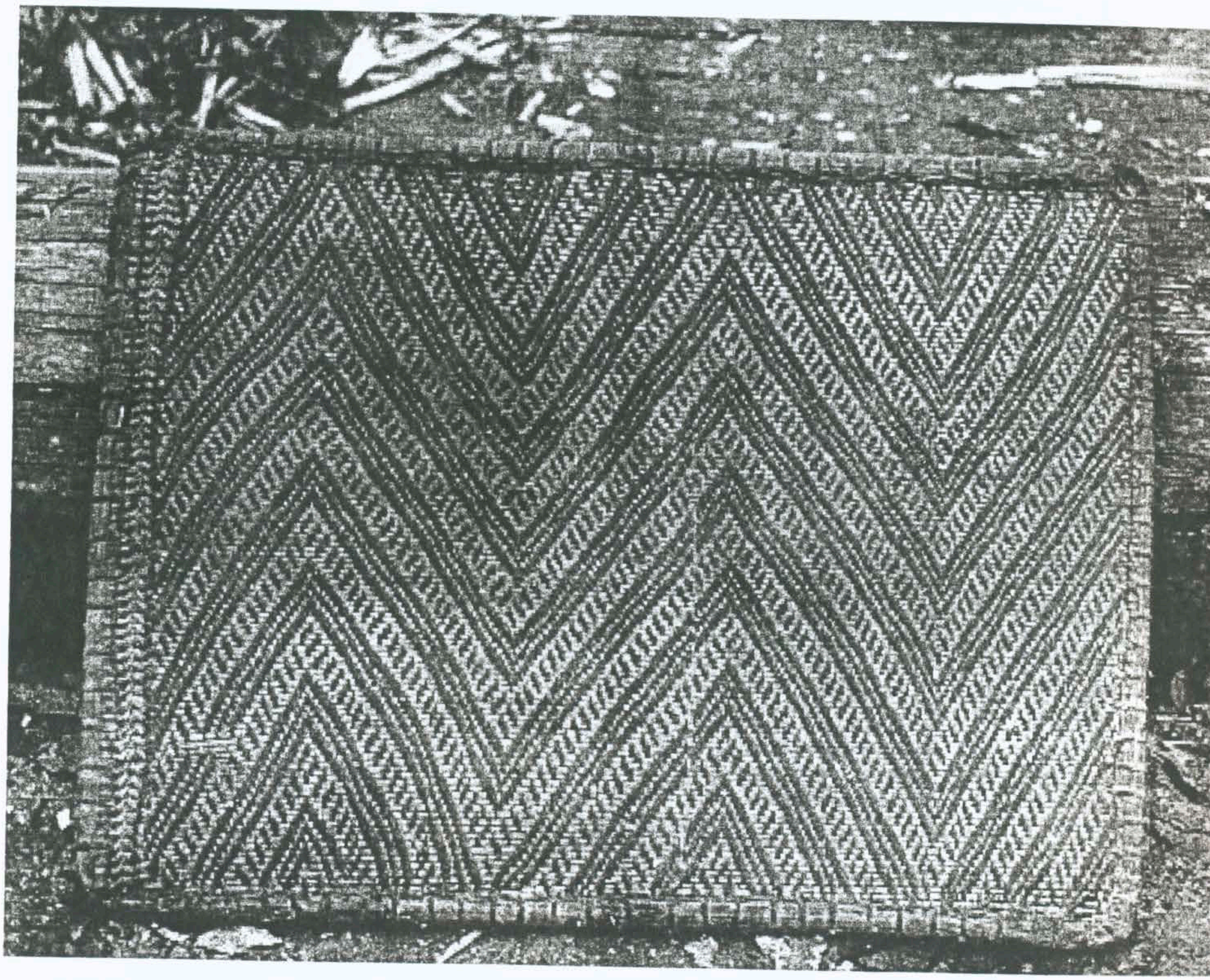
PANAKU



Número 1- Foto tirada por Georg Grünberg, no Rio dos Peixes, em 1966.

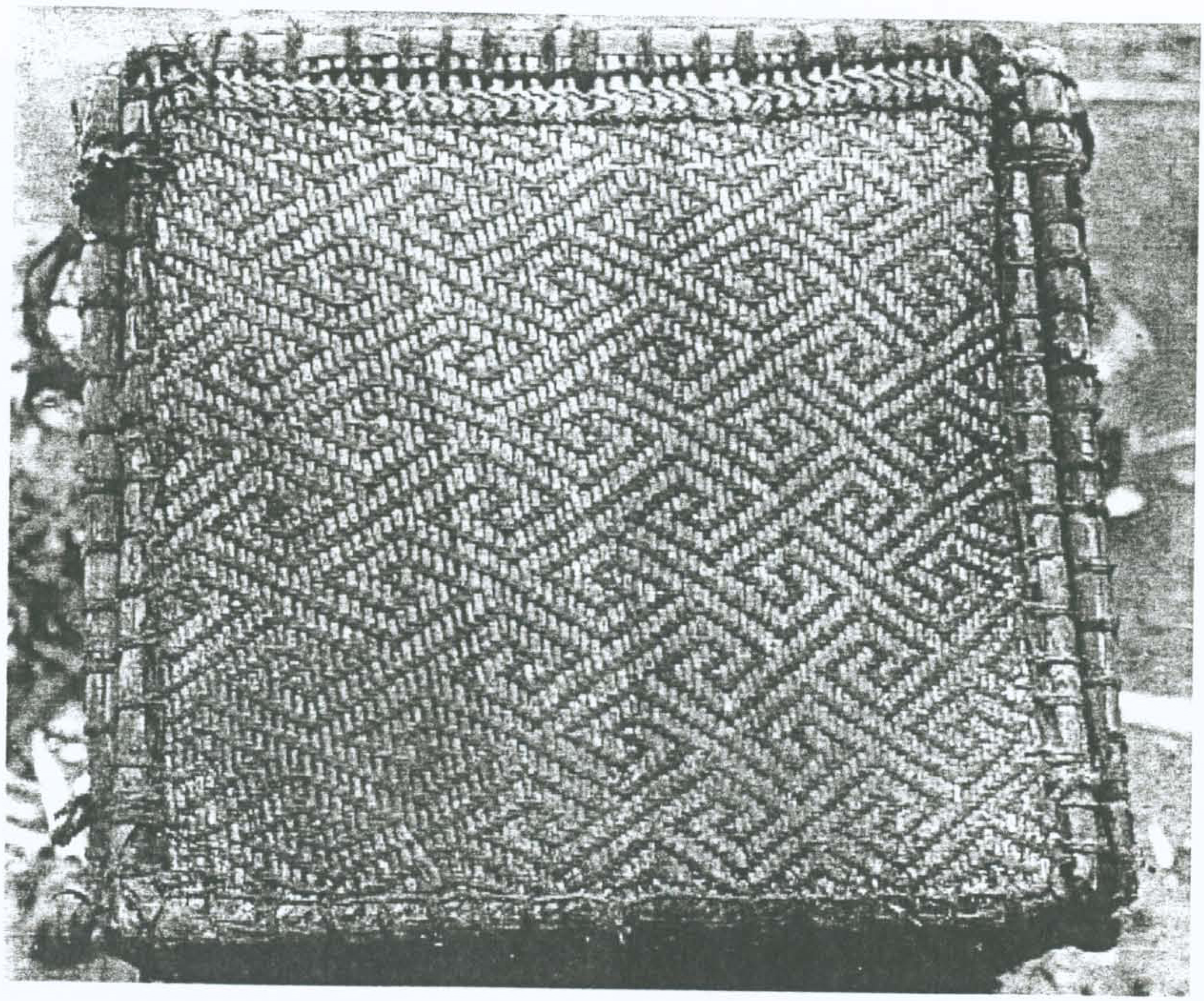
Número 1 a- Foto tirada por Georg Grünberg, no Rio dos Peixes, em 1966.

Escreva neste espaço, informações sobre os desenhos de panaku, números 1 e 1a:



Número 2- Foto tirada por Georg Grünberg, no Rio dos Peixes, em 1966.

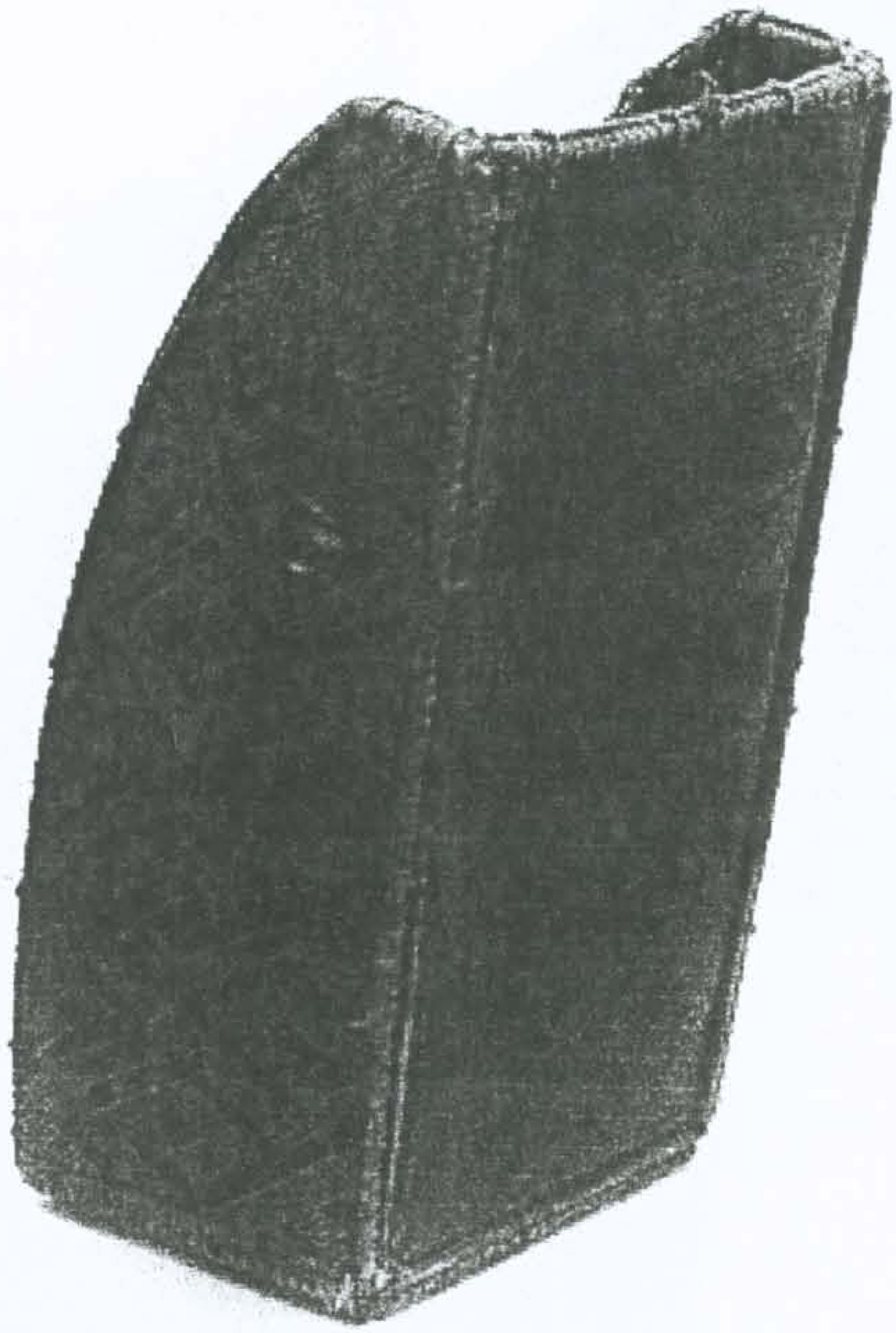
Escreva neste espaço, informações sobre o desenho de panaku, número 2:



Número 3- Foto tirada por Georg Grünberg, no Rio dos Peixes, em 1966.

Escreva neste espaço, informações sobre o desenho de panaku, número 3:

Número 4 - Panaku coletado no Rio Teles Pires, em 1955. Coleção do Museu Nacional, registro MN 6307. Foto: Klinton Senra.

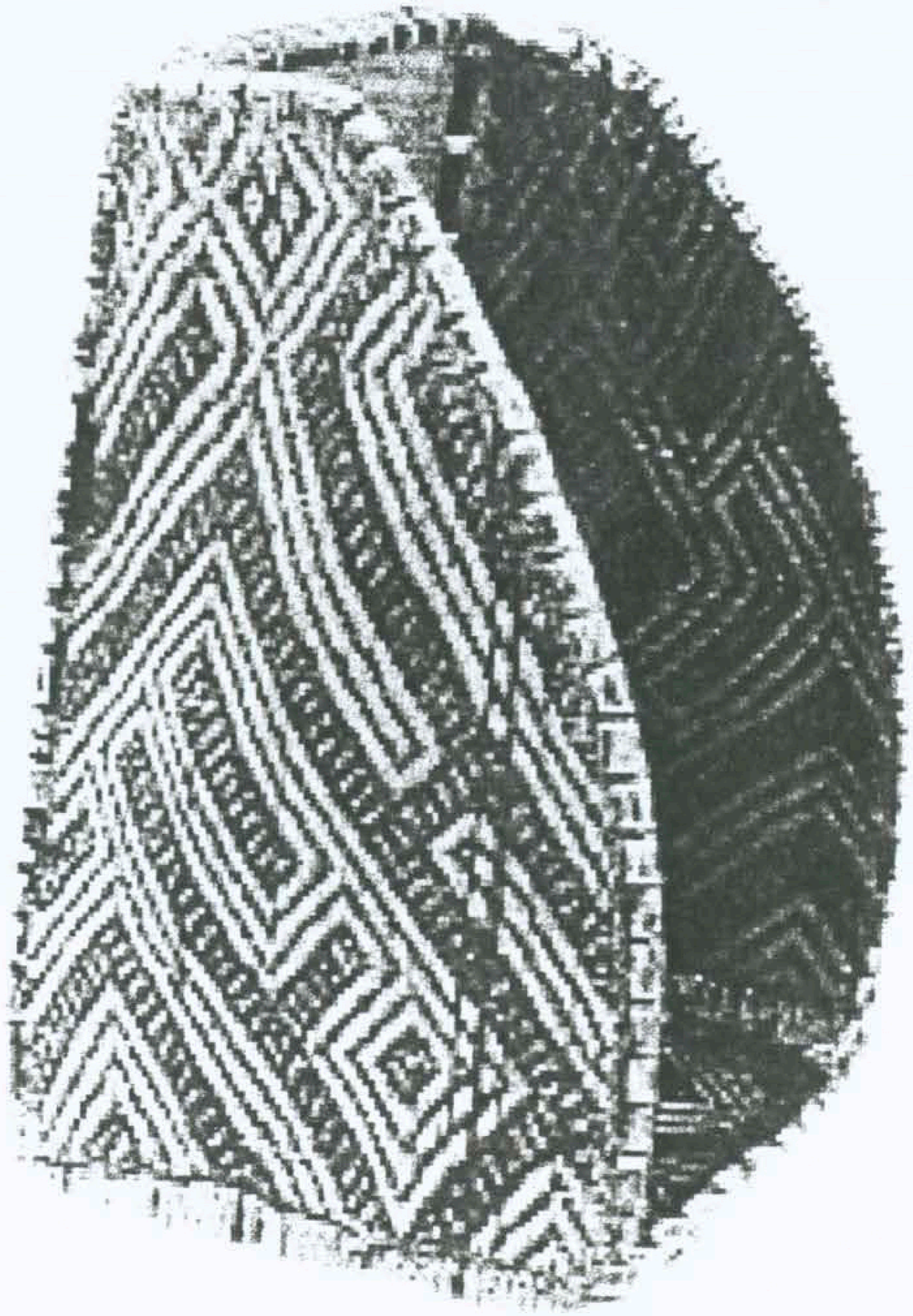


Número 5 - Panaku coletado no Rio Teles Pires, em 1955. Coleção do Museu Nacional, registro MN 6307. Foto: Klinton Senra.

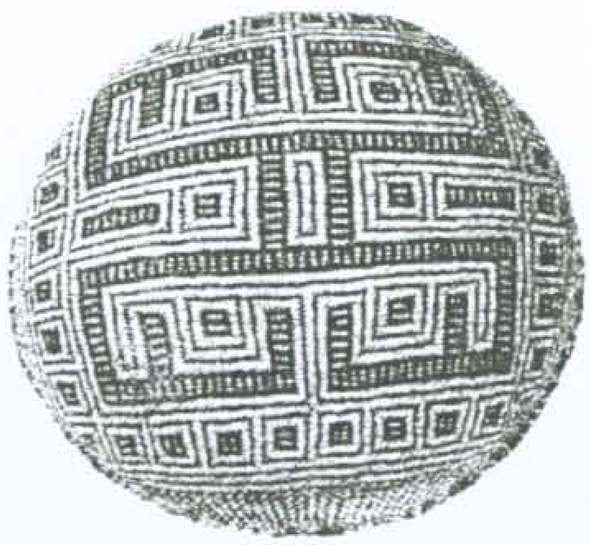
Escreva neste espaço, informações sobre o desenho de panaku, número 5 - costas do panaku:

Número 6 - Panaku coletado no Rio Teles Pires, em 1955. Coleção do Museu Nacional, registro MN 6307. Foto: Klinton Senra.

Escreva neste espaço, informações sobre o desenho de panaku, número 6:

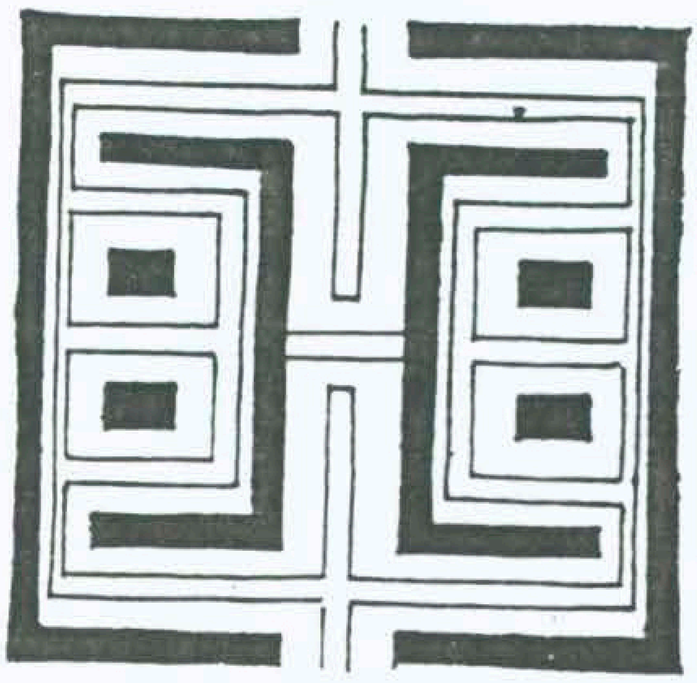


Número 7 - Panaku feito por Tarumani Kaiabi, da Aldeia Kururu. Coleção particular de Simone Athayde e Geraldo Silva, 1999. Foto: Simone Athayde.



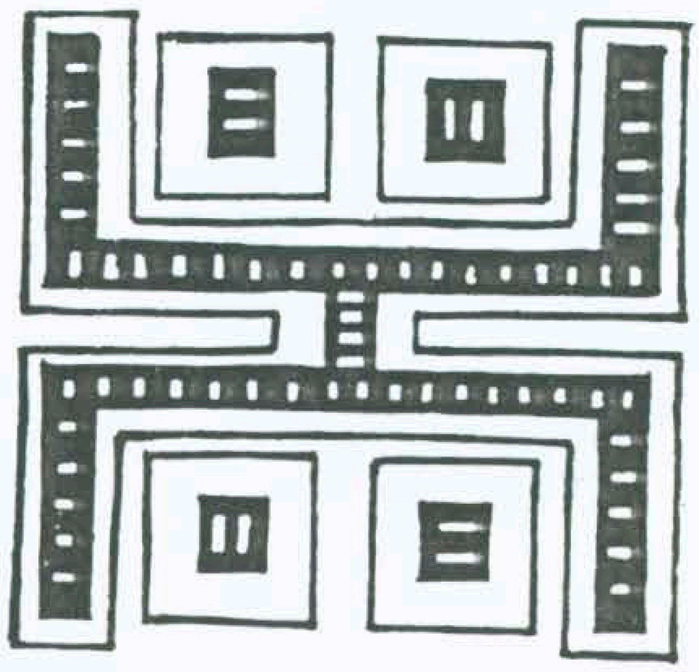
MATERIAL SOBRE PENEIRAS TIRADO DO LIVRO DE BERTA RIBEIRO - SUMA ETNOLÓGICA BRASILEIRA, DO ANO DE 1986.

1



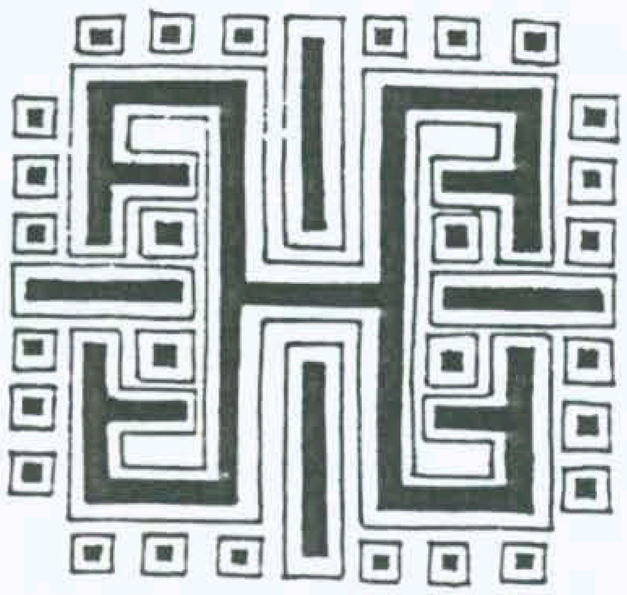
"O pai rodeando o filho"

3



"braços voltados para cima"

2



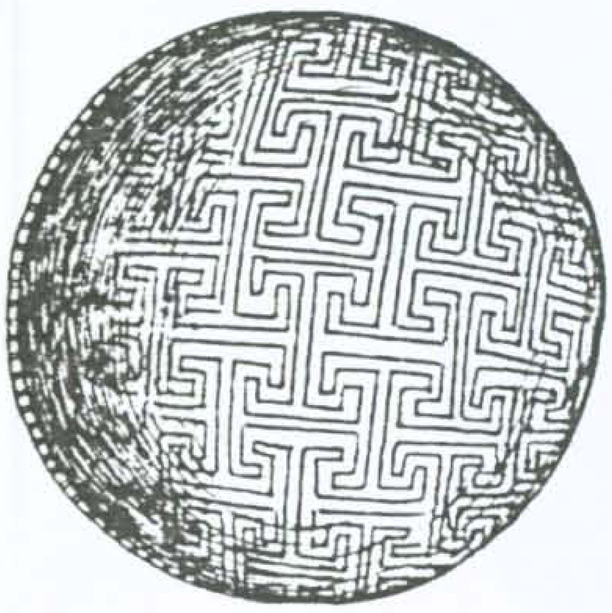
"cotovelo"

"2 dedos"

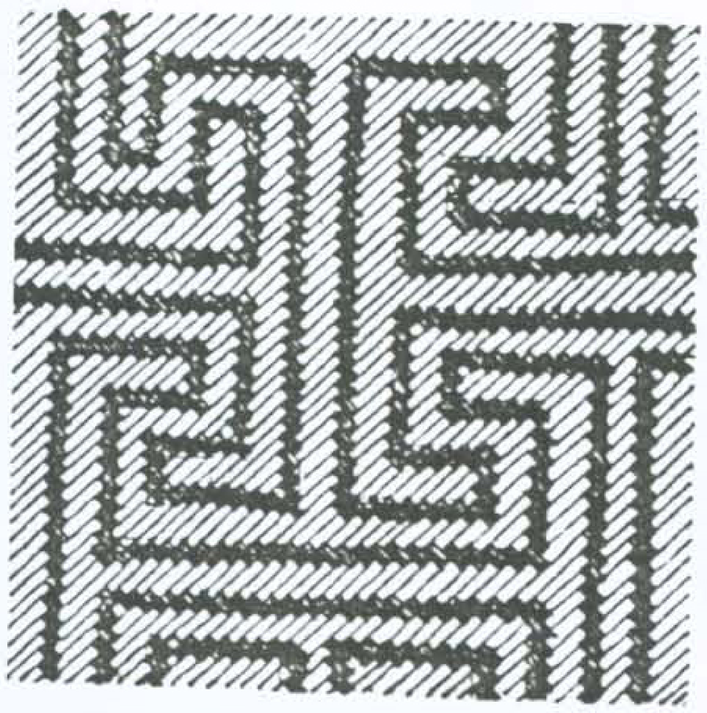
"olhos"

Pr. II. Esquematização de padrões de trançado. 1. *Taangap ta'ɨt*: sobrenatural, criança. 2. *Taangap fañaɨ'ɨp*: gente, dedos esticados, garra. 3. Sapo *kururu*.

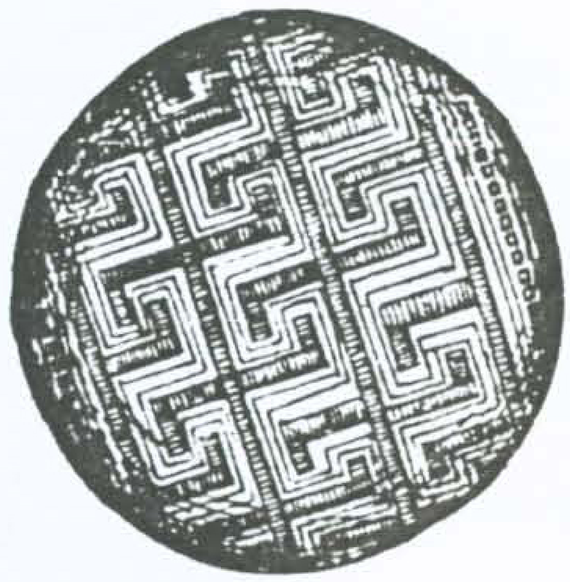
14a

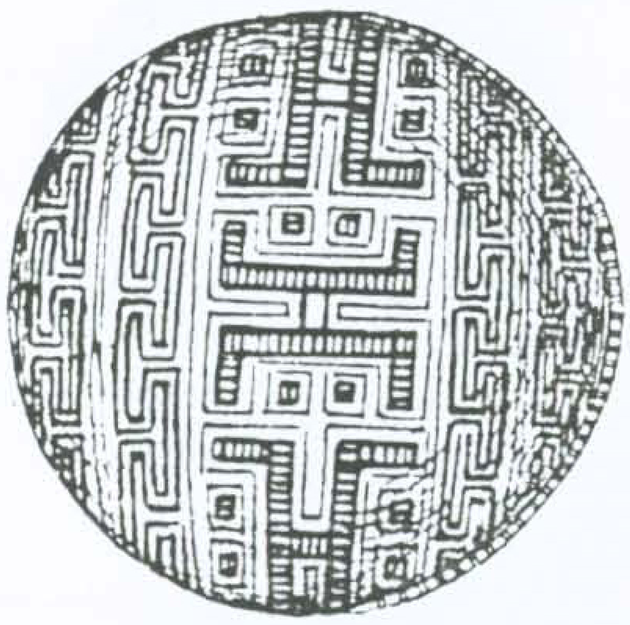


14b



26

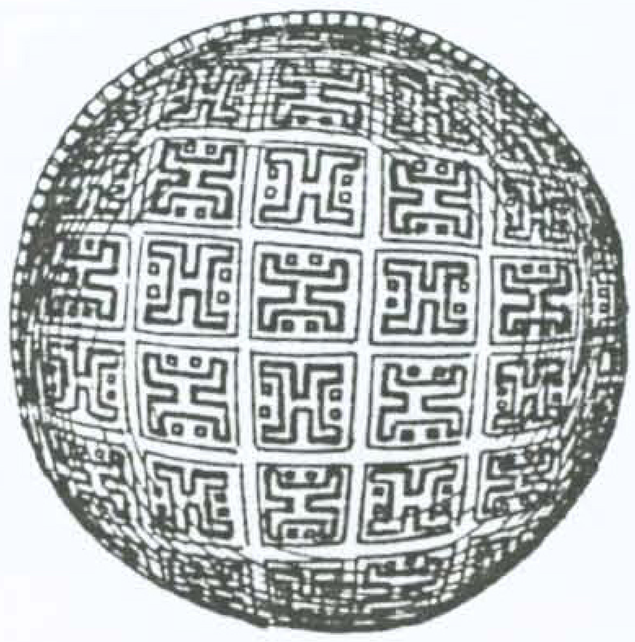




12a

12b

Pr. III. Fig. 14a. Padrão *kwatsiarapat* (muitos braços). *Apud* Grünberg 1967: 55. Fig. 14b. Detalhe ampliado do padrão *kwatsiarapat* (ibidem). Fig. 26. *Kwatsiat*: variante do padrão *kwatsiarapat* com o mesmo significado. *Apud* Grünberg 1967: 57. Fig. 12a. Sapo *kururu* com *ea* (muitos olhos) e fileiras do motivo *iwirapui* (cipós). *Apud* Grünberg 1967: 55. Fig. 12b. Detalhe do motivo sapo *kururu* (ibidem).

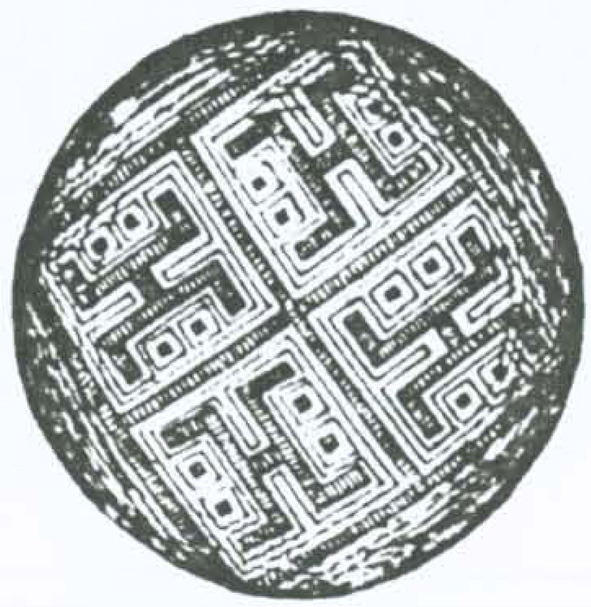


16a

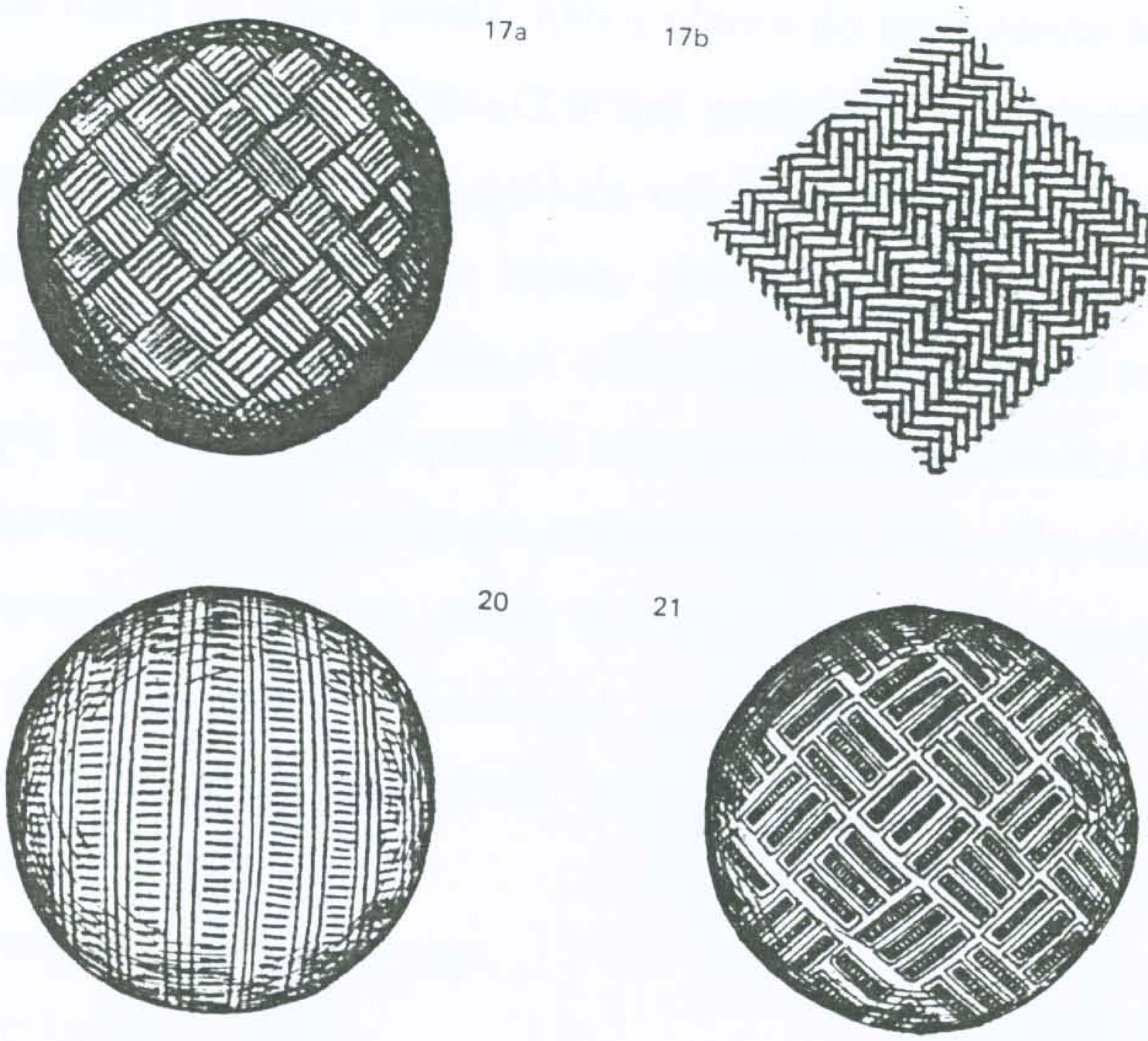
19

24

25



Pr. IV. - Fig. 16a. Urupema com 36 sapos *kururu*. *Apud* Grünberg 1967: 55. Fig. 19. Três sapos *kururu* com quatro *ea* (olhos) cada um. *Apud* Grünberg 1967: 56. Fig. 24. Motivo sapo *kururu* ladeado pelo padrão *iwirapuí* (cipós entrelaçados). *Apud* Grünberg 1967: 57. Fig. 25. Sapo *kururu* com os respectivos *ea* (olhos). *Apud* Grünberg 1967: 57.



Pr. V. Fig. 17a. Motivo *yowiteran*, sem significado. *Apud* Grünberg 1967: 56. Fig. 17b. Detalhe ampliado do motivo *yowiteran* (ibidem). Fig. 20. Motivo *inimo'eta* (muitos fios). *Apud* Grünberg 1967: 56. Fig. 21. Variante do motivo *inimo'eta* (ibid.).

MATERIAIS DO MATO USADOS PARA FAZER AS PENEIRAS

Na aldeia Kururu, fizemos em 22 e 23/06/99, um trabalho de pesquisa sobre o *uruyp*, conhecido na língua portuguesa como arumã, um dos materiais do mato que é usado para trançar as peneiras. O trabalho teve orientação do Professor Tarupi Kaiabi e participação dos alunos Tere Kaiabi, Myrici Kaiabi, Iwã Kaiabi, Myaojup Kaiabi e Jamana Kaiabi. Primeiro, fizemos uma visita a um local onde o pessoal da aldeia tira uruyp. Pegamos algumas mudas da planta e trouxemos para a aldeia, para usar na aula. Aí, cada aluno desenhou a planta olhando para a muda que foi trazida, escrevendo os nomes das partes da planta em português e na língua.

ESTUDO DO URUYP

O que é o uruyp?

Uruyp é um material que o povo Kaiabi usa para fazer peneira. Todos conhecem o uruyp, até os meninos pequenos. Uruyp kuruk é uma planta aqui do Xingu que gosta do tipo de mato chamado yataran.

Como é a planta do uruyp?

Todas as árvores juntas formam o mato, chamado de *ka'a*. Além disso, tem vários tipos de árvores. O nome geral de árvore é *yp*. O uruyp não é uma árvore, é uma planta baixinha, que não cresce muito alto, chamado na língua Kaiabi de *j'ywukue'em*. Tem uma doença que dá na planta do uruyp, chamada de j'ywaip.

Como é o lugar onde fica o uruyp?

Ele nasce na terra úmida, não é planta do seco. Neste lugar o mato é baixo e as árvores são altas. O uruyp gosta mesmo é do yataram, mas às vezes a planta pode ficar no ka'a rete, mas não é muito. O lugar do uruyp tem bastante banana brava, chamada *pokop*. Neste lugar tem muitos barranquinhos. O chão é sujo e no inverno enche com água. O nome do barranco é *ywyafã'j*, ou *ywyte'ri*. Quando tem muito barranquinho, usa-se a palavra *ywyafã'nyp*. O nome do chão, a parte mais baixa, é *ywyapiry* ou *yatap*. O lugar onde a planta do uruyp gosta mesmo de ficar é o *ywyafã'j*.

Que tipos de uruyp existem?

Existem três tipos de uruyp:

- uruyp kuruk
- uruyp wete
- uruyp wuu

Aqui no Xingu só existe um tipo de uruyp, que é o uruyp kuruk.

Quais são as partes da planta uruyp?

A'kang - nome geral para galho

Enupy'ã - joelho, divisão principal de onde saem os galhos

Etyma'kang - galho que nasce depois do joelho

Akã jo'ok - divisão do galho

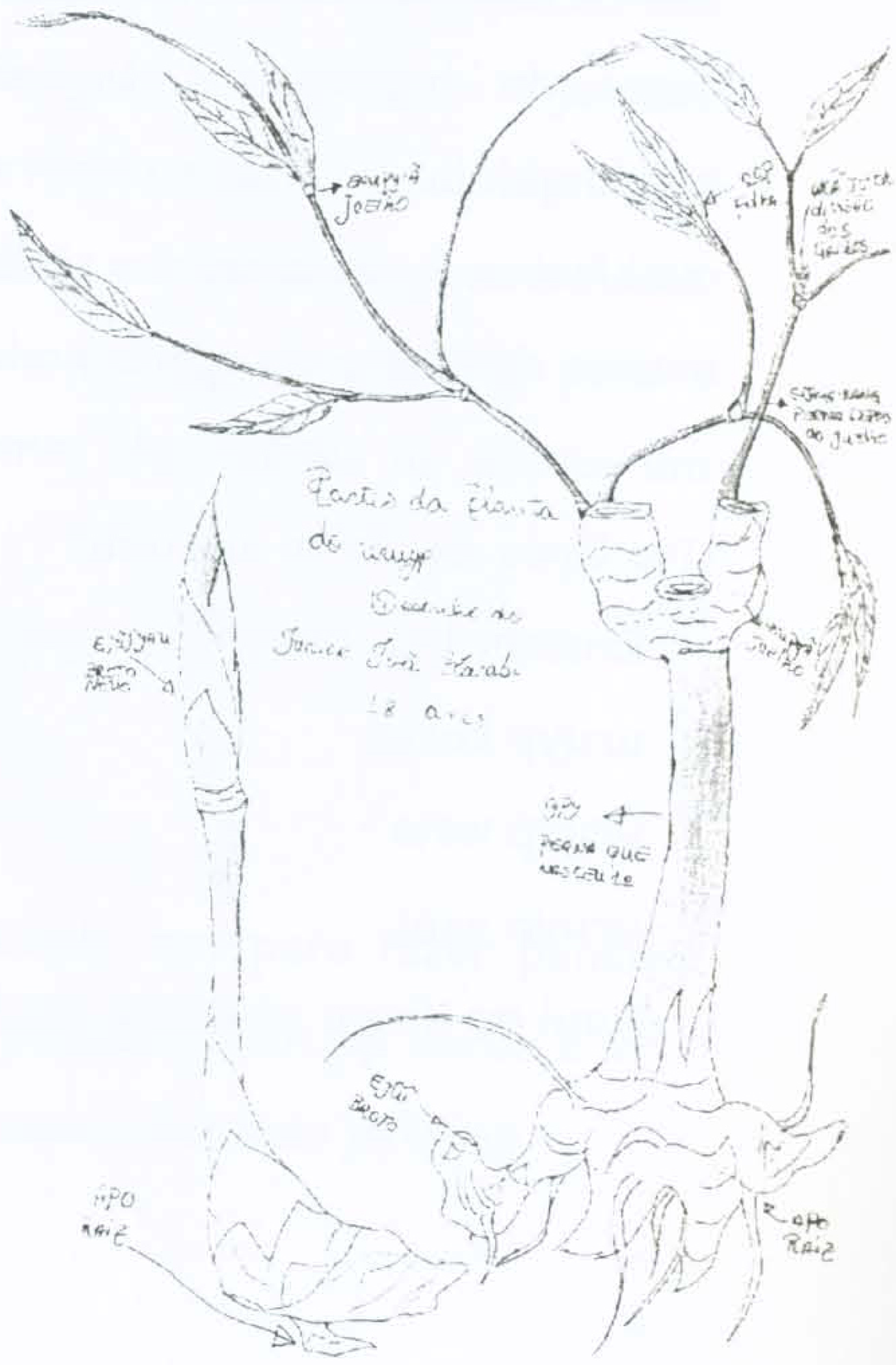
Iypy - a perna da planta, que nasce antes de formar o joelho. É o caule da planta antes de separar, porque não divide, não separa, sempre fica quando a planta é cortada.

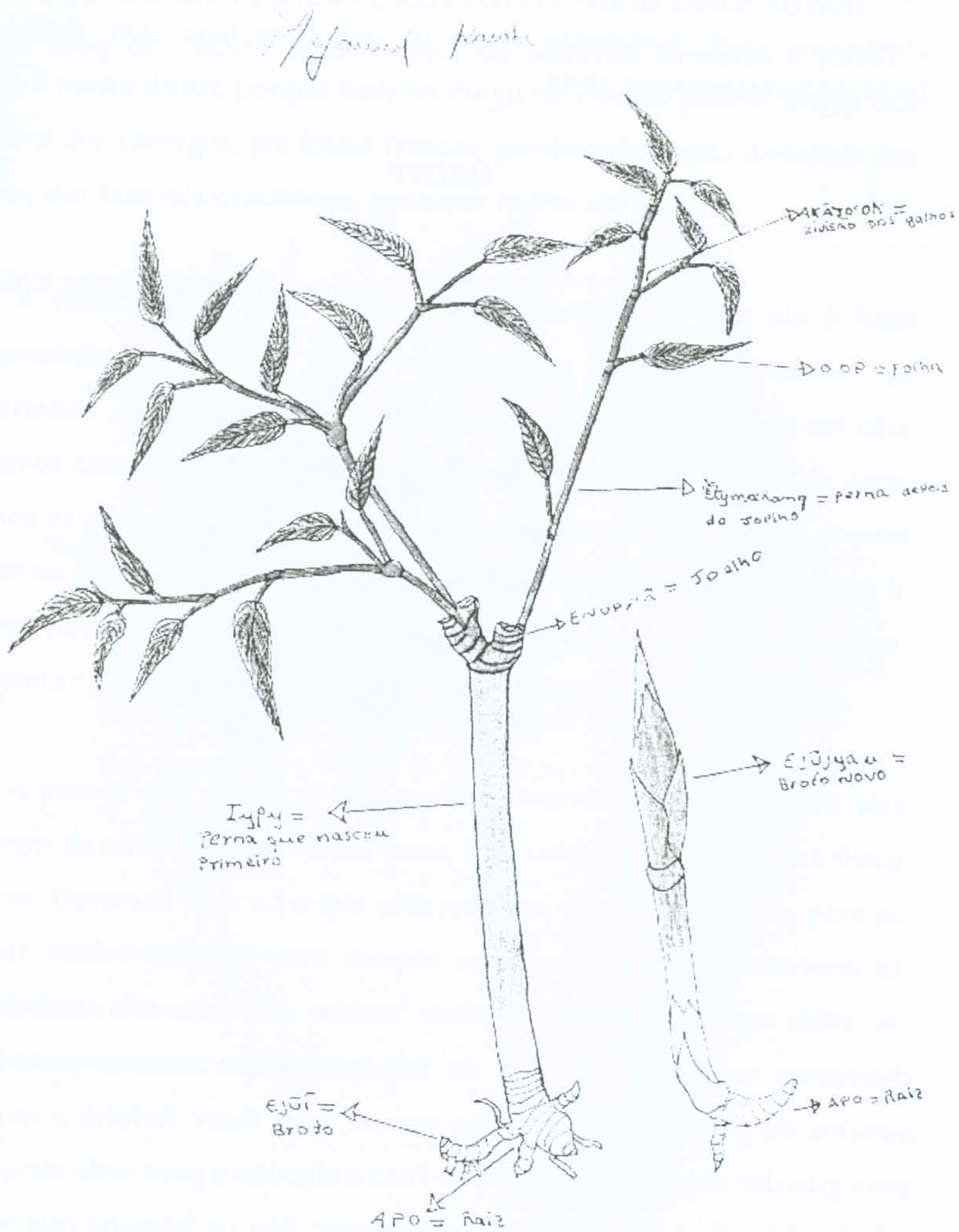
Oop - folha

Ejujyau - broto

Ejui - gema da folha

Apo - raiz




DAKÃJO'ON = ziriro dos galhos
DOOP = folha
Etymaxang = perna depois do sorino
ENUPÃ = Sorino
EJÜJYAU = Broto novo
Iypy = Perna que nasceu primeiro
EJÜT = Broto
APO = Raiz
APO = Raiz

TEXTOS SOBRE URUYP FEITOS PELOS PROFESSORES INDÍGENAS

* Textos e desenhos extraídos do Livro "Nossas Matas", do povo Kaiabi, Instituto Socioambiental, 1998.

URUYP

Maure Kaiabi e Awatat Kaiabi

Desenho: Tangeakatu Kaiabi

Na sociedade Kaiabi usamos muito um recurso natural que chamamos **uruyp**. É um tipo de taquarinha que usamos para fazer peneira. As peneiras que fazemos servem para fazer farinha e mingau, para guardar objetos da casa, como fuso e algodão e para enfeitar a casa. Nós também fazemos peneiras para vender. São os homens que sabem fazer peneira. Aqui no Xingu não tem bastante, por isso os Kaiabi fazem pouca peneira, falta material.

Na área ancestral Kaiabi tem dois tipos de **uruyp**: **uruywete** e **uruykuruk**, mas aqui no Xingu só existe **uruykuruk**. Para encontrar **uruyp** é muito difícil, porque aqui no Xingu tem muito pouco. **Uruyp** fica na beira dos córregos, em locais frescos, geralmente muito distantes das aldeias, por isso nós precisamos procurar muito até achar.

A folha dela é igual a folha de taquarinha, só que ela é bem pequenininha. Quando nós encontramos uruyp cortamos as taquarinhas, depois amarramos com embira. Quando chegamos em casa rachamos com faquinha e colocamos no sol para secar. Depois de seca, tiramos as carnes delas e trançamos. Antes de começar a pessoa precisa pensar no desenho que vai fazer na peneira. Antes de terminar precisa ir novamente ao mato para tirar o cipó, para amarrar e firmar a peneira. Para pintar a peneira usamos uma tinta que tiramos de uma árvore.

A pessoa que for tirar uruyp deve tirar só a metade, para elas nascerem de novo. Se tirar várias vezes, sem cuidado, o recurso fica fraco e morre. Devemos tirar só o que está maduro, deixando o verde para se renovar. Assim teremos para sempre esse recurso. Se queimarmos as taquarinhas, elas não vão crescer mais, correndo o perigo delas se tornarem um recurso não-renovável.

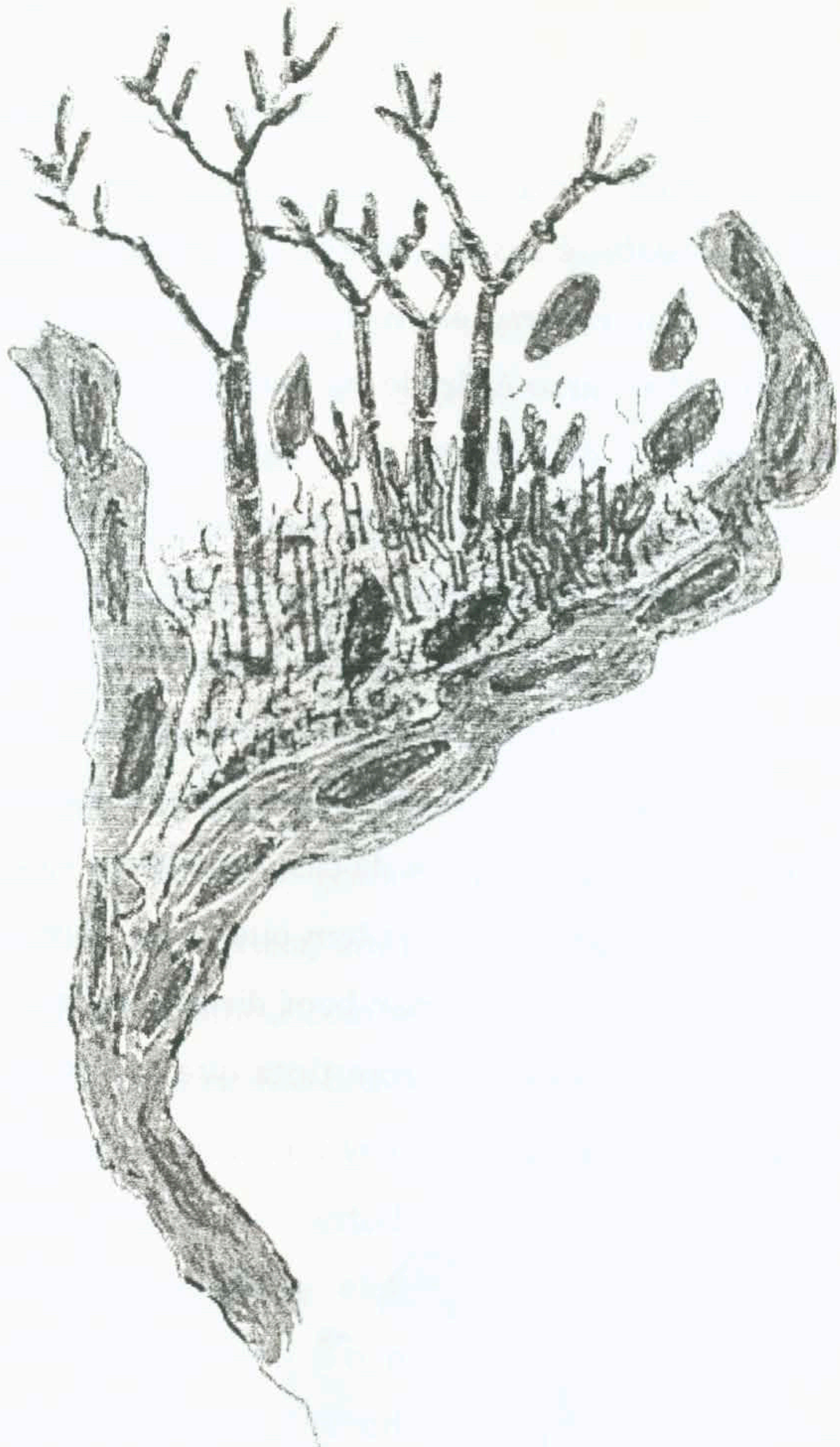
TAQUARINHA

Jemy Kaiabi

Taquarinha é um recurso natural para a sociedade Kaiabi, que o povo nunca deixou de usar. É usada para fazer peneira, e chamada por nós de uruyp. Para fazer peneira tem que ir no mato em busca de uruyp, procurar na beira do córrego, dentro do mato. Uruyp gosta de lugar fresco. Ela não gosta muito de viver no mato bruto, elas ficam amontoadas, só num pé. Para cortar taquarinha não pode cortar tudo senão morre tudo. Tem que deixar pelo menos cinco ou dez pés para taquarinha se renovar.

O povo Kaiabi, depois de tirar taquarinha, pode trazer na casa e depois rachar com faquinha e colocar no sol para secar. Depois de secar pode tirar as carnes delas quando acaba de terminar, pode começar a fazer peneira, antes de começar pode pensar qual o tipo de desenho que você vai desenhar na peneira.

Assim que a peneira ficar quase pronta, a pessoa pode ir novamente no mato cortar cipó e trazer para amarrar na peneira para firmar. Cipó que é trazido do mato a gente amarra junto com a peneira, firmando a beira da peneira. Depois que a peneira ficar pronta, a mulher usa para fazer mingau, coar suco de mel, etc.



Desenho: Aturi Kaiabi

URUYP

Matari Kaiabi

Na sociedade Kaiabi é usado muito um recurso natural que chamamos de uruyp. Este recurso é um tipo de taquarinha, que usamos para fazer a peneira. O recurso é tirado na beira dos córregos. A pessoa que tira corta só metade do recurso para ele nascer de novo, mas se tirar várias vezes o recurso fica fraco e até morre.

Este recurso natural não nasce em qualquer lugar, somente na beira do córrego. Na área ancestral do povo Kaiabi tem dois tipos de uruyp, uruyp wete e uruyp kuruk, mas aqui no Xingu só existe um tipo que é o uruyp kuruk. Este recurso é para fazer peneira, usada para fazer mingau, coar farinha , guardar objetos da casa, enfeitar a casa, etc.

Para conseguir o recurso a pessoa tem que caçar no mato, na beira dos córregos. Tem que cortar, arrumar bem direito, rechar, colocar no sol e trançar. Depois, tem que pintar com tinta que se tira do pau, que é um recurso natural também.

HISTÓRIA DOS ANTROPÓLOGOS QUE TRABALHARAM COM AS PENEIRAS KAIABI

Os antropólogos deram o nome de "cultura material" para os vários tipos de artesanato feitos para uso e para venda pelos povos indígenas. Eles deram este nome para os produtos indígenas de uso, porque eles são uma manifestação, uma expressão da cultura do povo, só que na forma de um material, um objeto.

Os objetos (materiais de uso) indígenas são mais do que simplesmente artesanato. Eles são um tipo de arte. A arte, é uma forma de mostrar, de expressar a cultura e o conhecimento de uma sociedade. A música, a dança, o teatro, o cinema, a pintura, o conjunto de objetos de uso (cultura material) e as festas indígenas, são tipos de arte.

Alguns antropólogos andaram estudando a arte Kaiabi, principalmente os padrões gráficos (desenhos) das peneiras. Georg Grünberg, nascido na Áustria, um país da Europa, foi um dos primeiros antropólogos que trabalhou com os Kaiabi, no ano de 1966, quando o povo Kaiabi ainda vivia no Rio dos Peixes.

Grünberg acompanhou a viagem de parte dos Kaiabi para o Xingu. Ele escreveu um livro sobre o estudo da história dos Kaiabi, do seu modo de viver e dos problemas que eles tiveram com o contato com os não índios. Ele também escreveu um pouco sobre o artesanato dos Kaiabi, deixando registrados alguns desenhos de peneira no papel, e também algumas fotos de peneiras naquela época. Além disso, ele levou os materiais dos Kaiabi para vários museus, do Brasil e da Áustria.

Os museus são locais onde os não índios guardam objetos de interesse para a ciência e para a história dos povos indígenas e não indígenas. Hoje, depois de 30 anos, é possível visitar os museus e ver as peças que Georg Grünberg levou naquela época.

Grünberg trabalha com o material que trouxe do Rio Tatuy em um museu na Áustria.

TEXTO DO LIVRO DE GEORG GRÜNBERG, DE 1967, ONDE ELE FALA SOBRE AS PENEIRAS KAIABI*

* Foram feitas modificações mínimas no texto original da tradução de Thekla Hartmann, visando melhor compreensão do mesmo pelos índios.

"Apás (peneiras) Araaoo- usados para guardar por pouco tempo gêneros alimentícios, os apás são trançados de uru'ip, taquarinha, cipó e fios de algodão. Seu trançado é do tipo cruzado em diagonal, mostrando vários motivos decorativos que representam figuras de pessoas, animais e outros. Os homens fazem os apás para o uso de toda a família.

Medidas de seis exemplares:

1. 37,5 cm de diâmetro e 12,5 cm de altura
2. 39 cm de diâmetro e 13 cm de altura
3. 37 cm de diâmetro e 14,5 cm de altura
4. 51,5 cm de diâmetro e 16 cm de altura
5. 34,5 cm de diâmetro e 12 cm de altura
6. 19,5 cm de diâmetro e 6,8 cm de altura.

Feitura - Com a unha do polegar racham-se as taquarinhas que são colocadas a secar no sol até que seu miolo branco e esponjoso possa ser tirado com facilidade. Depois dividem-se os colmos em tiras do mesmo comprimento e com cerca de 2 mm de largura. O trabalho de trançado é feito por um ou dois homens, acocorados no chão.

Quando pronto, o quadrado assim trançado é dobrado para cima e entalado entre dois aros de cipó. Cada duas talas são dobradas sobre um fio de algodão que envolve os dois aros e enroladas pelo fio seguinte, formando assim o arremate da borda.

Arranca-se a casca da árvore jequitibá, retirando com o facão a grossa entrecasca felpuda e de cor vermelho-escura. Diversas destas faixas de entrecasca são espremidas sobre um recipiente de folha de pacova (tatusi). Passa-se este líquido nos lados de dentro e de fora da peneira, deixando-o secar em seguida. Esse processo é repetido de cinco a dez vezes até o objeto ficar recoberto por uma camada vermelho-escura uniforme. Depois de secar por um a dois dias, essa camada é raspada com a unha do polegar. A tinta solta-se sem dificuldade no lado de fora e liso das talas, mas o seu verso, mais áspero, continua pintado. Assim aparece o desenho, o mesmo no exterior e no interior da peneira, porque as talas são sempre trançadas numa direção com o seu lado áspero para cima e, na outra direção, com o seu lado liso para cima.

Informações complementares: trançar apás é considerado um trabalho importante, porque é "bonito" e as pessoas sentem orgulho em fazer as peneiras. São poucas as pessoas que sabem fazer os desenhos mais difíceis. Além disso, a peneira é o item mais importante do presente de noiva. Parece que o desenho "tana" chegou aos Kayabi através dos Apiaká.

Depois de Grünberg, outra pessoa que estudou as peneiras Kaiabi foi a antropóloga Berta Ribeiro, nascida no Rio de Janeiro, que faleceu há dois anos atrás. Ela trabalhava no Museu Nacional do Rio de Janeiro, se interessava pelo estudo das artes dos povos indígenas brasileiros e escreveu vários livros sobre o assunto.

Um estudo que demorou vários anos, foi um livro que ela escreveu sobre o artesanato feito em palha (como cestos, peneiras, panaku) de vários povos indígenas do Brasil. Para este trabalho, Berta viajava pelas aldeias de diferentes povos, conhecendo os cestos e peneiras feitos por eles: como são feitos, que materiais do mato são usados, para quê são usados e quais são os significados dos desenhos feitos nestes materiais.

Berta esteve no Parque Indígena do Xingu, estudando a arte dos povos xinguanos em três viagens, em 1977, 1980 e 1981. Em sua estadia no Parque, ela trabalhou com Sirawe Kaiabi, cacique da Aldeia Sobradinho. Fez observações de como as peneiras são trançadas, e dos nomes e possíveis significados dos desenhos. Traduziu para o português os significados de vários desenhos, como tanga'ap (pessoa), ea (olhos), kururu'i (sapinho) e outros. Este estudo sobre os desenhos das peneiras Kaiabi, Berta publicou em um livro, em 1986, com vários desenhos e fotos. Algumas pessoas no Parque possuem este livro, que é usado para ajudar a lembrar dos tipos de desenho e às vezes para escolher um desenho diferente para fazer. A gente vê como é importante deixar documentos registrando a história dos povos indígenas, principalmente quando estes trabalhos voltam para as comunidades e podem ter alguma utilidade, como no caso da publicação de Berta.

Berta escreveu em um de seus trabalhos, que os povos Kaiabi, Tapirapé e Paresi são os únicos que pintam as peneiras depois de prontas. Os outros povos pintam primeiro as talas do material (que pode ser buriti, uruyp=arumã, e outros) com tintas tiradas do mato e urucum para as partes vermelhas, depois eles fazem os desenhos com as talas já pintadas.

Berta Ribeiro entre os índios Kadiweu.

SUGESTÕES DE TEMAS PARA PESQUISA NAS ALDEIAS, COM OS MAIS VELHOS, PARA COMPLETAR O LIVRO

- Pesquisar mais histórias sobre as peneiras Kaiabi, escrever as histórias em português e na língua junto com seus alunos. Pedir para os alunos ilustrarem a história.

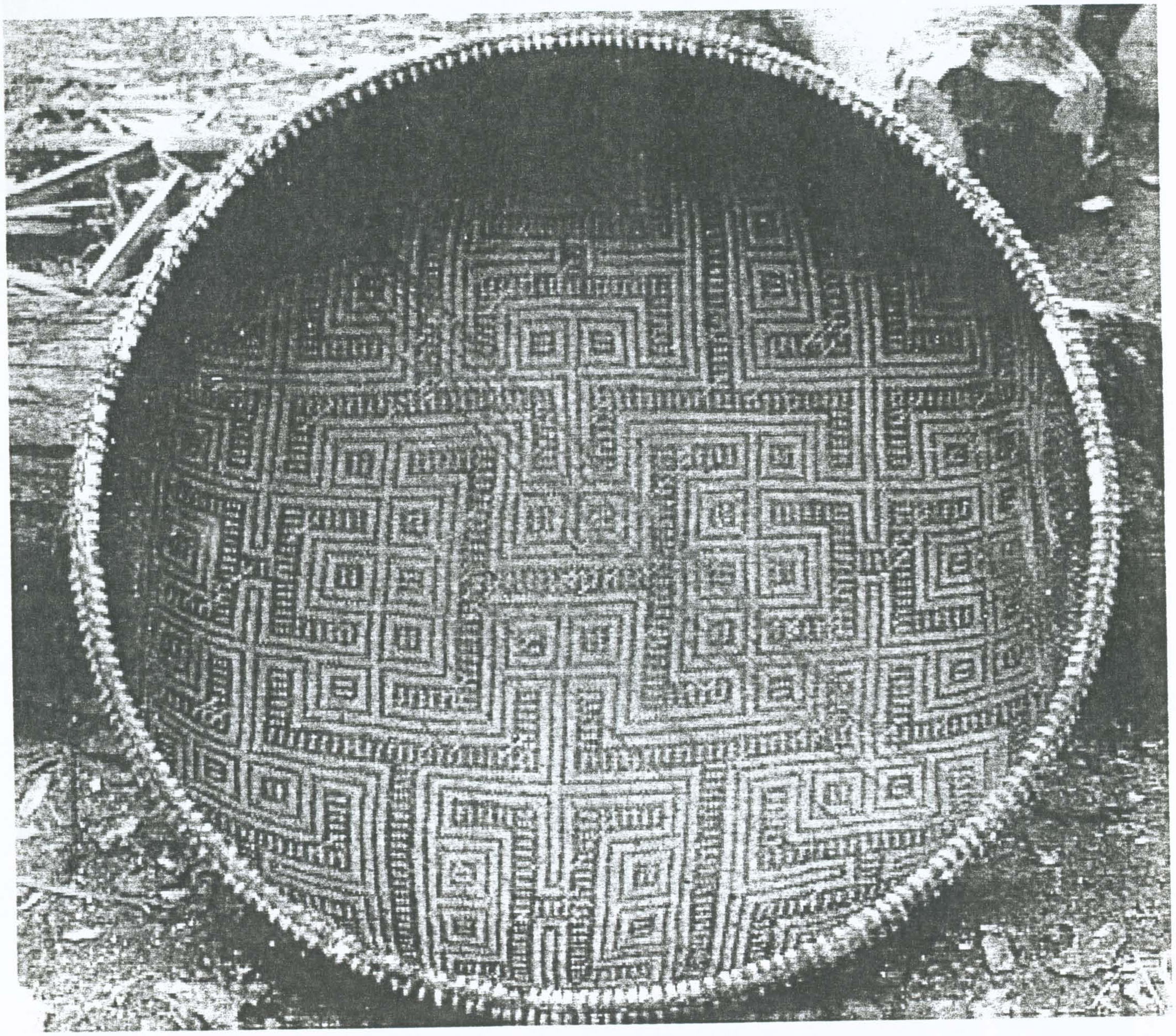
- Descrever todo o trabalho de fazer uma peneira, desde seu início até o final, ilustrando com desenhos.

- Pesquisar sobre os desenhos de peneira, se são do próprio povo ou copiados de outros povos, o que eles significam, quais são mais fáceis e quais são mais difíceis.

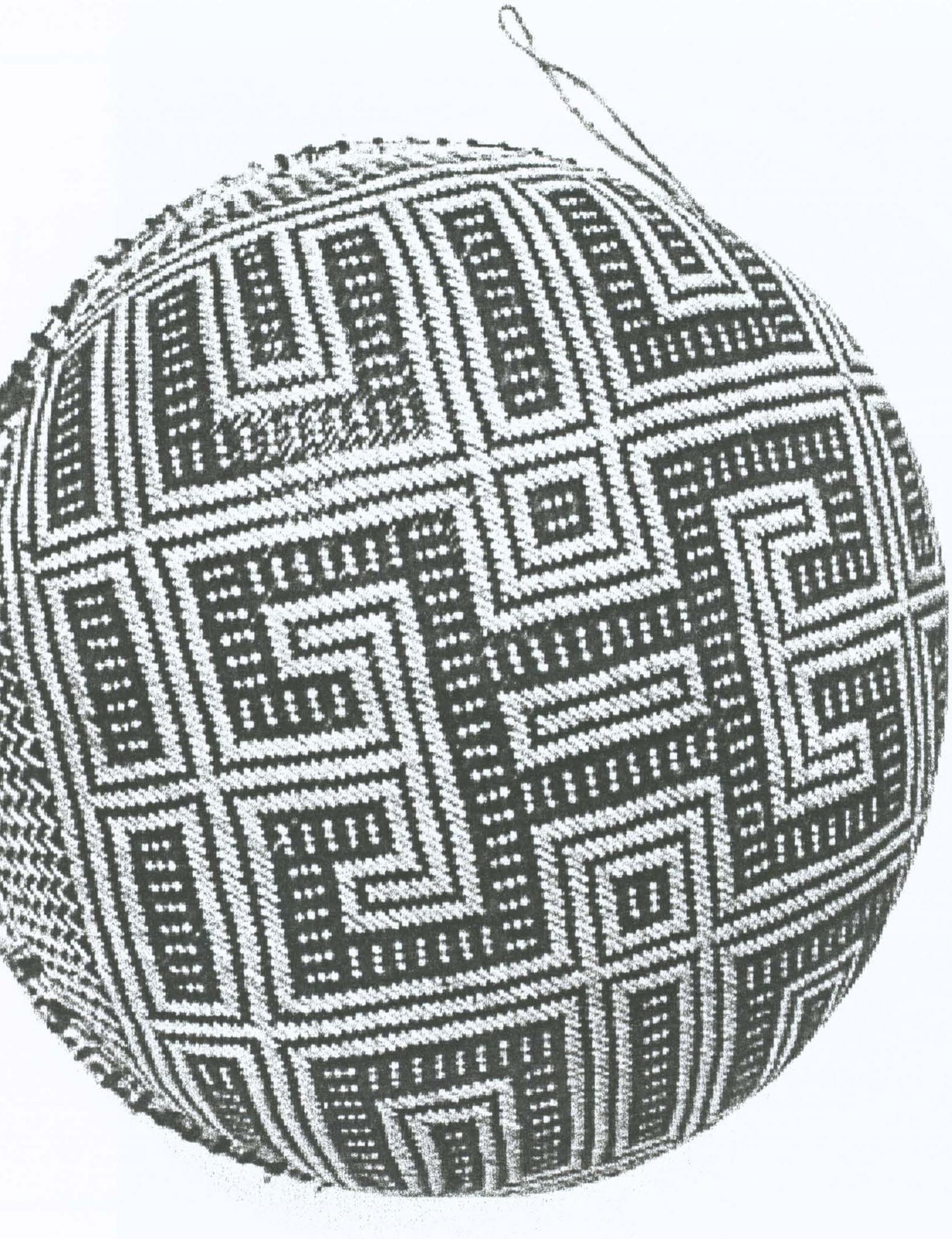
- Pesquisar sobre os materiais do mato usados para fazer as peneiras, quais são, como são usados, em que mato eles ficam, se trem perto da aldeia ou eles ficam longe, se existem histórias sobre estes materiais.

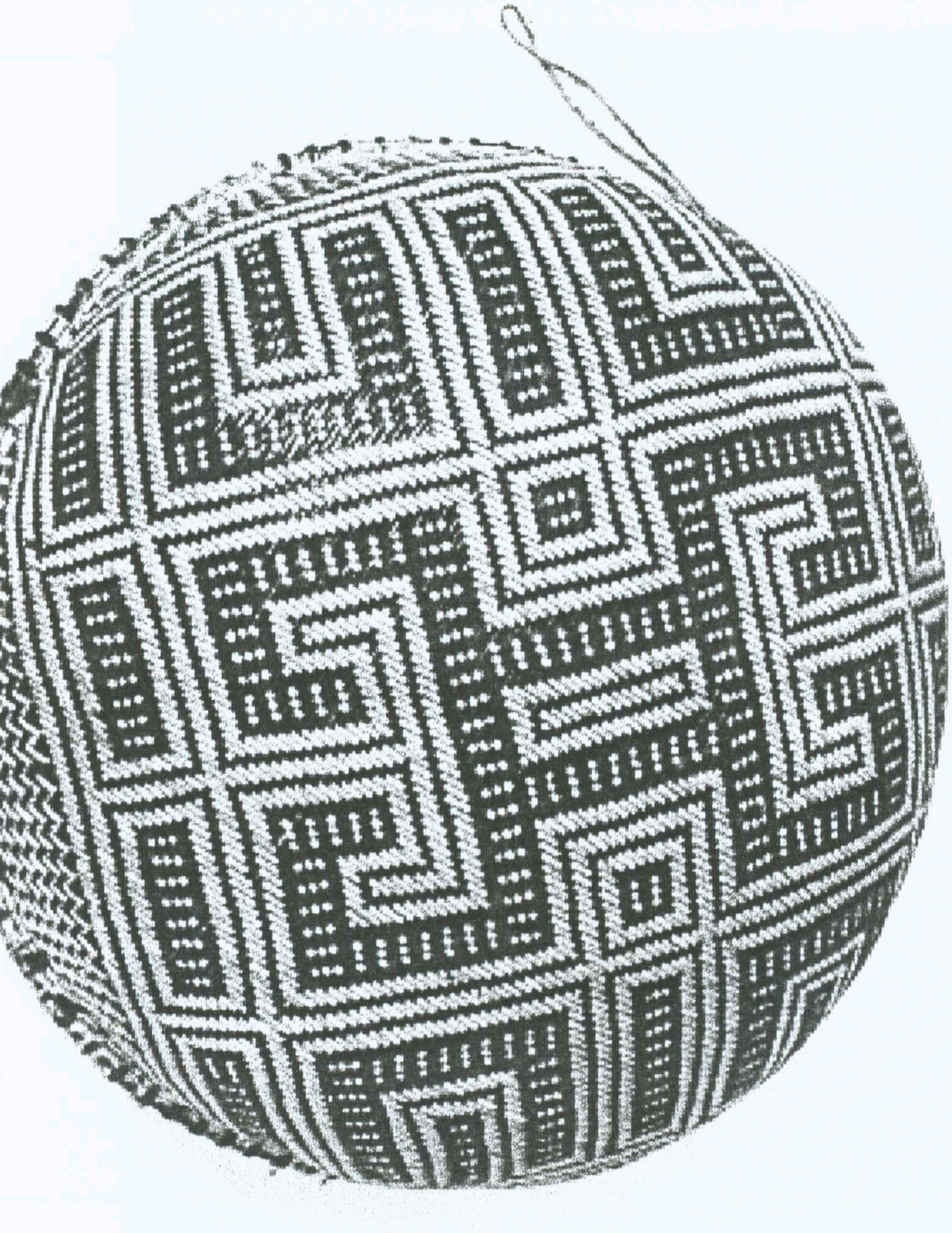
- Registrar os desenhos de peneira que você conhece no papel quadriculado que está junto com o livro.

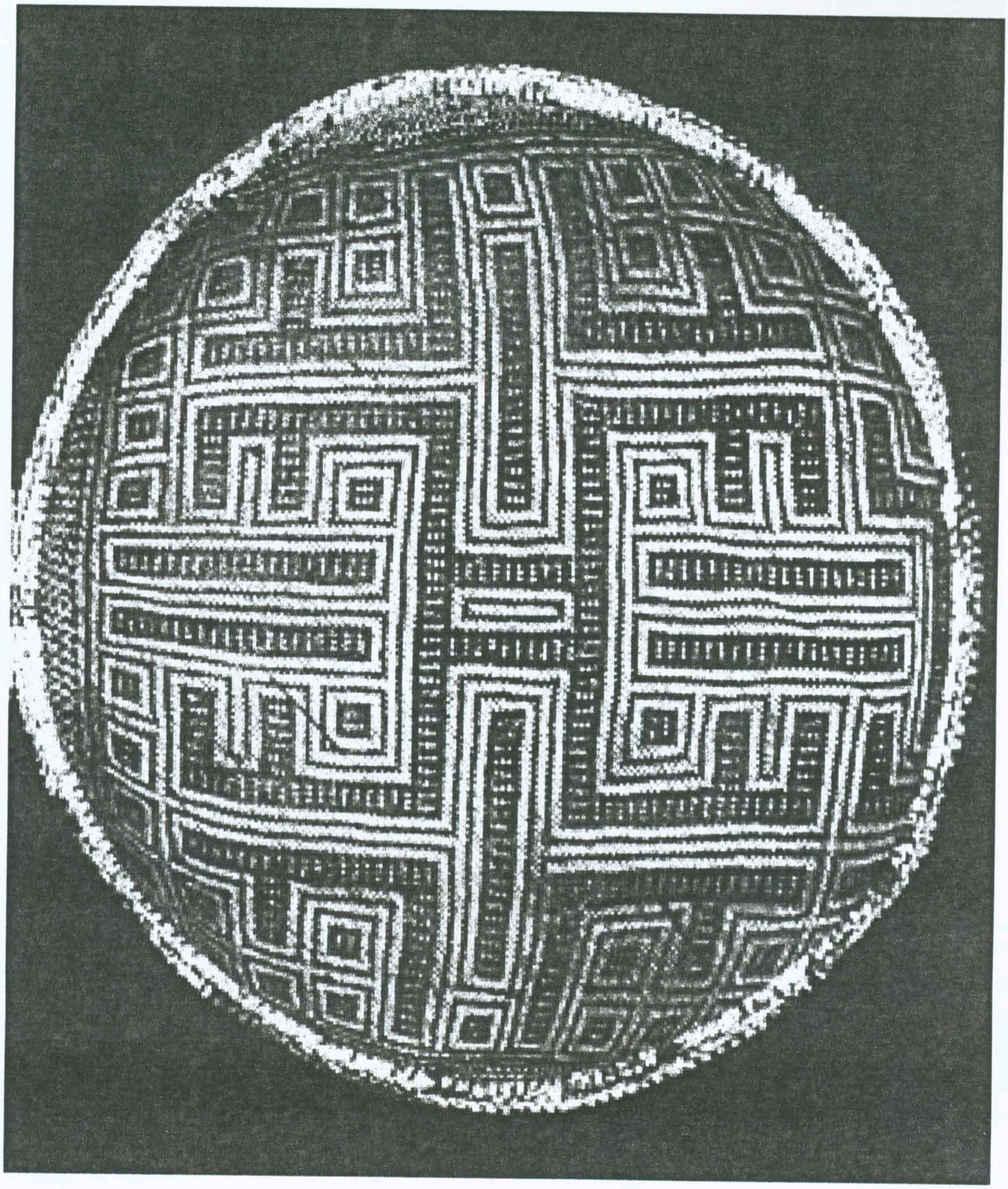
PAPEL QUADRICULADO PARA REGISTRO DE DESENHOS DE PENEIRA

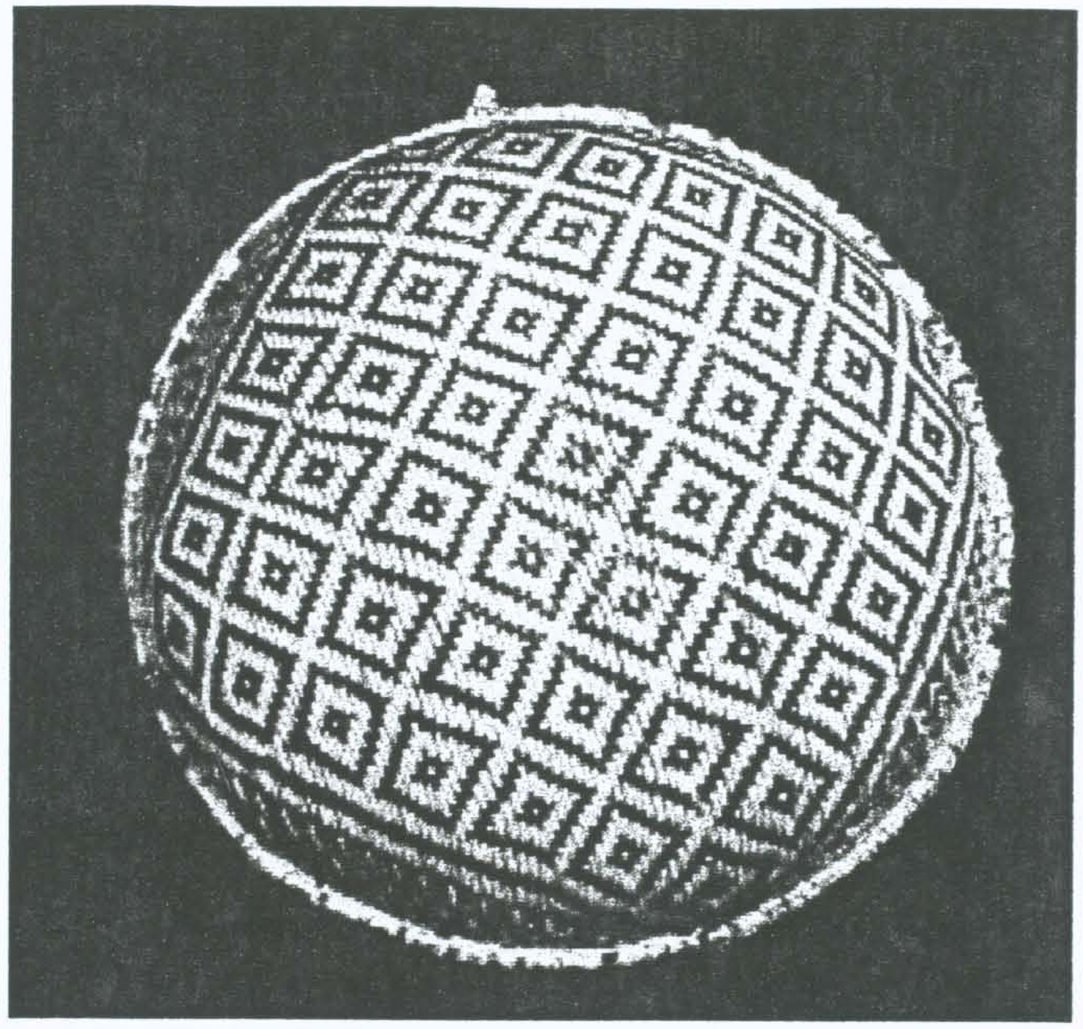
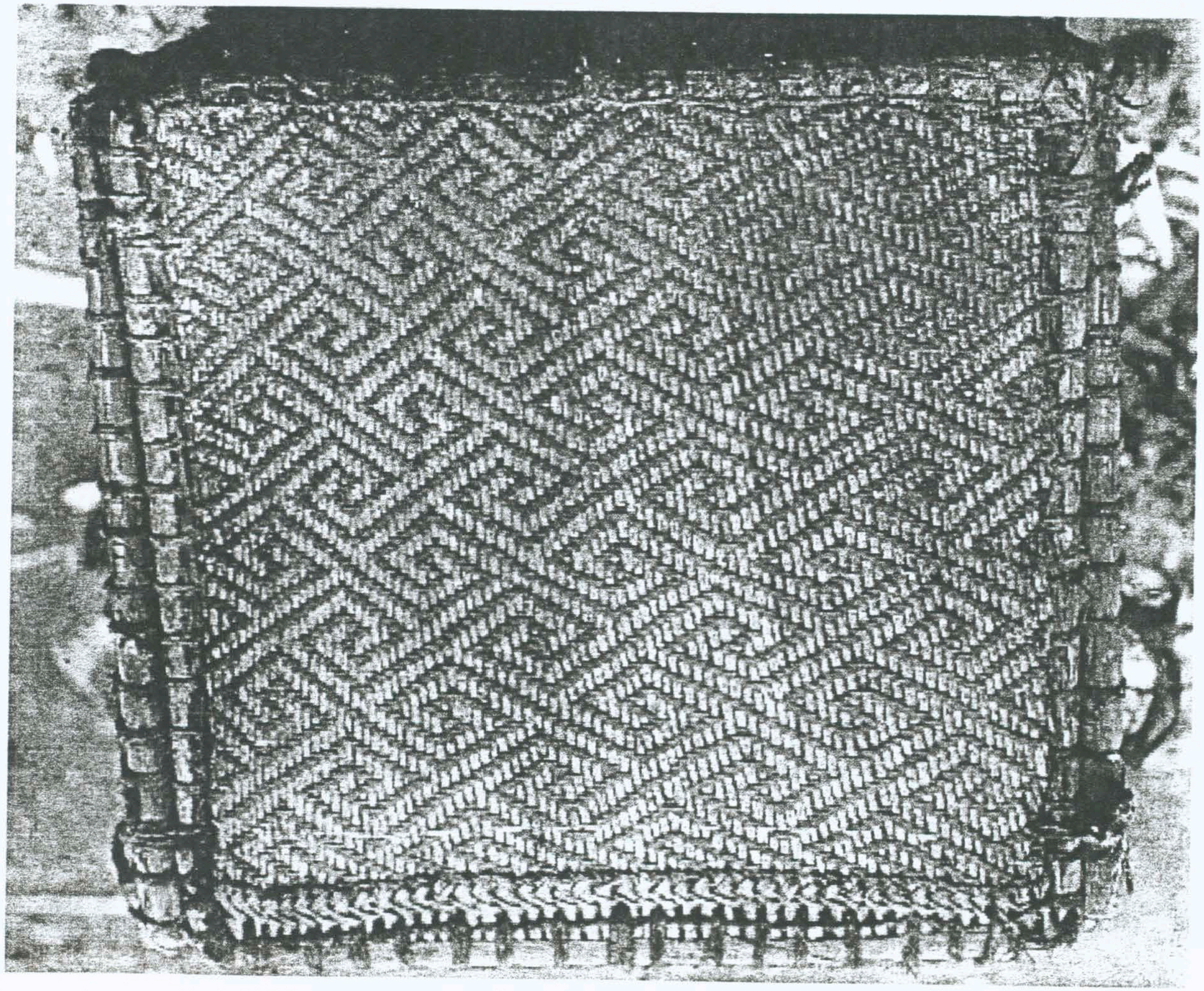
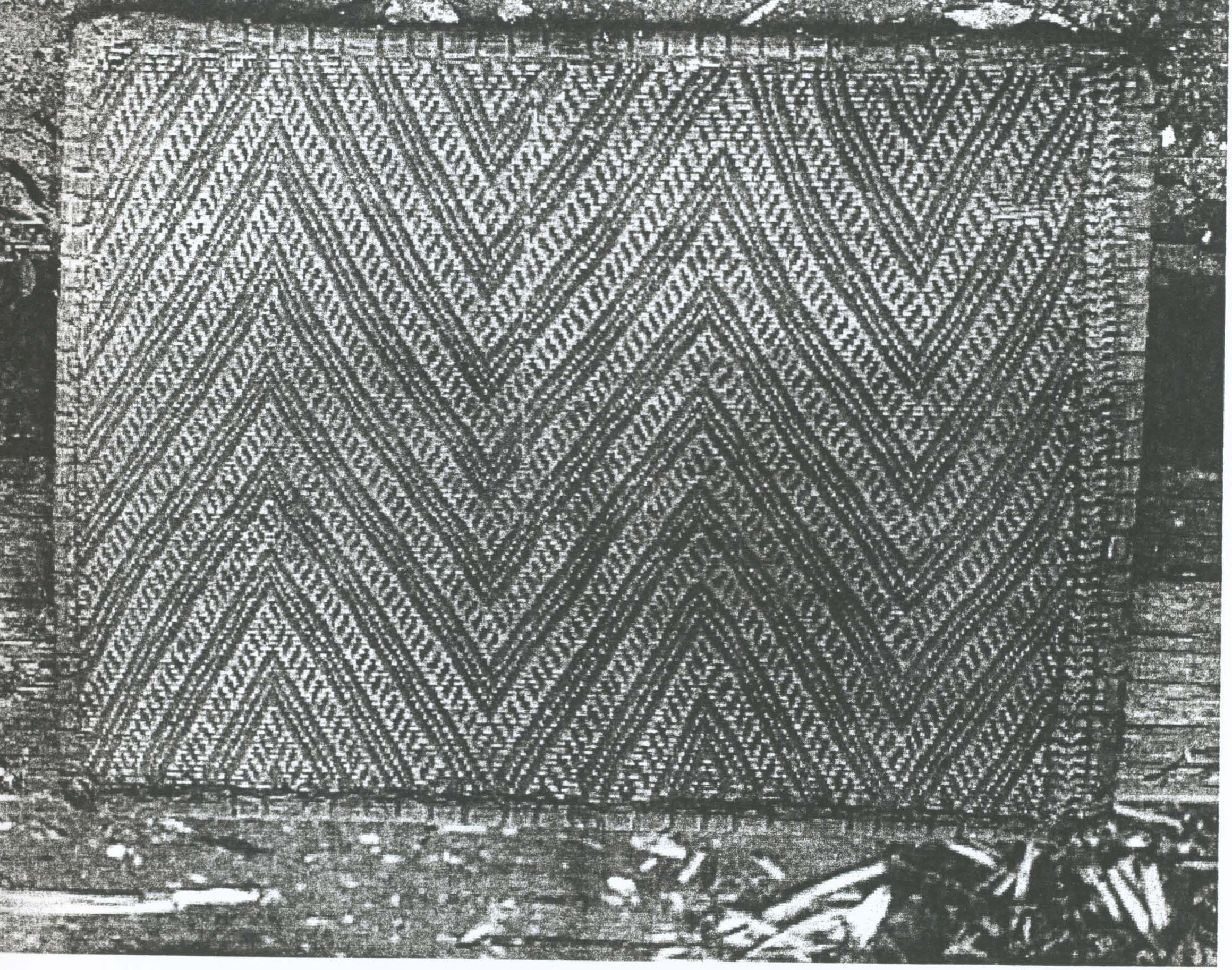


Número 1- Foto de Georg Grünberg, Rio dos Peixes, 1966.









Número 18 - Peneira feita de buriti, por Tymari Kaiabi, da Aldeia Kururu, 1998. Foto: Patrícia Di Filippi.